UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ANA ELISA DE OLIVEIRA

RÁDIO ESCOLA: UMA SINTONIA NO AR...

CURITIBA
2009

ANA ELISA DE OLIVEIRA

RÁDIO ESCOLA: UMA SINTONIA NO AR...

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profª. Drª. Rosa Maria Cardoso Dalla Costa

CURITIBA
2009

AGRADECIMENTOS

Ao Pai Celeste pela minha existência, benção e proteção.

À minha mãe, por toda a sua sabedoria, dedicação e incentivo ao longo destes anos e, principalmente, por seu esforço em compreender e aceitar, mesmo quando discordava de minhas escolhas e opiniões.

Aos meus queridos irmãos e irmãs, pelo apoio incondicional nos momentos mais difíceis da trajetória acadêmica: vale-transporte, apostilas, casa, comida, carinho. Sem o apoio de vocês, eu jamais chegaria até aqui!

Ao meu amado marido pelo esforço e dedicação, pelo amparo nas horas confusas, pela paciência em ouvir repetidas vezes sobre a pesquisa, por tudo que vivemos e compartilhamos desde o nosso encontro.

Ao meu pai, pelo ombro amigo; aos sobrinhos e sobrinhas por serem a inspiração e esperança de um mundo melhor; ao filho que ainda vai chegar, pela continuidade da vida.

A minha orientadora por todos os “puxões de orelha” que moldaram e transformaram meus manuscritos em um trabalho acadêmico, buscando extrair o melhor de mim.

Aos examinadores da banca de qualificação pela valiosa contribuição e indicação de caminhos que enriqueceram o trabalho.

Ao mestre e amigo Wemerson de Amorim pelo encantamento que o rádio comunitário nos trouxe, pelas indicações de leituras e sensibilidade ao educar.

À Família Maia pelo empréstimo do computador para a digitação da dissertação.

À Família Bueno pelo carinho, amizade, apoio e incentivo.

À Aline Sankari pelas leituras e sugestões no texto, além da amizade e carinho.

À Andressa Grilo e Tatiana Canziani, pela amizade calorosa nesta trajetória. Estudar e aprender com vocês foi maravilhoso!

Ao Anderson Moreira e Lucimara das Graças Camargo de Oliveira pela aceitação no projeto Rede da Vida que oportunizou a realização da pesquisa, pela acolhida, sugestões e informações valiosas sobre a Vila São Pedro e Rádio Escola CESPA.

Aos alunos e alunas da Rádio Escola CESPA que compartilharam suas angustias e inquietações no decorrer da pesquisa e que forneceram as “pérolas” deste trabalho.

À D. Chiquinha, Darci, Irene e demais funcionárias do PPGE pelas informações e atendimento ao longo da trajetória.

Ao professor Iones Ferreira dos Santos e Maria da Penha Fonseca Carneiro pelo valioso “abstract”.

A todas e todos que de uma forma ou de outra contribuíram para a realização desta dissertação, a minha eterna gratidão.

Oh! Lembra-te meu filho, e aprende sabedoria em tua mocidade; sim, aprende em tua mocidade a guardar os mandamentos de Deus!

Sim, e roga a Deus por todo o teu sustento; sim, que todos os teus feitos sejam para o Senhor, e, aonde quer que fores, que seja no Senhor; sim, que todos os teus pensamentos sejam dirigidos ao Senhor, sim, que o afeto do teu coração seja posto no Senhor para sempre.

Aconselha-te com o Senhor em tudo que fizeres e ele dirigir-te-á para o bem; sim, quando te deitares à noite, repousa no Senhor, para que ele possa velar por ti em teu sono; e quando te levantares pela manhã, tem o teu coração cheio de agradecimento a Deus; e se fizeres essas coisas, serás elevado no último dia.

Extraído de O Livro de Mórmon, Alma 37:35-37

RESUMO

Pesquisa qualitativa que buscou compreender o sentido da rádio escola para os alunos que dela participaram e o impacto percebido por eles na aprendizagem escolar. Para tanto, apoiou-se nos estudos da interface comunicação e educação, privilegiando os autores CITELLI(2000, 2002), KAPLÚN (1995), GOHN (2006), SOARES (1999), BRAGA & CALAZANS (2001). Recorreu à história do rádio educativo descrita por MEDITSCH (2001), ASSUNPÇÃO (1999), AMARANTE (2004), COGO (1998) elucidando as contribuições do rádio para a educação e descreveu a linguagem radiofônica conforme ORTRIWANO (1985), LIMA & PEREIRA (2007); BARBOSA FILHO (2003), SILVA (1999), KAPLÚN (1995, 2003) demonstrando o funcionamento de uma rádio na escola. Realizou-se acompanhamento do processo de implantação de uma rádio escola no período de setembro a dezembro de 2007, especialmente as oficinas de capacitação para os alunos de uma escola pública da cidade de Curitiba. Através de observação participante, aplicação de questionários, entrevistas, registro etnográfico e análise documental descreveu as inquietudes, as negociações, os limites e alcances para a instalação da rádio, bem como os modos de produção radiofônica realizada pelos alunos sob a orientação de uma instituição parceira da escola. Constatou-se que a produção dos programas estimulou o trabalho em equipe, a autonomia, o respeito à diversidade cultural, potencializando o protagonismo adolescente e ressaltou a importância da educomunicação no ambiente escolar.

Palavras-chave: educação; comunicação; educomunicação; rádio; rádio escola.

Abstract

This paper is aimed to study the relevance of a radio-school to students in the process of learning. It was based upon the communication-education interface, history of the radio and radio-phonic language. Therefore, it was based upon applications of communication-education interface, favouring the authors CITELLI(2000, 2002), KAPLÚN (1995), GOHN (2006), SOARES (1999), BRAGA & CALAZANS (2001). It has refered to the history of educative radio, described by MEDITSCH (2001), ASSUNPÇÃO (1999), AMARANTE (2004), COGO (1998) elucidating the contributions of the radio for education and it has described the radiophonic language acording to ORTRIWANO (1985), LIMA & PEREIRA (2007); BARBOSA FILHO (2003), SILVA (1999), KAPLÚN (1995, 2003) demonstrating the working method of a school-radio.The implementation of a radio-school was accompanied in workshops. Radio-school was set at a public school in the year 2007 in Curitiba city, from September to December. For such an implementation, strategies were used such as observation, questionnaires, interviews, ethnographic reports and analysis of documents. All the uneasiness, negotiations, limitations and achievements were described. Students' radiophonic productions were oriented by a school partner institution. The project fostered team work, autonomy and respect to cultural diversity while empowering teens' protagonism and stood out the edu-communication.

Key words: education, communication, edu-communication, radio, radio-school.

.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

1 PROBLEMATIZAÇÃO 17

2 EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO: APROXIMAÇÕES 23

2.1 EDUCOMUNICAÇÃO 25

3 RÁDIO E EDUCAÇÃO 30

3.1 A DESCOBERTA DA RADIODIFUSÃO 30

3.2 A RADIODIFUSÃO NO BRASIL 32

3.3 CARACTERÍSTICAS DO RÁDIO 40

3.4 GÊNEROS RADIOFÔNICOS 43

3.4.1 O gênero educativo cultural 45

4 O PERCURSO METODOLÓGICO 47

4.1 O COLÉGIO ESTADUAL SÃO PEDRO APÓSTOLO: 50

4.2 O PROJETO REDE DA VIDA E A RADIO ESCOLA: O CONTEXTO 53

4.3 AS OFICINAS 60

4.4 OS SUJEITOS DA PESQUISA SEGUNDO O QUESTIONÁRIO 61

5 PRÁTICA PEDAGÓGICA DA RÁDIO ESCOLA CESPA 64

5.1 GRAVANDO VOZES 65

5.2 AQUECIMENTO DE VOZES 68

5.3 REPORTAGEM, ENTREVISTAS E ENQUETES 69

5.4 EDIÇÃO E IMPROVISAÇÃO 74

5.5 APRESENTAÇÃO DOS PROGRAMAS 76

6 RÁDIO ESCOLA CESPA: SINTONIA NO AR 77

6.1 PROGRAMA 1: DROGAS 77

6.2 PROGRAMA 4: AFRODESCENDÊNCIA 80

6.3 APRENDENDO NA RÁDIO ESCOLA CESPA 83

CONSIDERAÇÕES FINAIS 88

REFERÊNCIAS 93

APÊNDICE 99

ANEXO A – ROTEIRO DO PROGRAMA DA EQUIPE “MACACOS” 104

ANEXO B - Transcrição Programa 1 – Drogas 106

ANEXO C: Transcrição Programa 4: Afrodescendência 111

ANEXO D – Apostila da Oficina Aquecimento de Vozes 113

ANEXO E – Apostila da Oficina Edição e Programação 118

ANEXO F – Músicas 122

ANEXO G – CD de áudio Programas “Drogas” e “Afrodescendência” 125

INTRODUÇÃO

Abordar navios mercantes
Invadir, pilhar, tomar o que é nosso
Pirataria nas ondas do rádio
Havia alguma coisa errada com o rei
Preparar a nossa invasão
E fazer justiça com as próprias mãos
Dinamitar um paiol de bobagens
E navegar o mar da tranqüilidade
Toquem o meu coração
Façam a revolução
Que está no ar, nas ondas do rádio
No submundo repousa o repúdio
E deve despertar
Disputar em cada freqüência
Um espaço nosso nessa decadência
Canções de guerra, quem sabe canções do mar
Canções de amor ao que vai vingar
Toquem o meu coração
Façam a revolução
Que está no ar, nas ondas do rádio
No underground repousa o repúdio
E deve despertar
RÁDIO PIRATA - R P M – 1984

A música transcrita acima foi um marco em minha adolescência e na minha história com o rádio na escola. Em 1984, quando cursava a oitava série do primeiro grau, minha professora de Língua Portuguesa propôs um trabalho sobre mídia. Nossa turma foi dividida em pequenos grupos que tratariam dos temas: televisão, rádio e jornal. O meu grupo de estudos ficou com o tema Rádio e tivemos que elaborar a programação e veiculá-la nos intervalos para "recreio" durante um mês no segundo semestre utilizando o microfone e mesa de som das festas escolares. Era um trabalho que nos fazia elaborar o que seria dito no microfone, entrevistar professores ou algum colega. Tudo cronometrado e, valendo nota. Sim, era o que chamávamos de trabalho final e a avaliação não era apenas da professora, pois quando a turma não gostava de alguma coisa, a vaia era certa. E, decididamente, vaia é tudo que adolescente não gosta!

Escolha de música, rimas, adivinhas, brincadeiras, notícias, curiosidades, tudo isso constava em nosso pequeno programa. Creio que eram os quinze minutos mais curtos e mais divertidos do meu período escolar. E eu sempre me perguntava por que as outras matérias não traziam algo assim: divertido e educativo. Ainda me recordo das dicas para as provas de

Matemática ou de Ciências, recadinhos para os alunos e que brincávamos de “cupidos” incentivando algum namoro, o que valeu inclusive a paquera do professor de Educação Física com a Professora de Ciências.

Por que estou falando disso? Por que essas lembranças instigaram-me durante todo o meu trabalho profissional, acadêmico e social. Quando tornei-me Técnica em Segurança do Trabalho, utilizei-me de pequenos anúncios para promover a prevenção de acidentes nas empresas em que trabalhava e também elaborei fanzine de segurança do trabalho. Mas quando comecei a trabalhar em canteiros de obra de construção civil, descobri que os jornais e anúncios não funcionavam, uma vez que a maioria de meus colegas não sabiam ler e outras idéias precisavam ser implantadas.

Certo dia, resolvi utilizar o microfone das festas e comecei a pronunciar minhas notícias de Segurança, e assim o “Bom dia da Segurança” se instalou no canteiro.

Naquela época eu apenas fazia o que acreditava promover “prevenção de acidentes” e instrução de segurança, com os instrumentos que estavam a minha mão: microfone, caixa de som da sala de treinamento, refeitório, papéis.

Estas ações também eram utilizadas pelo Sindicato dos Metalúrgicos que produziam a programação de uma estação de Rádio para promover as discussões das campanhas de melhoria salarial e ou das condições de trabalho.

Quando iniciei meus estudos acadêmicos em Administração de Empresas, vi-me novamente envolvida com os programas de Rádio da Faculdade, utilizando-me da rádio “Intervalo em Ação” para promover o movimento estudantil. Diariamente, durante os vinte minutos do intervalo das aulas, veiculava informação sobre o curso e também a agenda cultural da cidade para os estudantes, convidando-os para participarem das atividades promovidas pela faculdade, e das reuniões do diretório Acadêmico.

Paralelamente as atividades profissionais e acadêmicas, eu também participava do grupo de jovens da comunidade em que cresci, sendo responsável pela elaboração do fanzine do bairro, que tinha tiragem mensal e sempre noticiava e divulgava os acontecimentos do bairro.

Quase no final da Faculdade de Administração, passei a coordenar um programa de alfabetização no canteiro de obras, sem jamais ter recebido

formação pedagógica, e me apaixonei pela disciplina de Educação de Jovens e Adultos. Quando percebi, estava me inscrevendo para o vestibular de Pedagogia da Universidade Federal de Minas Gerais e iniciei uma nova carreira profissional.

Durante o curso de Pedagogia, participei de alguns projetos de pesquisa e extensão que se dedicavam à Juventude Urbana e passei a trabalhar com os movimentos culturais da juventude de Belo Horizonte. Nesse meio, constatei a participação de muitos adolescentes em rádios comunitárias da cidade, o que me instigava cada vez mais. Afinal, o que acontece nas rádios comunitárias que atraem tanto a juventude? Por que alguns jovens que são tão marginalizados na escola, são tão bons comunicadores na rádio? Por que um número cada vez mais crescentes de professores alegam que os estudantes não querem nada com a escola? Por que os alunos também reclamam que a escola é chata e que não sentem o desejo de participar?

Estas perguntas estiveram sempre presentes em meu pensamento durante toda a minha graduação em Pedagogia e cada vez mais eu me angustiava pensando no que faria quando estivesse na escola. Que atividades iria propor? Observando as manchetes de violência nas escolas que a cada dia se tornava mais freqüente, questionava-se sobre as possibilidades que a comunicação alternativa e educativa proporcionaria: será que os alunos de hoje sentiriam a mesma alegria que senti ao desenvolver a rádio “Recreio” e “Intervalo em Ação” de minha juventude?

Convivendo em um bairro de periferia em Belo Horizonte, especialmente com adolescentes engajados no projeto de criação de uma Rádio Comunitária na regional noroeste de Belo Horizonte, vi-me cercada por jovens desejosos de fazer algo pela sua comunidade. Acompanhei a elaboração e escrita de um projeto para a Rádio, a realização de festas beneficentes com o intuito de mobilizar a comunidade para instalação da rádio bem como para solicitação de verba para aquisição dos equipamentos necessários.

Estas ações coletivas, organizadas e promovidas por jovens pobres de Belo Horizonte, incentivaram-me a prosseguir meus estudos acadêmicos considerando a temática das rádios comunitárias e sua relação com as escolas, onde as mesmas aconteciam.

Ao mudar-me para a cidade de Curitiba, deparei-me com uma outra realidade e com uma perspectiva de ações diferenciadas. As rádios comunitárias da cidade veiculam seus programas na mesma freqüência, portanto, é impossível ouvir a programação de outra rádio no mesmo bairro. Também constatei que apenas duas das rádios comunitárias em funcionamento[1] - Pinhais e CEACOM - possuíam jovens atuando nas mesmas, mas sem envolvimento com a comunidade local. Tratava-se de jovens que tinham parentesco com algum trabalhador da rádio que ajudava na divulgação do programa destinado ao público juvenil.

Ao mapear as rádios comunitárias[2] de Curitiba no projeto piloto, também constatei que as mesmas são comunitárias apenas no nome ou na licença recebida do Ministério das Comunicações, pois a comunidade local não tem nem acesso às instalações, sem falar que a programação segue os mesmos moldes das rádios comerciais, exigindo inclusive pagamento pelo horário de transmissão do programa dos apresentadores, convergindo com os estudos desenvolvidos por Cecília Peruzzo[3].

Esta constatação e a impossibilidade de permanecer em Belo Horizonte para realização da pesquisa no período do Mestrado, forçou a busca por outras alternativas que apresentasse a relação rádio – escola para a realização da pesquisa.

Desta forma, com o auxílio da orientadora, aproximei-me de uma organização da sociedade civil, o CEFURIA[4] que assessorava uma rádio

---

[1] Segundo os dados do Ministério das Comunicações, existe em Curitiba 12 rádios comunitárias instaladas na região metropolitana. São elas: Associação Cristã de Ação Social e Comunitária do Cajuru, Centro de Atendimento Comunitário São Jorge CEACOM, Sociedade Civil Boca Maldita, Associação Comunitária Cultural e Artística Folha do Boqueirão, Associação Comunitária de Radiodifusão Sul Curitiba, Associação de Moradores do Bairro Novo Sítio Cercado, Associação Fraternal e Cultural de Fazenda Rio Grande, Associação de Moradores do Jardim Aviação e Maria Cecília, Associação Amigos de Pinhais, Associação Comunitária e Desenvolvimento Cultural e Artística de Quitandinha, Associação de Radiodifusão Comunitária de Itaperuçu – ARCI, Associação o Bom Samaritano. Disponível em http://www.mc.gov.br/radio-comunitaria/processos-autorizados

[2] Realizei um estudo exploratório no ano de 2007 que constou de visitação às rádios comunitárias identificadas no sitio do Ministério das Comunicações que possuíam o processo de funcionamento autorizado. Foram realizadas entrevistas com o responsável pela rádio. O objetivo era identificar uma rádio comunitária em que a pesquisa de campo pudesse ser realizada, por isso o foco era, especialmente se tinha comunicadores jovens nos quadros de locutores e se mantinham algum tipo de parceria com as escolas do entorno.

[3] Peruzzo vem estudando as rádios comunitárias de São Paulo apontando para o crescimento do número de rádios, porém sem que se efetive a democratização das rádios, pois ainda é muito pequena a participação da comunidade na gestão e manutenção da rádio.

[4] Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo, organização da sociedade civil sem fins lucrativos, cuja finalidade é fortalecer a organização popular.

comunitária da região metropolitana. Após contato com esta organização, identificamos um projeto de implantação de rádio escola na regional Boqueirão de Curitiba.

A escola estadual São Pedro Apóstolo tinha interesse em implantar uma rádio que pudesse ser utilizada pelos alunos nos intervalos de recreio e também como atividade extra-escolar, o que contemplava meu interesse e ampliava as possibilidades para a realização da pesquisa.

Assim, passei a acompanhar o jornalista do CEFURIA na escola, bem como as atividades oferecidas aos alunos, observando as práticas e rituais do projeto em implantação e seu impacto entre alunos e professores da escola.

As questões que nortearam a pesquisa são:

1) Estudar a partir da rádio tem diferença?
2) Os alunos conseguem fazer distinção sobre o que aprenderam na rádio e com a rádio?
3) Que significados podem ter a experiência de aprender com a rádio?

Após o estabelecimento destas questões, defini como objetivo geral compreender o uso do rádio na escola e o que os alunos perceberam desse movimento. Isso feito, defini os seguintes objetivos específicos: a) Descrever a implantação e desenvolvimento da rádio escola; b) Apontar os limites e desafios da rádio escola; c) Apontar os significados da rádio escola para os alunos e o impacto percebido por eles na aprendizagem escolar.

A fundamentação teórica está apoiada na interface comunicação educação, que estabelece um diálogo entre os dois campos.

CITELLI (2000, 2002) nos levou a compreender o espaço escolar em dissonância com o mundo mediatizado a que os educandos/educadores estão submetidos. Ele aponta a sala de aula como local de manifestações tanto do discurso pedagógico quanto das estruturas discursivas das linguagens da comunicação e de novas tecnologias. KAPLÚN (1995) apresenta o papel do educomunicador – isto é, o comunicador como educador e o educador como comunicador já que comunicação e educação estão imbricadas. Para ele, comunicar é dialogar, e o diálogo leva a transformação tanto do ser humano quanto da realidade que vive. Enfatiza ainda o processo de aprendizagem em detrimento aos conteúdos ensinados, criticando a pedagogia tradicional. GOHN

(2006) aponta as diferenças entre educação formal, informal e não formal, destacando a importância da intencionalidade educativa. Já SOARES (1999) apresentou a educomunicação como um campo de intervenção social específico, atuando em quatro áreas: educação para a comunicação, mediações tecnológicas na educação, gestão comunicativa e reflexão epistemológica. Temos também BRAGA & CALAZANS (2001) que apontam a necessidade da escola proporcionar experiências que incluam os processos de interação mais amplos, incentivando a crítica, a competência seletiva e interpretativa aos educandos.

Como a investigação trata-se de rádio escola, busquei na história do rádio os elementos que contribuíram para educação brasileira. Os autores que sustentaram esse entendimento são MEDITSCH (2001), ASSUMPÇÂO (1999), AMARANTE (2004) e COGO (1998). O primeiro aponta o descobrimento e uso social do rádio na década de 30. A segunda nos relata a criação da radioescola em Curitiba na década de 90 no processo de alfabetização. A terceira nos remete para a criação das rádios comunitárias escolares em Fortaleza no final dos anos 90 e a última nos relata o movimento das rádios comunitárias e ou populares no Brasil e América Latina.

ORTRIWANO (1985), BARBOSA FILHO (2003), LIMA & PEREIRA (2007), SILVA (1999) MEDITSCH (2001) E KAPLÚN (1995, 2003) foram os suportes para compreensão da linguagem radiofônica e de como a rádio escola pode atuar. Destacam as características que tornaram o rádio popular, bem como descrevem os gêneros/formatos que diferenciam a programação educativa da comercial.

A pesquisa se deu no período de setembro a dezembro de 2007. Optei pela pesquisa participante na modalidade de observação participante por entender que nenhum pesquisador está neutro ou imparcial, e que nossas inquietações também influem no processo de coleta e até mesmo análise. Desta forma, a observação participante me permitia interagir com o grupo, sem comprometer os resultados. Assim, utilizei como instrumentos de pesquisa questionários, oficinas de rádio, observação, registro etnográfico, entrevistas e análise documental. Ao todo participaram 24 alunos e 1 professora. Em março de 2008, retornei à escola para verificar se a rádio escola ainda funcionava, constatando que sim, embora apresentasse muitas dificuldades.

A análise dos dados coletados revelou que os alunos investigados assistem em média 2 a 4 horas de programação televisiva e ouvem em média 3 horas de programação radiofônica diariamente. Trata-se de um público de camada popular, com pouco acesso a bens culturais. A diversão e o lazer se dão através de jogos eletrônicos, programação televisiva e radiofônica. O consumo se restringe aos bens de utilidade doméstica e vestuário. A maior dificuldade apresentada pelos alunos ao desenvolver a rádio escola foi nervosismo quando falavam com o microfone, enquanto que a facilidade foi a liberdade para criar o programa. Todos os temas dos programas veiculados se relacionavam com o cotidiano dos alunos.

A rádio escola proporcionou aprender a lidar com a diferença de opiniões, gostos e cultura, bem como favoreceu o trabalho coletivo prazeroso. A produção dos programas levou a percepção de preconceitos velados na escola e evidenciou a não participação de professores.

1 PROBLEMATIZAÇÃO

Iniciar uma investigação sobre rádio e educação tornou-se um desafio, pois muito pouco foi registrado sobre esta relação, principalmente sobre o uso do rádio na educação escolar, que é o pano de fundo desta pesquisa.

Em trabalho publicado recentemente, pesquisadoras da PUC-PR analisaram 1543 textos publicados no período de 1982 a 2002 em revistas especializadas em Comunicação e Educação revelando que as pesquisas têm privilegiado estudos sobre a televisão seguida da informática e mídia impressa. (AREU & VERMELHO, 2006) No trabalho destas autoras, o rádio nem sequer é citado.

Conferindo as publicações da Associação Nacional de Pesquisa em Educação – ANPED, temos que no período de 2000 a 2007 o grupo de estudos Educação e Comunicação apresentou dois trabalhos sobre rádio: *Irradiando o currículo: a proposta curricular do projeto rádio pela educação em análise*[5]*; Rádio on line na escola: interatividade e cooperação no ambiente de aprendizagem*[6].

O primeiro texto descreve a repercussão do projeto Rádio pela Educação, desenvolvido no estado do Pará, fruto de uma parceria entre as Secretarias Municipais de Educação dos municípios de Santarém e Belterra e UNICEF/Escritório da Amazônia, veiculado na Rádio Rural de Santarém. O programa de nome “Para ouvir e aprender” foi transmitido três vezes por semana (às segundas, quartas e sextas-feiras), durante 30 minutos, nos horários de 7h30 às 8h00 e repetido às 14h05 às 14h35 e desenvolveu ações pedagógicas nas escolas públicas locais, atingindo cerca de 1.200 professores(as) e aproximadamente 35.000 alunos(as) em Santarém e mais de 120 professores(as) e 3.200 alunos(as) em Belterra. Também demonstrou a potencialidade do rádio como instrumento para educação à distância e inovação no trabalho docente em salas de aula.

---

[5] SOUZA, Orlando N. B. & OLIVEIRA, Ney C. M. Texto apresentando na 26ª reunião anual da ANPED.
[6] FERNANDES, Siddharta & SILVA, Marco. Texto apresentado na 27ª reunião anual da ANPED.

O segundo trabalho apresenta dados de uma pesquisa participante realizada em uma escola particular do Rio de Janeiro no período de abril a agosto de 2003, contando com a participação de 24 alunos e duas professoras. Os pesquisadores propuseram a implantação da rádio on line na perspectiva de analisarem as implicações nos processos educacionais, principalmente nos processos ensino-aprendizagem que passam a se formar a partir da redefinição dos espaços e da lógica da interação educador/educando e o ambiente virtual. A rádio on line une duas linguagens diferentes: a página web em que predomina a linguagem textual e imagens não lineares e o áudio em que a linguagem predominante é a oralidade. A pesquisa demonstrou que o ambiente áudio-virtual criado pelos participantes alterou o comportamento dos alunos e seus professores, bem como ressignificou o processo de ensino-aprendizagem.

Estes dados revelam o potencial criativo do rádio, e, também, uma lacuna a ser preenchida, visto o pouco número de trabalhos publicados sobre o tema. O rádio foi a primeira mídia a se popularizar no país e continua ainda hoje a invadir casas, hotéis, carros e hospitais em diversos lugares do mundo. Partimos do pressuposto de que ele está presente na vida dos nossos alunos, tanto quanto na vida de seus professores, e ainda assim, não falamos sobre isso nem na escola, nem na rua e, muito raramente, nos grupos de pesquisa.

É certo que um número cada vez mais crescente de alunos se utilizam de rádios portáteis (walkman[7]), celulares e mp3[8] em salas de aula, mas os

[7] **Walkman®** é uma marca registrada e pertence à Sony Corporation. È uma marca popular de uma série de tocadores ou leitores de áudio portáteis pertencente à Sony. O termo *Walkman* também é utilizado para se referir a aparelhos portáteis similares de reprodução de áudio estéreo e outros fabricantes. Com sua chegada, costuma-se dizer que mudaram os hábitos musicais, uma vez que cada pessoa pode carregar e ouvir seus sons preferidos e, principalmente, sem incomodar outras pessoas. Em março de 2007, a Sony prolongou a marca para *Walkman Video*, para lançamento do NW-A800, primeiro tocador portátil Walkman que reproduz vídeos flash. In: http://pt.wikipedia.org/wiki/Walkman acesso em 02/02/2009

[8] **MP3** é uma abreviação de MPEG 1 Layer-3 (camada 3). Trata-se de um padrão de arquivos digitais de áudio estabelecido pelo Moving Picture Experts Group (MPEG), grupo de trabalho especializado em Tecnologias da Informação vinculado ao ISO à CEI. As camadas referem-se ao esquema de compressão de áudio do MPEG-1. Foram projetadas em número de 3, cada uma com finalidades e capacidades diferentes. Enquanto a camada 1, que dá menor

professores e as escolas continuam emudecidos sobre o tema. Quando muito, regulamentam *leis* proibindo o uso dos aparelhos em sala de aula sob a alegação de que os mesmos prejudicam a concentração e atrapalham o desempenho dos alunos[9].

Esta constatação aliada ao meu trabalho nas comunidades pobres de Belo Horizonte (incluindo participação em programas de rádios comunitárias[10]) levou-me a indagar o que se passa nas rádios que atraem tanto a juventude. Em Belo Horizonte é possível verificar nas rádios comunitárias a presença constante de comunicadores adolescentes comandando um programa de rap ou funk com desenvoltura e obtendo apoio cultural dos comerciantes locais[11]. Curiosamente, estes mesmos adolescentes comunicadores, apresentam um baixo rendimento escolar, e se referem à escola de forma negativa, tendo alguns evadido da escola em certo momento[12].

Esta contradição constatada por mim durante minhas incursões nas rádios comunitárias de Belo Horizonte e meus interesses pedagógicos, ainda respaldados pela vivência enquanto estudante de Pedagogia reforçou o desejo de compreender o significado da rádio para aqueles que dela se apropriam. Estudar a partir da rádio tem diferença? Os alunos conseguem fazer distinção

---

compressão, se destina a utilização em ambientes de áudio profissional (estúdios, emissoras de TV, etc) onde o nível de perda de qualidade deve ser mínimo devido à necessidade de reprocessamento, a 3 se destina ao áudio que será usado pelo cliente final. Como se espera que esse áudio não sofrerá novos ciclos de processamento, a compressão pode ser menos conservadora e aproveitar melhor as características psico-acústicas do som limitando-se apenas pela qualidade desejada para o ouvido humano. In: http://pt.wikipedia.org/wiki/MP3#O_significado_da_sigla acesso em 02/02/2009.

[9] Frizamos que não estamos dizendo que a atitude dos alunos não atrapalhem as aulas ou a concentração. Reiteramos que não basta proibir o uso dos aparelhos e propomos que eles sejam incorporados à prática pedagógica, como será demonstrado nas páginas seguintes.

[10] Segundo o Ministério das Comunicações do Brasil, rádio comunitária "é um tipo especial de emissora de rádio FM, de alcance limitado a, no máximo, 1 km a partir de sua antena transmissora, criada para proporcionar informação, cultura, entretenimento e lazer a pequenas comunidades.
Trata-se de uma pequena estação de rádio, que dará condições à comunidade de ter um canal de comunicação inteiramente dedicado a ela, abrindo oportunidade para divulgação de suas idéias, manifestações culturais, tradições e hábitos sociais." Disponível em http://www.mc.gov.br/radio-comunitaria/o-que-e acesso em 15/03/2009

[11] Rádio Favela FM, Radioativa FM, Rádio Horizonte FM, Rádio Novos Rumos, Radio Qualidade FM são algumas das rádios comunitárias que possuem comunicadores adolescentes em seu quadro de locutores.

[12] Hip Hop Chama – Relatório do projeto de extensão Formação de Agentes Culturais Juvenis da Faculdade de Educação da UFMG. 2002. (mimeo)

sobre o que aprenderam *na* e *com* a rádio? Que significados podem ter a experiência de aprender com a rádio?

A partir dos anos 80 as teorias construtivistas propostas por Lev Vygotski (1976) e as iniciativas de Emilia Ferreiro (1979) na alfabetização trouxeram para as concepções pedagógicas a possibilidade de se valorizar o que o aluno / educando já conhece.

Vygotski (1987) demonstrou com seus estudos que a linguagem e o pensamento são construídos na interação da criança com o mundo que a rodeia, e destaca a escola como um lugar privilegiado para ampliar o conhecimento. Sua teoria é conhecida como sociointeracionismo ou sociohistoricocultural. A aprendizagem se dá à medida que a criança interage com os elementos da cultura, e o primeiro canal para aprender a cultura é a fala (língua). Outro conceito importante de sua obra é a zona de desenvolvimento proximal, que revela existir uma distância entre o que a criança consegue realizar sozinha e aquilo que é capaz de fazer auxiliada por um adulto ou outro colega[13].

Ferreiro (1979) rompeu com o construto de que as crianças na América Latina não se desenvolviam intelectualmente, isto é, não obtinham sucesso na alfabetização por que eram desnutridas, tinham carência cultural ou devido a miséria em que viviam. Seus estudos revelaram que a criança tem um modo muito peculiar de adquirir a leitura e escrita, formulando esses conceitos de forma totalmente diferente daquela utilizada pela educação tradicional de memorização e cartilhas. Segundo ela, a aquisição da leitura começa muito antes do processo escolar propriamente dito, e está intimamente ligado ao mundo sócio-cultural da criança. No processo de construção da escrita e aprendizagem da leitura, a criança elabora hipóteses e através delas vai reelaborando a escrita. Estas descobertas romperam com a prática

[13] Neste trabalho nos interessa ressaltar a importância da cultura e linguagem no desenvolvimento da criança. Para maiores esclarecimentos sobre a obra de Vygostky, sugerimos a leitura de Pensamento e Linguagem, SP, Martins Fontes, 1987.

pedagógica vigente de transmissão de códigos para a leitura e escrita na alfabetização. [14]

Unindo os dois autores, temos que a construção do pensamento, da linguagem, leitura e escrita não se atinge isoladamente, muito menos apenas copiando ou decorando regras de ortografia, ou até mesmo, livros e enciclopédias. Segundo estes autores, os educandos já possuem algum conhecimento de mundo, de letramento, cabendo a escola estimular o desenvolvimento destes conhecimentos e saberes. Assim, torna-se fundamental reconhecer o que o aluno já conhece sobre o conteúdo a ser ensinado, propondo novas hipóteses para ampliar o que já se sabe.

Estas propostas pedagógicas vão de encontro com a proposta Freireana de que o educador e educando se educam juntos, à medida que dialogam sobre o mundo que os rodeiam. A educação não é vista como transmissão de conhecimentos ou de cultura, ela é "ação transformadora" dos sujeitos em permanente contato com outros sujeitos.

Desta forma o principio, "valorizar o que o aluno já conhece" torna-se essencial para desvelar os processos comunicativos que unem alunos e professores, bem como as *negociações* que permitem reconhecer o saber que os educandos já possuem de determinado tema / conteúdo escolar, incentivando o aprofundamento de questões e busca de soluções para os supostos problemas identificados, e a rádio escola é uma oportunidade ímpar para esta prática.

Na rádio escola pesquisada, percebemos que à medida que os alunos escolheram temas para a produção radiofônica, selecionaram músicas, escolheram entrevistados, encontraram sons e ruídos que contemplaram a programação proposta, tornando-os agentes de transformação do espaço escolar, visto muitas vezes como um espaço intransigente e autoritário, marcado por concepções pedagógicas tradicionais, que desconsideram os

[14] Para mais informações, leia Psicogênese da língua escrita. Emilia Ferreira e Ana Teberoski. Artmed. 1999.

interesses de seus alunos e da comunidade, como se escola fosse um local só para ministração de aulas, nada mais.

Parte da crítica que a escola tem recebido é justamente não estar preparada para atender a demanda social e cultural posta pelo desenvolvimento tecnológico acelerado. O volume de informações e a velocidade com que as mesmas são processadas, não acompanham o ritmo desacelerado das salas de aulas, com seus professores e conteúdo programático dos livros escolares.

A implantação de uma rádio escola proposta por alunos da 8ª série de uma escola pública de bairro pobre na cidade de Curitiba, no segundo semestre de 2007 rompia com a idéia comum entre professores de que “os alunos não querem nada”, “os alunos não querem estudar”. Ao contrário, apresentava um grupo de estudantes que estavam se mobilizando para inovar e transformar o espaço escolar em um ambiente mais agradável, com música e notícias locais. Da mesma maneira, contradizia o senso comum de que a escola não está preparada para atender a demanda de sua clientela, posto que não só adquiriu os equipamentos necessários como possibilitou a capacitação dos envolvidos com a proposta de rádio-escola, rompendo ainda com o estereótipo de que a escola pública só faz o que o governo manda, só segue a cartilha do Ministério da Educação.

Ao descrever o movimento de implantação da rádio, bem como as articulações e negociações feitas para a veiculação dos programas idealizados e produzidos, a pesquisa revelou os modos de “aprender” a partir da experiência vivida pelo grupo, suas inquietações, dificuldades, facilidades, erros, acertos. Enfim, buscou apresentar como a rádio escola foi instalada e o que oportunizou aos seus participantes.

A pesquisa é uma tentativa de preencher a lacuna identificada nos estudos de comunicação educação, que ao concentrarem os estudos na televisão, informática e impressos, esqueceram-se das potencialidades educativas do rádio.

2 EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO: APROXIMAÇÕES

Ao mergulharmos no mundo da comunicação e buscarmos compreender esse universo que está presente na vida do ser humano de forma tão intrínseca, observamos que ela também influencia o modo como os processos educacionais se desenvolvem.

Alguns estudiosos buscam entender como a educação, formal ou informal utilizam dos meios de comunicação para atingir melhor seus objetivos. Citelli (2000) indica que não são recentes as reflexões que tentam demonstrar teoricamente que os processos educativos formais, não formais e informais, vêm se utilizando da comunicação como meio de conhecimento e de formação.

A fim de distinguir educação formal e não formal, Gohn (2006) define a educação formal como aquela desenvolvida dentro das escolas, com conteúdos previamente estruturados e normatizados. Já a educação informal é aquela em que os sujeitos aprendem durante o processo de socialização cotidiano, nos ambientes espontâneos, sem a estrutura da grade/organização curricular. Tem ainda que a educação não formal acontece nos espaços coletivos, construídos e estruturados com a intencionalidade educativa.

Os estudos em comunicação e educação partem do pressuposto de que os construtos da pós modernidade são reflexos de um novo modo de aprender e apreender o mundo, simbólica e culturalmente, e desta forma, os processos educativos e de formação também se alteram. Citelli aponta que estas reflexões pressupõem articulações entre as frentes que se integram e que focam ora o conteúdo, ora as formas de recepção, ora a gestão do empreendimento, ou os objetivos estratégicos. (2000: 15)

Pensando em educação formal e como atingir o educando notamos a necessidade dos processos educativos formais estarem mais contextualizados e dinâmicos. Nesta perspectiva, alguns educadores apresentam a urgência de se repensar os modelos didático-pedagógicos marcado pelo contexto enciclopédico, hoje ultrapassado pelos desafios pedagógicos e também pelo

desinteresse e expectativas dos alunos. Para Citelli, está cada vez mais difícil administrar objetivos e conteúdos das disciplinas escolares, alguns já superados ou presos a realidades também superadas face ao desenvolvimento globalizado e tecnológico. (CITELLI, 2000)

Desta forma, um dos desafios a ser enfrentado pelos estudiosos da interface Comunicação e Educação, é situar o objetivo do discurso pedagógico e do sistema educacional dentro da lógica da sociedade de massas, mediada pelas relações comunicacionais:

> Em nosso entendimento, os reajustes pelos quais as instituições educativas terão de passar não poderão prescindir de uma análise sobre os envolvimentos dos sistemas e processos comunicativos na vida dos alunos, professores, diretores, assistentes pedagógicos, educacionais, etc. A escola continuará, pra se fazer uso de uma redundância formal, mas com carga significativa ampliadora, sendo uma escola, portanto, lócus de sistematização e, sobretudo, de produção do saber. A "leitura" dos sistemas de comunicação, no seu compósito de produção, circulação e, sobretudo, recepção, deve estar integrada aos fluxos crítico-dialógicos dos demais discursos com os quais a escola trabalha (...) Trata-se, em última instância, de instaurar uma prática de busca e entendimento dos processos constituidores dos sentidos, algo comprometido com o encontro das estruturas significativas, sejam elas de puro deleite, prazer difuso provocador do riso, sobriedade analítica ou mesmo a necessária resposta social que pede a participação e envolvimentos transformadores. (CITELLI: 2000, 16-17)

Os conceitos de Educação e Comunicação estão cada vez mais inter-relacionados. A sala de aula tem sido o palco para as manifestações tanto do discurso pedagógico quanto das estruturas discursivas das linguagens da comunicação e das novas tecnologias. No dizer do autor:

> O mundo dos *media*, por exemplo, passou a dialogar de maneira mais ou menos integrada às aulas e às práticas escolares, numa tensão em níveis e graus derivados dos vários centros de pressão que disputam o mercado da troca de informações, de conhecimentos e, eventualmente, de saberes. A sala de aula ganhou a condição de lugar onde ocorre – ainda que de forma nem sempre visível ou sistemática – uma complexa intersecção de ordens discursivas diretas e não necessariamente ajustadas ou complementares. (CITELLI: 2000, 16-17)

Citelli (2000) afirma que há três abordagens nos estudos da interface educação-comunicação, e aponta os pontos convergentes, as possibilidades de inter-relação e os desafios. A primeira abordagem destaca que os alunos são vulneráveis aos apelos midiáticos e que estes influenciariam a formação de

hábitos negativos. Assim, a educação deve proporcionar a leitura critica dos meios e mensagens. A segunda abordagem apresenta que os alunos não são apenas reativos. Portanto, existem fatores contextuais, sociais e culturais que devam ser considerados ao avaliar o poder dos veículos de comunicação sobre os sujeitos. Já a terceira abordagem aponta que os meios são criadores de consensos e legitimadores do poder. Logo, os *media* devem estar sob vigilância constantes.

As três abordagens demonstram que a apreensão do mundo têm se dado mais pelas novas tecnologias da informação e comunicação do que pelos meios escolares, evidenciando a necessidade da escola ampliar o diálogo com as formas discursivas existentes. Assim, um novo campo de pesquisa e investigação é identificado na busca de compreender os desafios da interface comunicação-educação, também conhecido como Educomunicação.

2.1 EDUCOMUNICAÇÃO

As reflexões e intervenções iniciadas no século XX por Freinet (1979), Kaplun (1998), Freire (1977, 1981, 2000, 2005) e Martin Barbero (1998) apontaram o diálogo possível entre a Comunicação e Educação.

Nos anos 50, Skinner sistematizou a Teoria do Reforço e da Recompensa criticando a visão puramente mecanicista dos usos das tecnologias no ensino. Celestin Freinet, fez uso da comunicação impressa para estimular a expressão dos alunos, já que para ele “a educação era sinônimo de expressão.” Mario Kaplún criou o comunicador educativo responsabilizando-o por ações comunicativas nos espaços educativos não formais para produzir e desenvolver “ecossistemas comunicativos[15]”. (SOARES: 1999) Já Martin

[15] Segundo Soares (1999), “o conceito de ecossistema comunicacional designa a organização do ambiente, a disponibilização dos recursos, o *modus faciendi* dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de ação comunicacional. No caso, a família, a comunidade educativa ou uma emissora de rádio criam, respectivamente, ecossistemas comunicacionais. Os indivíduos e as instituições podem pertencer e atuar,

Barbero mudou o foco do estudo dos meios para as mediações, mostrando os processos que interferem na recepção das mensagens, especialmente no que tange a cultura dos sujeitos e em sua relação com os meios.

Por sua vez, Paulo Freire revisou a teoria da comunicação, reafirmando a concepção da “educação para os meios”. Para ele

> a comunicação não é apenas fundamental nas relações humanas, mas a inter-relação de seus elementos básicos permite certa autonomia ao processo educativo. O esquema comunicativo básico, na relação educador-educando, deve, para tanto, ser uma relação social igualitária e dialogal, que produza conhecimento. (FREIRE apud LIMA: 1996, 39)

Dessa forma podemos compreender a comunicação como a relação que se instala a partir da co-participação dos sujeitos no ato de conhecer, sendo fundamental o manejo dos meios de informação. Assim como Freire buscou nos anos 60, fundamentar o ensino aprendizagem em ambientes interativos, usando o rádio nos programas de alfabetização a distância, através do MEB – Movimento de Educação de Base, buscamos hoje restaurar essa vivência.

Nos anos 70, após a publicação do livro Comunicação ou Extensão? Freire aproximou definitivamente a Educação da Comunicação. Partindo de reflexões acerca do trabalho do agrônomo como educador apontou a dicotomia da técnica ou pedagogia participativa e criativa. Freire enfatizou a importância da comunicação no processo de conhecimento, afirmando que a tarefa do educador era de problematizar, junto aos educandos, o conteúdo que os mediatizava. (FREIRE: 2006,81)

Nos anos 80 a preocupação dele se concentrou na leitura das imagens, especialmente a televisão e cinema. Para ele, a leitura das imagens demandava um certo saber que se relacionava com a classe social. Ao constatar que as crianças da periferia tinham contato com o cinema do bairro e com a televisão na venda da esquina e até mesmo em casa, Freire questionou como as crianças, reagiam a essas imagens, que tipo de leitura elas faziam. (FREIRE:2000)

---

simultaneamente, em distintos ecossistemas comunicacionais, uns exercendo influências sobre os outros.”

Ainda assim, destacamos que é “indispensável reconhecer, por exemplo, que existe uma sociedade fortemente atravessada pelo mercado que marca a produção das palavras, ao ponto de oferecer e demandar 'conhecimentos'.“ (SOARES, 1999:24) Desta forma, torna-se necessário a formação de “competências específicas” para dar conta da complexidade da linguagem dos meios comunicacionais emergentes que se infiltram cada vez mais nos meios escolares.

O novo campo de investigação e que vem sendo chamado de Educomunicação tem como objetivos promover o acesso democrático dos cidadãos à produção e difusão da informação; desenvolver práticas educativas para a recepção ativa e crítica dos meios; facilitar o ensino-aprendizagem através do uso criativo dos meios de comunicação (especialmente do rádio, televisão, vídeo e internet que são contemplados pelos parâmetros curriculares nacionais) e promover a expressão comunicativa dos membros da comunidade escolar.

A Educomunicação tem demonstrado que a inter-relação entre a Educação e Comunicação Social ganhou densidade própria e se configurou com um campo de intervenção social específico, que atua em quatro áreas concretas: na educação para a comunicação; nas mediações tecnológicas na educação; na gestão comunicativa e na reflexão epistemológica.

Analisando os paises latino-americanos, Citelli (2002) destaca a particularidade quanto a sua história cultural: passaram rapidamente do plano discursivo verbal para os meios audiovisuais. Especialmente no Brasil, a extensão territorial juntamente com o elevado índice de analfabetismo fez com que a televisão e o rádio se popularizassem, tornando-se a principal fonte de entretenimento e informação para uma grande parcela da população.

Segundo Belloni (2001), a mídia passou a ser parte integrante da educação quando a sala de aula, o livro didático e o professor deixaram de ser fonte exclusiva de referência para o aprendizado dos alunos. Elementos da educação podem ser buscados em toda a parte, incluindo a internet e a televisão, bem como os demais meios de comunicação de massa como jornal

e rádio. Dessa forma as tecnologias da informação e da comunicação podem ser suportes de ensino e aprendizagem devido ao seu caráter mobilizador, desde que busquem uma abordagem criativa, crítica e interdisciplinar do conhecimento, democratizando a informação:

> Como irá a instituição escolar responder a este desafio? Integrando as tecnologias de informação e comunicação ao cotidiano da escola, na sala de aula, de modo criativo, crítico, competente. Isto exige investimentos significativos e transformações profundas e radicais em: formação de professores; pesquisa voltada para metodologias de ensino; nos modos de seleção, aquisição e acessibilidade de equipamentos; materiais didáticos e pedagógicos, além de muita, muita criatividade. (BELLONI: 2001, 10)

Para Braga e Calazans (2001) a Comunicação e Educação são campos que se invadem mutuamente constituindo uma interface, com lógicas próprias. Como ambos espaços estão em reconstrução constante, a interface se torna o espaço de experimentação e risco podendo ainda prestar-se a posicionamentos generalizados e simplificadores do deslumbramento em relação aos processos tecnológicos que ainda dependem de experimentação, pesquisa e reflexão.

No contexto da interface, é de suma importância a questão da aprendizagem uma vez que não é conseqüência apenas da Educação. Desde o Iluminismo, à escola foi reservada a tarefa de socialização, o que faz recair sobre ela as expectativas sociais para o direcionamento e intencionalidade do aprendizado. Porém, há outros lugares importantes para este processo como a família, os espaços coletivos e profissionais (trabalho). As aprendizagens do campo midiático induzem modificações no sistema educacional porque ampliam o leque de informações disponíveis, ofertam imagens, criam contatos e aceleram as interações. (BRAGA&CALAZANS, 2001)

No processo educacional vale a pena lembrar que a expectativa de que os estudantes se atualizem, aliada a oferta de saberes, criam condições necessárias para a emergência do objetivo social de que as pessoas passem a gerir sua própria aprendizagem. Neste sentido, a escola atua como auto-formação, que não é uma atividade espontânea mas aprendida, e passível de ser ensinada.

A discussão dos processos sociais externos ao espaço escolar concorre com a escola multiplicando ocasiões e estímulos que serão vividos pelos alunos como desafiadores. A escola deve proporcionar experiências que incluam os processos de interação mais amplos, incentivando a crítica, a competência seletiva e interpretativa. Ou seja, o objetivo do aprendizado será valorizar o trabalho interpretativo sobre a informação. (BRAGA e CALAZANS: 2001)

Se o terreno da educação formal é a escola, e nele os educadores são os professores, no terreno informal os educadores são a família, os amigos, a igreja, os veículos de comunicação e o espaço das ações é o cotidiano. Em processos educativos não formais, o educador é aquele com que os sujeitos interagem ou se integram no percurso da trajetória por eles buscadas. Daí existir na educação não formal a intenção da ação, do ato de participar, de aprender e trocar saberes. Considerando ainda que a educação informal é o caminho espontâneo para a socialização dos sujeitos e que a educação não formal é a trajetória que os capacita enquanto cidadãos do mundo, espera-se que ocorra uma formação para a leitura e interpretação do mundo que os cerca. Enfim, formação para a vida com suas adversidades e não apenas a capacitação para o mundo do trabalho. (GOHN, 2006)

Neste sentido, endossamos o conceito de educação perseguido pela perspectiva da Educomunicação:

> por **Educação** entendemos os **processos** que propiciam um **interação diáletica** entre as pessoas e os grupos humanos em determinado território, ordenando, sob esta ótica, a socialização dos membros das comunidades no contexto de suas respectivas culturas, facilitando sua integração e convívio em sociedade, o que inclui, em diversos graus, de acordo com as circunstâncias, a elaboração, sistematização e operacionalização do conhecimento, a formulação e transformação de valores, a afirmação de atitudes, assim como o desenvolvimento das potencialidades e a expressão da criatividade. Por este conceito, o processo comanda os conteúdos e efeitos. (SOARES: 1999, 48,) grifos do autor

O campo da educomunicação – educação para comunicação e comunicação para educação – vem suscitando debates e fixando práticas que exploram o uso do rádio e de outros meios no espaço escolar e em outras

instâncias de formação, e é neste sentido que o rádio educação potencializa seus participantes.

3 RÁDIO E EDUCAÇÃO

3.1 A DESCOBERTA DA RADIODIFUSÃO

Radiodifusão é o processo técnico de transmissão e recepção de vibrações elétricas invisíveis, denominadas ondas eletromagnéticas, que transportam sinais de audio e video (som e imagem).

A existência de ondas eletromagnéticas que se propagam no espaço foram apresentadas teoricamente pela primeira vez em 1870 pelo físico inglês James Maxwell e comprovada empiricamente por Heinrich Hertz, alemão, em 1888.

A história oficial européia indica Guglielmo Marconi, italiano, como o inventor da comunicação à distância alegando que ele fez sua primeira demonstração em 1894 utilizando uma campainha. Devido ao desinteresse do governo de seu país pelo invento, Marconi patenteou a invenção na Inglaterra em 1896, já aperfeiçoado para transmissões do código morse e do telégrafo. Ainda na noite de Natal de 1906, o canadense Reggie Fasseden foi ouvido por operadores de telégrafo sem fio nos navios que navegavam na costa do Massachussets. (MEDITSCH, 2001)

A invenção de Marconi e Fasseden foi questionada por evidências de que os mesmos experimentos foram realizados em outros locais. Exemplo disso foi Nikola Tesla, que realizou a transmissão sem fio de sinal sonoro em 1893 nos Estados Unidos e que só obteve o reconhecimento de seu feito em 1943 pela Suprema Corte dos Estados Unidos após sua morte. No Brasil, o padre Roberto Landell de Moura também fez demonstrações utilizando um

telégrafo e um telefone sem fio, transmitindo mensagens a oito quilômetros de distância em 1893. O fato foi considerado anormal e o laboratório do padre foi totalmente destruído pelos fiéis. O invento de Landell de Moura foi patenteado no Brasil em 1900 e nos Estados Unidos em 1904, porém, jamais obteve reconhecimento público. (MEDITSCH, 2001)

O rádio como técnica de comunicação à distância surgiu com estes experimentos, mas foi David Sarnoff, em 1915, quem mudou os usos da técnica propondo a criação de uma “caixa musical”. Meditsch citando Schiffer aponta o pensamento de Sarnoff:

> Eu tenho em mente um plano de desenvolver o rádio no sentido de se transformar numa utilidade doméstica, no mesmo sentido que o piano ou o fonógrafo. A idéia é de levar música às casas pela comunicação sem fio... O receptor pode ser desenhado na forma de uma simples Radio Music Box equipada com válvulas de amplificação e um alto -falante. A caixa pode ser colocada numa mesa da sala, a sintonia regulada apropriadamente, e a transmissão de música recebida (2001:34)

A idéia de Sarnof foi rejeitada pela American Marconi na época, mas foi apresentada à Westinghouse Eletric and Manufacturing Company por Frank Conrad em 1920. O interesse da empresa era a venda dos receptores que produzia. Já Frank Conrad desejava praticar melhor o que fazia em casa: produzir um programa musical. Com a parceria, Conrad transferiu seu estúdio para a empresa e inaugurou a KDKA em 2 de novembro de 1920, Pittsburgh, transmitindo oito horas seguidas do resultado das eleições presidenciais americanas. (MEDITSCH, 2001)

O alcance e magia do rádio se propagou rapidamente em todo o mundo. No período de 1930 a 1950 foi considerado como o mais popular meio de comunicação, principalmente devido às apresentações de cantores e artistas nas radionovelas; bem como as transmissões de notícias e narrações esportivas.

O desenvolvimento industrial da época fez com que muitos empresários se utilizassem do rádio para divulgação de seus produtos, instigando o consumo dos mesmos a partir da propaganda.

Após a segunda guerra mundial, o surgimento da freqüência modulada (FM) possibilitou um melhor tratamento do som, especialmente de sua manipulação e reprodução, impulsionando o desenvolvimento da indústria fonográfica, que barateou as produções dos programas de rádio uma vez que a música gravada substituía o elenco de artistas disponíveis para as execuções ao vivo. “Os artistas passaram a ser mantidos pela indústria de discos, que cedia os direitos de transmissão às emissoras praticamente de graça, em troca da divulgação, também gratuita, de seus produtos”. (MEDITSCH: 2001, 36)

Em 1947, a invenção do transistor (que substituiu as válvulas de galeno) incentivou a criação de aparelhos receptores de baixo custo, tornando a aquisição e manuseio acessível ao público.

3.2 A RADIODIFUSÃO NO BRASIL

O rádio é conhecido em todo o mundo por sua capacidade de divulgar músicas e notícias. Porém, pouco se fala de seu potencial educativo ou político, especialmente no Brasil, onde as primeiras radiodifusões estavam atreladas à educação e também aos interesses de se inculcar o sentimento de nacionalidade, observado no período de governo de Getúlio Vargas.

Em 7 de setembro de 1922, centésimo aniversário da independência do Brasil, o Presidente da República, Epitácio Pessoa, importou dos Estados Unidos oitenta aparelhos receptores para que seu discurso fosse ouvido no Distrito Federal, São Paulo, Petrópolis e Niterói.

Em 1923 foi inaugurada a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro idealizada pelo professor Edgard Roquette Pinto que via na mesma a possibilidade de educar a população através do áudio.

Por algum período as aulas de Português, Francês, História do Brasil, Geografia Natural, Física, Química, Higiene e Silvicultura foram transmitidas

pela Rádio Sociedade do Rio de Janeiro que mais tarde se transformou na Rádio Nacional por falta de recursos financeiros.

Em 1926, Roquette Pinto publicou na revista Electrón, um plano de organização para o Rádio Educativo no Brasil. No mesmo ano, a Rádio Sociedade inaugurou uma série de cursos ministrados por intelectuais brasileiros. Os cursos foram ministrados em formato de aulas, conferências e palestras, os quais marcaram o início da radiodifusão na educação popular. Além dos cursos, as emissoras radiofônicas promoviam transmissões de concertos, espetáculos teatrais, temporadas líricas, programas infantis, conselhos de higiene, notícias gerais e esportivas, jornal falado, dramatização, radiodramas, narrativas, reportagem educativa entre outros. (ASSUMPÇÃO, 1999)

Em 1933, foi criada por proposta de Roquette Pinto a

> Comissão de Rádio Educativo para promover o emprego da radiodifusão como meio de educação direta pela divulgação de informações técnicas e profissionais pelo auxílio ao ensino público, pela melhoria da saúde e da higiene, pelo apuro do gosto artístico, pelo desenvolvimento do espírito da paz e concórdia entre os povos, pela propagação de notícias de interesse geral (ESPINHEIRA, 1952: 104)

Segundo Assumpção (1999), a primeira atividade da Comissão foi a transmissão do programa “Quarto de Hora da Rádio Educativa da CBR”. O mesmo era veiculado diariamente e divulgava palestras sobre Psicologia, Direito, Artes, Higiene, Geografia, História, Língua Pátria e Estrangeira.

Percebemos que desde sua implantação no Brasil o rádio foi utilizado com fins educativos, mas que a partir dos ideários da "Escola Nova" o mesmo foi sendo abandonado pelos professores, e se transformou no principal instrumento para instigar o consumo de produtos culturais, especialmente para o comércio fonográfico devido ao seu alcance.

Aos poucos, seu caráter educativo foi sendo renegado e deu-se lugar para os programas comerciais, ora destinado às donas de casa, ora aos jovens, ora para os "letrados", mas sempre com um cunho consumista / comercial.

Entre os anos de 1970-80, os países Equador, Chile, Peru, Uruguai e Bolívia juntamente com a ALER – Associação Latino Americana de Educação Radiofônica, iniciaram uma rede de educação rural, estabelecendo uma comunicação dialógica, opondo-se à hegemonia existente. (COGO, 1998) O objetivo era propor alternativa regional mais próxima à realidade destes países, priorizando o papel da comunicação na educação e mobilização popular. Os integrantes destes movimentos preservaram a memória popular e construíram a resistência em favor de uma nova ordem da comunicação.

Segundo Cogo (1998), as rádios comunitárias surgiram no cenário nacional, como movimento de resistência de grupos organizados contra a hegemonia dos meios de radiodifusão, utilizando tecnologias de baixo custo para a produção e distribuição de mensagens.

Assim, uma rádio é comunitária “quando ela é feita *pela* e *para* a comunidade, gerida por ela, sem fins lucrativos e objetivos político-partidários“. (AMARANTE: 2004) O fato de funcionarem com alto-falantes, cornetas ou caixinhas de som não asseguram o caráter comunitário da rádio. É fundamental que a participação se efetive no diálogo permanente entre administradores e comunidade local, priorizando sempre os interesses coletivos em detrimento do individual.

A partir de 1980 vimos emergir os movimentos populares, entendidos aqui como os movimentos da sociedade na luta pela democracia, moradia, escola, saúde, saneamento básico. Estes itens eram questionados pelos movimentos que entendiam os mesmos como Direitos Sociais mas negados à população, especialmente aos trabalhadores assalariados, negros e marginalizados pela condição de pobreza em que viviam.

Esses movimentos, apoiados pela Igreja Católica e alguns Sindicatos, passam a se utilizarem do sistema de rádio alternativo (espécie de transmissão em ondas curtas e de pequeno porte, cornetas, alto falantes instalados em pontos estratégicos do bairro) para mobilizarem a população, atraindo e motivando a participação na luta pela democratização dos meios de comunicação que se concentravam nas mãos de redes que monopolizavam os

canais de transmissão, legitimando e instituindo valores e normas de conduta. (COGO, 1998) Essas iniciativas constituíram as ações de comunicação popular e alternativa que marcaram os movimentos populares no início dos anos 80.

À medida que a população se organiza e se apropria desse novo modelo de comunicação social, mudanças significativas vão sendo percebidas nas comunidades onde a rádio é instalada, bem como a perseguição política aos seus dirigentes, forçando muitas vezes as interrupções de transmissão e reinserção em outros locais.

A experiência da Rádio Favela FM em Belo Horizonte exemplifica esta afirmação. Inicialmente, funcionava em uma kombe que circulava pela comunidade com alto-falante denunciando a presença de drogas na favela e o descaso dos governantes com as condições precárias do aglomerado da Serra: esgoto aberto, transporte coletivo inexistentes, falta de professores nas escolas, etc. A rádio demorou para se instalar em um local apropriado, e, frequentemente seus locutores eram perseguidos pela polícia. Em certas ocasiões, seus dirigentes chegaram a ser presos e tiveram os equipamentos apreendidos e ou destruídos. Somente após receber uma premiação na Suíça no ano 2000 é que conseguiu se instalar definitivamente em sede própria, conquistando licença de funcionamento e homenagem na câmera dos vereadores da cidade de Belo Horizonte. .

Segundo a Lei 9.612 de 19 de fevereiro de 1998, artigo 1º do Ministério das Comunicações do Brasil

> denomina-se Serviço de Radiodifusão Comunitária a radiodifusão sonora, em freqüência modulada, operada em baixa potência e cobertura restrita, outorgada a fundações e associações comunitárias, sem fins lucrativos, com sede na localidade de prestação do serviço,

e sua programação deverá atender aos seguintes princípios:

> I - preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas em benefício do desenvolvimento geral da comunidade;
>
> II – promoção das atividades artísticas e jornalísticas na comunidade e da integração dos membros da comunidade atendida;

> III – respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família, favorecendo a integração dos membros da comunidade atendida;
>
> IV – não discriminação de raça, religião, sexo, preferências sexuais, convicções político-ideológico-partidárias e condição social.

Em algumas cidades, principalmente no Nordeste, as rádios comunitárias encontraram nas escolas a possibilidade para sua aceitação e iniciaram atividades conjuntas, instigando a participação juvenil em suas programações. (AMARANTE, 2004) Em alguns casos, a inexistência da rádio comunitária no local (entendida aqui como espaço contendo estúdio para gravação e transmissão de programas) vimos surgir a rádio escola, isto é, um sistema de rádio com circuito de transmissão interno, possibilitando a alunos e professores produzirem programas na própria escola e transmitidos pelos mesmos na hora de intervalo/recreio.

Entendemos que o rádio é um meio de comunicação muito presente na vida de alunos e professores podendo ser percebido até mesmo nas salas de aula, quando alguns alunos utilizam "walkman", mp³ e também acessam rádios pela internet. Sua forma de implantação é mais econômica que a televisão e computadores, mas percebemos que a escola ainda não se apropriou do rádio como se apropriou da escrita. Iniciativas foram implantadas e se perderam, sem ao menos terem registrado suas limitações e potencialidades.

Compreender o significado da rádio educação no contexto escolar da região metropolitana de Curitiba implica em re-conhecer como as rádios comunitárias e escola se relacionam, se comunicam e interagem na gestão do conhecimento / informação. Implica em desvelar as “regras” que envolvem o processo de produção e veiculação de programas elaborados conjuntamente e se os mesmos impactam na formação do sujeito educando.

No Brasil, os serviços de radiodifusão, compreendendo rádio e televisão, foram regulamentados pelo decreto lei 52.795/1963. O decreto determinava que os serviços de radiodifusão teriam finalidade educativa e cultural, mesmo em seus aspectos informativo e recreativo. No artigo 28 do mesmo decreto, estabeleceu-se que as emissoras deveriam reservar no mínimo cinco horas semanais para a transmissão de programas educacionais.

A Portaria Interministerial 651 de 15 de abril de 1999 do Ministério das Telecomunicações e Ministério da Educação, valorizou o conceito de educativo presente na lei de 1963, e contribuiu para que os programas com finalidade educativa não desaparecessem totalmente da mídia, ao reforçar a presença de inserções semanais de programas educativos nas emissoras de rádio e televisão do país. A lei determina a obrigatoriedade de veiculação nos fins de semana de doze minutos de programas educativos, entre 6 e 22 horas.

As emissoras identificadas como educativas, e que exibem programas produzidos com finalidade educativa durante toda a programação, apresentam baixos índices de audiência, o que pode significar que as pessoas não se sentem motivadas o suficiente com relação aos “educativos”.

Entende-se por programa educativo aquele que visa a educação básica e superior, educação permanente e formação para o trabalho, além de abranger as atividades de divulgação educacional, cultural, pedagógica e de orientação profissional, assim como os programas de caráter recreativo, informativo ou de divulgação desportiva, considerados educativo-cultural, desde que possuam elementos instrutivos ou enfoques deste gênero identificáveis em sua apresentação. Os programas educativos devem ainda estar de acordo com os objetivos nacionais, atuando ou não conjuntamente com os sistemas de ensino de qualquer nível ou modalidade.

Na década de 30, os avanços tecnológicos e alteração na legislação contribuíram para que o rádio se afastasse substancialmente da concepção educativa. Os patrocinadores passaram a determinar o que devia ser veiculado, prestigiando os programas voltados para o divertimento, detentores dos maiores índices de audiência.

Em 1936, Roquette Pinto doou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro para o Ministério da Educação e Cultura, MEC, com a condição de que seu uso fosse restrito a programas educativos.

A preocupação de Roquette Pinto com a educação incentivou o surgimento de programas específicos, como o *Universidade no Ar* criado em

1941 pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro e os cursos básicos do Sistema de Rádio Educativo Nacional (SIREN), irradiados de 1957 a 1963. Nos anos 60, surgiu o Movimento de Educação de Base (MEB), que criou escolas radiofônicas que combinavam alfabetização com conscientização para promover mudanças de atitudes, utilizando-se de animadores populares. Foi uma experiência considerada inovadora, que deu um salto de qualidade no sistema educativo por rádio. (ASSUMPÇÃO, 1999)

O conceito de rádio educativa apareceu pela primeira vez no Código Brasileiro de Radiodifusão, em 1963. Conforme a Lei, tais emissoras devem ser geridas por universidades ou fundações sem fins lucrativos, com uma programação comprometida com a educação, ficando proibidas de veicular publicidade.

O Projeto Minerva[16] – programa de 30 minutos de cunho informativo cultural e educativo, com transmissão obrigatória para todas as emissoras do país, teve sua estréia em 1º de setembro de 1970 autorizado pelo decreto legal e pela Portaria Interministerial de número 408/70 que determinava a transmissão de programação educativa em caráter obrigatório, para todas as emissoras de rádio do país. A obrigatoriedade estava fundamentada pela lei 5.692/71.

Em 1971, a lei 5.692 legalizou a educação à distância com permissão para realização de cursos supletivos ministrados em sala de aula, ou por rádio, televisão, correspondência e outros meios de comunicação. “Pretendia-se usar o rádio para alcançar o homem, onde ele estivesse, ajudando-o a desenvolver suas potencialidades, tanto como ser humano, quanto como cidadão participativo e integrante de uma sociedade.” (COSTA, 2004, pág. 30)

[16] O projeto Minerva “destina-se à complementação do trabalho de sistemas educativos tradicionais, à colocação supletiva de adolescentes e adultos e à educação continuada. Pode abranger qualquer nível de escolaridade, divulgação ou orientação educacional pedagógica e profissional, e programação cultural de interesse das audiências” Seus objetivos gerais eram: “informar e formar, no cumprimento do método de abordagem, o problema da utilização de meios de comunicação de massa, para fins educativos e culturais.” In: Serviço de Radiodifusão Educativa / Radio MEC, Projeto Minerva (Rio de Janeiro, s.n.t.) mimeo.

Em 1999, a Portaria Interministerial regulamentou e definiu os critérios para outorgas de concessões, permissões e autorizações para execução.

Já em 2000, o MEC lançou o projeto “Radio Escola” como recurso para auxiliar na capacitação de alfabetizadores do Programa Alfabetização Solidária. A Rádio Escola produz séries de programas educativos que se destinam à capacitação e atualização de professores alfabetizadores de jovens e adultos. Os programas radiofônicos também são utilizados como recurso pedagógico. O projeto fundamenta-se no tripé organizacional: programas radiofônicos, material impresso e orientação.

Em 2001, o projeto Educom.radio nasceu de um contrato entre a Secretaria de Educação da Prefeitura de São Paulo e o NCE – Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da universidade de São Paulo (ECA-USP), visando

> atender a um dos objetivos de governo que era o de construir, nas escolas públicas, um ambiente favorável às manifestações da cultura de paz e à colaboração mútua entre os membros da comunidade educativa, combatendo, desta forma, as várias formas de manifestações da violência, tanto física quanto simbólica (SOARES: 2006, 175)

O projeto trabalhou com a linguagem radiofônica e capacitou 8,5 mil pessoas, entre professores, alunos e membros das comunidades educativas. A partir desta experiência o termo Educomunicação passou a ser utilizado com mais veemência:

> escolhemos o neologismo educomunicação – usado por Kaplún como sinônimo de *educación a los medios* – dando novo significado à palavra para designar a radical transversalidade da comunicação nos processos comunicativos levada à cabo, há pelo menos 40 anos, por inúmeros centros de comunicação e documentação popular, por organizações não governamentais voltadas para a comunicação alternativa, bem como por indivíduos engajados em programas que possibilitaram ao homem mais agilidade e maior abrangência na compreensão da relação entre a prática comunicativa e a prática educativa. (SOARES: 2006, 176)

As experiências descritas revelam a potencialidade do rádio como transformador da realidade sócio-educacional, servindo de âncora para a investigação das percepções dos alunos sujeitos de nossa pesquisa.

3.3 CARACTERÍSTICAS DO RÁDIO

Segundo Ortriwano (1985), foram as características do rádio que o tornaram privilegiado junto aos demais meios de comunicação: utilização da linguagem oral facilitando o entendimento dos ouvintes; a produção e a transmissão é mais econômica e menos complexa se comparada à televisão ou computador; a mobilidade já que os aparelhos receptores podem ser transportados sem dificuldades, permitindo inclusive o uso individual.

Há ainda a característica de potencializar a imaginação e a criatividade, uma vez que a "própria ausência de elementos visuais previamente elaborados em sua mensagem estimula a imaginação dos ouvintes, que, além de decodificarem a mensagem verbal explícita, idealizam configurações a partir dos elementos auditivos." (LIMA & PEREIRA: 2007, 21)

Barbosa Filho (2003) destaca as seguintes características do rádio: "construção de imagens, capacidade de falar para milhões de pessoas, e/ou para cada indivíduo, velocidade, caráter transfronteiriço, simplicidade, baixo custo, efemeridade, música, surpresa, interferência." Segundo o autor, são estas características bem aplicadas que facilitam a mediação entre produção e recepção, locutor e ouvinte, e conformam os gêneros específicos.

A primeira característica destacada se refere a sensorialidade, isto é, a capacidade do rádio de formar imagens. Como o aparelho somente transmite o som, o ouvinte pode criar a imagem a partir de sua própria concepção, de sua cultura. Para Barbosa Filho (2003), "quem faz textos e comentários para o rádio escolhe as palavras de modo a criar as devidas imagens na mente do ouvinte e, assim fazendo, torna o assunto inteligível".

A segunda característica apontada é a penetração. O rádio pode falar para milhões de pessoas ao mesmo tempo. Hoje o satélite é fundamental para assegurar essa característica, pois é ele que permite avaliar a parcela e alcance de audiência. "A parcela de audiência diz respeito ao tempo que o ouvinte gasta ouvindo determinada emissora; já o alcance de audiência

corresponde ao número de pessoas que ouvem, efetivamente, alguma emissora no período de um dia ou uma semana". (BARBOSA FILHO, 2003)

A terceira característica citada se refere ao regionalismo que oferece visibilidade às informações locais, dinamizando as relações entre rádio e comunidade. Ele também alerta para o perigo da emissora "tornar tudo muito local", não conseguindo distinguir entre o *local* e o *paroquial*.

A quarta característica apresentada é a intimidade. "Ao mesmo tempo que atinge milhões de pessoas, o rádio é voltado para o indivíduo em particular. As palavras, a forma de falar, são pensadas para o ouvinte com suas particularidades e expectativas." (2003:46-47) O transistor favoreceu a audiência personalizada, uma vez que a sua criação possibilitou a diversidade de modelos e tamanhos, permitindo ao ouvinte se beneficiar como quiser. Antes a audiência era coletiva uma vez que os aparelhos eram grandes e não podiam se mover.

A quinta característica apontada é o imediatismo e instantaneidade, isto é o rádio possibilita que "o ouvinte se inteire dos fatos no momento em que acontecem".

A sexta característica citada é a simplicidade do rádio uma vez que ele não necessita dos aparatos visuais para se fazer presente. "Com uma estrutura mínima, trabalha-se o meio – o que abre precedentes para que pessoas não especializadas se aventurem na arte de 'fazer' rádio". E esta, talvez seja a característica que mais se encaixe na efetivação das propostas de rádio escola.

A sétima característica destacada se relaciona com a mobilidade do rádio. "Livre de fios e tomadas, o rádio pode ser levado a qualquer lugar." Isto possibilita ao ouvinte escolher onde e como escutar: no carro, na rua, no campo de futebol. "As pessoas simplesmente ouvem, realizando outras tarefas, sem se incomodar."

A oitava característica diz que o rádio é acessível. A maioria da população tem condições para adquirir um aparelho de rádio. Segundo os

dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística o senso de 2003 revelou que 87,8 % dos lares entrevistados possuem rádio. Segundo Barbosa Filho (2003) a proporção é de um rádio por pessoa.

A nona característica apresentada é o custo baixo se comparado aos demais meios de comunicação. A dificuldade para se instalar uma rádio reside na

> obtenção de uma freqüência de transmissão, que é protegida pelos governos como signatários de acordos internacionais. Isso resulta, na maioria das vezes, em algumas dificuldades para a aquisição de concessão. As estações de rádio são financiadas de várias maneiras: licença pública, publicidade comercial, subsídio do governo, capital privado, assinatura pública ou qualquer combinação entre esses métodos. (BARBOSA FILHO: 2003, 48-49)

A décima característica se refere a função social do rádio destacando-se atuar “como agente de informação e formação do coletivo” . Citando Mcleish, Barbosa Filho destaca as seguintes funções: fornece informações sobre empregos, produtos e serviços auxiliando na criação de renda e consumo; atua como vigilante sobre os que detêm poder, propiciando o contato entre eles e o público; desenvolve objetivos comuns e opções políticas, incentivando o debate social e político expondo temas e soluções práticas; contribui com a cultura artística e intelectual; divulga idéias radicais, estimulando a diversidade e mudanças; facilita o diálogo entre indivíduos e grupos; mobiliza recursos públicos e privados para fins pessoais ou comunitários, especialmente numa emergência. (MCLEISCH apub BARBOSA FILHO: 2003, 49-50)

Consideramos oportuno salientar que estas características também são elencadas por Ortriwano no livro A *informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos* publicado em 1985, embora em outra seqüência. A autora registra assim: a) linguagem oral; b) penetração; c) mobilidade (emissor/receptor); d) baixo custo; e) imediatismo; f) instantaneidade; g) sensorialidade; h) autonomia.

3.4 GÊNEROS RADIOFÔNICOS

Barbosa Filho afirma que os gêneros podem ser entendidos “como unidades de informação que, estruturadas de modo característico, diante de seus agentes, determinam as formas de expressão de seus conteúdos, em função do que representam num determinado momento histórico”. (2003, 61)

Assim, torna-se central reconhecer o papel da informação no gênero radiofônico. Barbosa Filho afirma que a informação relata os fatos, que neste caso é também conhecido como jornalismo, “cuja função é atualizar e orientar o público sobre os acontecimentos, interpretando-os”. Por outro lado, existe também “informação, o imaginário, a diversão, a criação. Isto é entretenimento, cuja função é trabalhar o imaginário do público, divertindo-o” (BARBOSA FILHO: 2003, 69) Desta forma, temos as principais funções das mensagens radiofônicas: a jornalística e a de entretenimento. O autor ainda cita a função educativo-cultural que objetiva instruir e educar pessoas; a publicitária que visa a venda ou divulgação de produtos e marcas; a propagandista que difunde idéias e doutrinas; de serviço que presta assistência ao público.

Salientamos que as funções educativo-cultural e de serviço, tornam-se objetivos da rádio escola, uma vez que as ações dos participantes e programas produzidos buscam instruir, educar e servir a comunidade escolar. Ou seja, a equipe de produção se mobiliza para identificar notícias que sejam de interesse da comunidade escolar, transformado-a em pauta do dia.

Outro aspecto a ser considerado segundo Barbosa Filho (2003) é a distinção entre gênero radiofônico e formato radiofônico, bem como programa de rádio, produto radiofônico e programação radiofônica, conforme descreveremos:

a) Formato radiofônico: “é o conjunto de ações integradas e reproduzíveis, enquadrado em um ou mais gêneros radiofônicos, manifestado por meio de uma intencionalidade e configurado mediante um contorno

plástico” (BARBOSA FILHO: 2003, 71) Ou seja, é o modelo que o programa assume.

b) Programa de rádio ou produto radiofônico: “é a reprodução concreta das propostas do 'formato radiofônico', obedecendo a uma planificação e a regras de utilização dos elementos sonoros.” (idem, 2003, 71)

c) Programação radiofônica: “é o conjunto de programas ou produtos radiofônicos apresentados de forma seqüencial e cronológica.” (idem, 2003, 72)

No rádio, a linguagem é composta de elementos que se entrelaçam para compor a mensagem convertida em ondas sonoras. Segundo Silva (1999, 71) “a linguagem radiofônica não é exclusivamente verbal-oral. Assim como a palavra escrita, músicas, efeitos sonoros, silêncio e ruídos são incorporados em uma sintaxe singular ao próprio rádio”. Ou seja, estes elementos se ajustam para compor a mensagem.

Na mesma direção, Faus Belau ensina que “a música, os efeitos, o timbre e os matizes e uma voz, os silêncios, enfim, são algo mais que meros recursos morfológicos ou técnico-instrumentais dentro do relato radiofônico...” (FAUS BELAU apub BARBOSA FILHO: 2003, 80)

O Instituto de Pesquisa Marplan (1999) identifica dez gêneros no rádio que podem ser assim elencados: 1) música popular/sucessos; 2) noticiário jornalístico; 3) noticiário policial; 4) variedades; 5) programas sertanejos; 6) horóscopo; 7) transmissões esportiva; 8) noticiário esportivo; 9) comentário/entrevista; 10) radionovelas.

A classificação feita pelo Instituto Marplan considera os formatos e conteúdos, implicando no não agrupamento dos blocos que possuem raízes comuns e as mesmas estruturas de produção. No entanto, Barbosa Filho (2003) afirma que é possível agrupar as transmissões esportivas, os noticiários e os comentários/entrevistas que seguem os mesmos moldes do gênero jornalístico do rádio. Da mesma forma, agruparia também os de formato diversional (entretenimento) como os sertanejos, horóscopo, radionovela, música popular/sucessos.

Kaplún propõe a existência de duas vertentes: gênero musical onde a predominância seja música e o gênero falado quando predominar a palavra. O autor ainda divide o gênero falado em doze, a saber: locução ou comunicação; testemunhal; o noticiário; a nota ou crônica; o comentário; o diálogo; a entrevista informativa; a entrevista; o radiojornal; radiorrevista, miscelânea ou variedades; a mesa redonda; o radiorreportagem; a dramatização. (KAPLUN, 1998)

Outro gênero identificado por Kaplún é o cassete foro que vigorou por quase duas décadas no Uruguai: semanalmente os camponeses gravavam o que compreendiam de determinado tema em um lado da fita cassete e enviavam a mesma para outro grupo, que após ouvir a fita, continuavam a discussão gravando no outro lado da fita.

Já Barbosa Filho (2003) classifica os gêneros radiofônicos em razão da função específica que eles possuem em face das expectativas de audiência. Assim, sua classificação aponta os seguintes gêneros: jornalístico; educativo-cultural; entretenimento; publicitário; propagandístico, serviço, especial.

Para melhor elucidar nossa pesquisa sobre rádio escola, destacaremos o gênero educativo cultural, predominante nos trabalhos de rádio escola.

3.4.1 O Gênero Educativo Cultural

Segundo Barbosa Filho (2003) este gênero é a sustentação da programação dos países desenvolvidos. No Brasil, este foi o primeiro gênero implantado. A comercialização e banalização dos conteúdos dos programas radiofônicos não permitem a criação de projetos que visem instruir e educar por meio do veículo de massa mais popular e de maior penetração.

Kaplun afirma que a “educação radiofônica” não se restringe apenas a alfabetização ou difusão de conhecimentos básicos implicando

> todas aquelas que procuram a transmissão de valores, a promoção humana, o desenvolvimento integral do homem e da comunidade, as que se propõem a elevar o nível de consciência, estimular a reflexão e converter cada homem em agente ativo da transformação de seu meio natural, econômico e social... (KAPLUN: 1985, 87)

Atualmente é impossível pensar as práticas pedagógicas sem auxílio de recursos audiovisuais. Para Barbosa Filho

> o áudio nos parece mais apropriado se utilizado como parte integrante de uma estratégia de difusão de conhecimentos em que estejam contemplados outros meios, sendo sua atuação definidas por ações que estimulem o aprendizado por meio do uso da linguagem do imaginário ou que existam como sustentação de ações educativas em que há o emprego da imagem e do impresso. (BARBOSA FILHO; 2003, 111)

Este autor identificou alguns formatos considerando a oferta de programas de rádio europeu e também elementos das eventuais programações educativas do Brasil. São eles: programa instrucional, audiobiografia, documentário educativo-cultural e programa temático. Vejamos as particularidades de cada um:

1 – Programa instrucional

Formato estratégico-pedagógico que acompanha os currículos aprovados pelo ordenamento que regula o ensino oficial, adaptado à linguagem do áudio. Utiliza recursos como a radiofonização de determinados comportamentos e situações. Geralmente é utilizado como suporte para cursos de alfabetização, línguas estrangeiras e disciplinas como geografia ou história. Têm ainda a utilização de acessórios como cartilhas e material de apoio gráfico que complementam as informações transmitidas.

2 – Audiobiografia

Formato que privilegia a vida de uma personalidade de qualquer área do conhecimento. Normalmente apresenta os fatos marcantes da trajetória da personalidade, bem como sua obra, seu comportamento e idéias.

3 – Documentário educativo-cultural

Formato que trata de um tema humanístico (escola, movimento literário ou musical). Tempo de duração varia entre meia hora e uma hora, em que o roteiro deve apresentar o uso de elementos sonoros (trilha, efeitos, vinhetas).

Apresenta a mesma sistemática dos formatos jornalísticos diferindo por sua função e conteúdo.

4 – Programa temático

Tem como objetivo a abordagem e discussão de temas sobre a produção de conhecimento. O tempo de duração varia entre cinco minutos e uma hora. O rádio paulista têm se destacado, exibindo programas de conteúdo literário.

O formato mais conhecido de rádio educativo é o primeiro, instrucional, facilmente reconhecido uma vez que apresenta o áudio e material complementar como apostilas e manuais de instrução, tanto para o aluno como para o professor, sendo muito utilizado no ensino de Língua Estrangeira. Já os outros, audiobiografia – documentário - temático e cassete foro, são pouco conhecidos (ou pouco utilizados!), mas também são os que mais se adaptam à rádio escola, devido a sua versatilidade e o caráter multidisciplinar. A variedade de temas e personalidades que podem ser investigados e transformados em programação de áudio enriquecem qualquer rádio que se disponha a utilizá-los.

4 O PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa foi realizada no período de setembro a dezembro de 2007. Optamos pela pesquisa participante visto que têm como estratégia a inserção do pesquisador no ambiente pesquisado e seu compartilhamento da situação vivida pelo grupo ou pela comunidade, com propósito investigativo. (PERUZZO: 2005) Optamos ainda pela modalidade de observação participante que tem por finalidade “a observação dos processos comunicativos interpessoais, grupais ou comunitários, envolvendo os meios massivos ou outros processos de comunicação como os grupais, e meios alternativos de comunicação.” (PERUZZO: 2005, 136)

Os instrumentos da pesquisa foram aplicação do questionário inicial para sondagem do grupo, as oficinas de rádio ministradas pelo CEFURIA na escola, observação, entrevistas e análise documental.

A escolha do campo foi a tarefa mais complexa da pesquisa pois a busca parecia nunca terminar. Durante os meses de fevereiro a setembro visitei as rádios comunitárias instaladas na região metropolitana na expectativa de poder realizar a pesquisa de campo. A cada rádio visitada voltava decepcionada com a realidade encontrada. A primeira foi de total desânimo: a rádio se localiza bem na região central de Curitiba, mas não permite a entrada de mulheres. A segunda rádio apresentava apenas programação evangélica e não mantinha nenhuma relação com as escolas de seu entorno, que era o objeto inicial do estudo. O Pastor responsável pela rádio achava que a idéia da pesquisa atrapalharia a dinâmica de funcionamento da rádio. A terceira rádio visitada cobrou-me um apoio cultural no valor de um salário mínimo para a realização da pesquisa. Na quarta rádio visitada os locutores que estavam presentes não souberam informar quem eram os dirigentes e quando eu poderia falar com os mesmos. Retornei à rádio mais cinco vezes e em nenhum momento consegui falar com o responsável geral. A sexta rádio visitada apresentava uma programação exclusivamente musical e também não mantinha nenhum relacionamento comunitário, no sentido strictu do termo. A sétima rádio visitada era a única com movimentação popular, programação variada, mas não apresentava vínculo com a escola do entorno. A oitava rádio visitada deixou-me atônita – a concessão foi expedida para uma associação que controla um shopping popular da cidade. O responsável pela rádio ocupa o cargo de administrador do shopping. O mesmo me atendeu, mas informou que a rádio não estava em funcionamento. Em duas rádios localizadas não foi possível entrar nas dependências, pois as mesmas sempre se encontram fechadas e segundo a lista telefônica, o assinante solicitou sigilo não sendo possível divulgar o número.

A rádio escola investigada foi encontrada após a terceira ida na rádio comunitária que possui movimentação popular. Ao comentar com o assessor de imprensa da rádio sobre as buscas e a pesquisa que estava tentando

realizar, ele comentou sobre o projeto em fase embrionária (havia acontecido um encontro com os alunos e um encontro com a Associação de Pais e Professores) e convidou-me para conhecer.

A Escola Estadual São Pedro Apóstolo estava implantando uma rádio escola. Ainda não havia nenhum tipo de equipamento, só as quatro alunas da oitava série que propuseram a criação da rádio. Para que a proposta se efetivasse, foi proposto um debate com gravação de vozes com os alunos do primeiro ano, (encontro este que aconteceu antes de minha inserção no campo). Após a realização do debate, o CEFURIA editou-o em formato radiofônico que foi apresentado aos alunos e ao conselho de pais e professores juntamente com o projeto de criação da rádio escola.

A rádio escola foi inaugurada na última semana de aula, ou seja no dia 04 de dezembro de 2007 com a apresentação do programa produzido pelos alunos da oficina de rádio.

Para compor o número de alunos da oficina, os alunos que participaram do debate propuseram convidar os demais colegas. A idéia foi descartada, pois poderia atingir um número elevado de interessados e não teria como atender. Então foi proposto convidar os representantes de turma. Acompanhei duas alunas do projeto de sala em sala convidando os representantes de turma para a reunião sobre a rádio escola. A reunião aconteceu na sala do Laboratório de Informática e no meio das explicativas foi interrompido pela professora de Língua Portuguesa que queria utilizar o laboratório. Após as explicações sobre o projeto, dois alunos disseram que não queriam e perguntaram se podiam indicar outro colega da sala para a oficina. Também foi feito o convite aos professores para que participassem da oficina. Desta forma foram selecionados 24 alunos e 1 professora.

As oficinas de rádio aconteceram uma vez por semana, em dias alternados para não prejudicar a freqüência às aulas, já que os encontros eram em horário normal de aula.

Após a inauguração da rádio realizamos entrevistas coletivas com cada grupo que apresentou o programa. Após as entrevistas coletivas, selecionamos aleatoriamente 8 participantes para a entrevista individual.

4.1 O COLÉGIO ESTADUAL SÃO PEDRO APÓSTOLO:

> São 7h20. Chego à escola e fico observando a entrada dos alunos e alunas. Muitos se encontram sem uniformes, carregam mochilas nas costas e cadernos nas mãos. Prevalece o uso de bonés, toucas, piercins e adornos (pulseiras, colares, correntes) entre os alunos, independente do gênero. Muitos com cabelos coloridos, especialmente os rapazes com luzes e drages. A servente no portão também se destaca. Alguns a chamam de tia, brincam, sorriem. Outros passam direto. Alguns de mãos dadas, outros se abraçam como namorados e seguem o corredor. Também é considerável o número de alunos que seguram celulares e que utilizam fones de ouvido visivelmente. Estariam ouvindo músicas? Estariam ouvindo algum noticiário? Por que carregam os celulares nas mãos e não nas mochilas ou bolsos? E a maquiagem nas meninas? Será sempre assim? ... às 7h33 a servente fecha o portão principal e se dirige para o corredor em frente à secretaria, próximo à sala da diretora e pedagogas. Agora a entrada dos alunos atrasados passa a ser feita pelo portão pequeno acionando o controle remoto para abri-lo sempre que são avistados pelo olhar da servente. No corredor tem um banco de madeira e em frente ao mesmo um quadro com as fotografias dos ex-alunos que formaram na escola. Cada aluno que chega atrasado ouve alguns reclamões da servente: como sempre, heim??? Amanhã você só entra com bilhete dos pais! Corre! Ce já ta muito atrasado!!! São 7h46, uma aluna atravessa o portão e enquanto se dirige pelo corredor ouve seu nome gritado pela servente : Luisa[17], onde você está indo?Não sabe que precisa da autorização da Diretora pra entrar? Tem que esperar... volta aqui... A aluna retorna de cabeça baixa, e reclama que vai perder a prova. A servente lhe diz que é pra aguardar e que se lembrasse disso antes de chegar atrasada. A diretora chega ao corredor por volta de 8h10 e reclama por que a aluna não foi pra sala, e só sorri quando a servente lhe diz que ela chegou depois do horário. A garota então vai para a sala. E um novo grupo de alunos se aproximam: alegam que perderam o ônibus e precisam de autorização para entrarem no segundo horário. Bate o sino. Professores se movimentam mudando de sala e alguns alunos aproveitam para conversarem nos corredores. A servente xinga, mandando que retornem à sala de aula. (03 de setembro de 2007 – diário de campo)

A transcrição acima embora extensa apresenta um relato da entrada de alunos na escola pesquisada. A presença da sirene marcando o início das aulas e a presença da servente fiscalizando a entrada dos alunos na entrada

[17] Nome fictício.

principal revelam um pouco da cultura escolar que sempre conhecemos: escola, inspetor e alunos.

Em pleno século XXI a escola ainda apresenta marcas da ditadura (basta observar sua arquitetura![18]) e busca uma orientação mais democrática no trato com os alunos e também com a comunidade escolar. Sua entrada principal apresenta um largo corredor separando dois pavilhões. À direita identificamos a sala da coordenação pedagógica, sala de projetos educativos (ong) e à esquerda encontra-se a secretaria e sala de informática para as pedagogas e ou professores.

O Colégio Estadual São Pedro Apóstolo foi criado em 1962[19] e atende hoje aproximadamente 1400 alunos distribuídos em três turnos. No primeiro turno atende alunos da oitava série do ensino fundamental e as três séries do ensino médio. No segundo turno atende alunos da quinta à sétima serie do ensino fundamental. No terceiro turno atende alunos do ensino médio profissionalizante. O ensalamento é feito considerando a série e idade dos alunos evitando que haja disparidade.

A escola cresceu desordenadamente, e agrupa dois blocos de sala de aula; duas quadras de esportes, sendo uma coberta; um laboratório de informática; biblioteca; sala de professores; sala do grêmio estudantil; sala de coordenação pedagógica; sala de projetos e cantina.

Os corredores abrigam em média oito salas de aula em cada bloco, garantindo que as séries fiquem juntas. O laboratório de informática se localiza no segundo andar, a biblioteca no primeiro e ao lado fica a quadra de esportes.

---

[18] Toda a construção da escola é planejada considerando a pedagogia tradicional: os alunos se sentam de frente para o quadro "negro" onde a mesa do professor está localizada como se somente o professor fosse o detentor do saber; os corredores te levam diretamente à sala de aula. A cor da pintura das paredes das salas de aula são cinza escurecendo o ambiente. Ver mais em DAYRELL, J: Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

[19] Nos anos sessenta, era a única escola pública da região e atendia quase 2.400 alunos em dois turnos. Inicialmente oferecia apenas de primeira à quarta série. Anualmente, passou a oferecer também o ensino de quinta à oitava série. Devido aos conflitos constantes na escola (brigas entre alunos, ausência de professores, falta de manutenção dos equipamentos, entre outros), e a dificuldade do corpo docente em solucionarem os problemas e atenderem os alunos, surgiu a necessidade de separar os alunos menores dos maiores. Assim, urgirá no início dos anos 70 a Escola Estadual Jardim Urano e Nossa Senhora do Sagrado Coração de Maria. Esta passou a atender as crianças menores e a Jardim Urano, as maiores. No final dos anos 70, começou a ofertar também o segundo grau e teve o nome da escola modificado para Colégio Estadual São Pedro Apóstolo. Em 2005, a escola se viu obrigada a ampliar o espaço físico, construindo na área que era destinada ao lazer o bloco das salas de aula ocupadas hoje pelos alunos das oitavas séries.

Todo o muro externo da escola apresenta grafites e as carteiras em algumas salas de aula são pichadas.

No intervalo de recreio, é servida a “merenda escolar” na cantina e também se abre uma pequena sala no pátio principal para venda de salgados, refrigerantes, sucos, salgadinhos e outras guloseimas.

O projeto político pedagógico da escola foi elaborado em 2000 e é revisto anualmente. Tem como objetivo garantir o ensino público de qualidade, visando a inclusão social de alunos com necessidades especiais e também a oferta de atividades esportivas e culturais diversificadas. Em 2006 incorporou aspectos da Lei 10.639, instituiu a Semana de Consciência Negra a se realizar no mês de novembro e reafirmou o compromisso com respeito a etnia e valorização da democracia.

A diretora tem somado esforços no sentido de garantir uma escola aberta às necessidades dos alunos, procurando identificar parceiros que possam contribuir com oficinas de dança, música e capoeira, no intuito de oferecer no contra turno atividades que complementem a formação escolar.

O currículo escolar segue as diretrizes da educação nacional, obedecendo aos parâmetros curriculares nacional e também adota livros didáticos escolhidos pelos professores que constem no PNLD[20]. A avaliação do rendimento escolar é através de provas e trabalhos de grupos feitos em sala de aula.

Há quatro anos firmou parceria com o CEFURIA e implantou o projeto “Rede da Vida” que tem como objetivo promover atividades de prevenção às drogas e gravidez na adolescência, incentivando o protagonismo juvenil na escola. O projeto acontece duas vezes por semana e oferece várias oficinas para os estudantes, incluindo mídia na escola.

Em 2006, o projeto proporcionou a oficina de vídeo e tentaram a criação do jornal da escola, mas após a oficina os alunos se desinteressaram e a proposta do jornal ficou esquecida.

Em 2007, um novo grupo de alunas da oitava série propuseram a criação de uma oficina de rádio, de forma que pudessem atuar como repórteres

[20] Plano Nacional do Livro Didático

na escola. A equipe do projeto viu nesta proposta a oportunidade para viabilizar a criação do protagonismo juvenil, que nos dizeres da coordenadora

> *era uma forma dos alunos deixarem a sua marca na escola; eles não apenas aprenderiam as técnicas de rádio e vídeo, mas poderiam deixar para os mais novos uma lembrança, e, quem sabe, descobririam uma possibilidade de formação profissional*." (M., 03 de setembro de 2007)

A coordenadora do projeto é ex-aluna da escola e moradora da vila há 35 anos. Formada em Serviço Social, atua na escola como educadora e é também conhecida como a mulher do "Axé", pois todas as atividades dirigidas por ela no projeto se encerram com o grito "Axé". Segundo ela,

> *Axé significa paz e é um jeito de transmitir energia positiva aos alunos. Boa parte deles chegam aqui tristes, com baixa auto-estima, alguns tem problemas com os pais... este é o meu jeito de lhes desejar algo de bom, de coloca-los pra cima*. (M., 10 setembro de 2007)

4.2 O PROJETO REDE DA VIDA E A RADIO ESCOLA: O CONTEXTO

O projeto rede da vida foi implantado na escola no ano de 2003, e tinha como objetivo principal assegurar os direitos da criança e adolescente, promovendo a discussão de temas relacionados à saúde e sexualidade na adolescência, principalmente a gravidez precoce.

Desde a sua implantação na escola, o projeto sempre promoveu oficinas aos alunos no contraturno, principalmente de dança, teatro, poesia, artesanato, mídia comunitária, entre outras, incentivando o protagonismo juvenil e formação de lideranças.

No ano de 2006, quatro alunas da oitava série participaram de uma oficina de rádio e vídeo promovidas pelo CEFURIA em um encontro de estudantes. Já em 2007, quando um aluno do colégio passou a executar a música no recreio, e sem abrir espaço para a participação dos demais colegas, elas começaram a reinvindicar junto ao Grêmio Estudantil e a Diretoria da escola, "direitos iguais".

Nosso primeiro encontro com o grupo de participantes do projeto Rede da Vida aconteceu em uma manhã em que os alunos do terceiro ano do ensino

médio ouviriam a edição do programa sobre estilos realizado no mês de setembro.

O programa gravado tratava de um debate sobre estilos musicais e juventude que aconteceu após o assassinato de um aluno muito querido pelo grupo de alunas identificadas como “roqueiras” e “regueiras” na porta da escola. Segundo os jornais da ocasião, tratava-se de “acerto de contas” entre usuários de craque e maconha na região. Na versão das meninas, não era nada disso. O rapaz foi morto por que “*os caras se confundiram e atiraram na pessoa errada*”. Para a escola, tratava-se de um aluno comum: alegre, passivo, se dava bem com todo mundo, tinha um jeito diferente de vestir, gostava de música, dança e sempre era visto junto ao grupo de roqueiros da escola.

Considerando o fato do assassinato na porta da escola e a agitação em torno dos estilos juvenis, a equipe do projeto Rede da Vida percebeu a oportunidade de ouvir o que os alunos pensavam sobre isso, os estereótipos de cada grupo, que segundo a coordenadora é o vilão de toda a maldade que os adolescentes sofrem.

> *A gente não podia ficar quieto. Era importante discutir o que está por trás desses estilos, desses grupos. Nem todos percebem que é no grupinho de pagode, de rap ou até mesmo rock que as drogas circulam livremente e é preciso conhecer melhor e prevenir.* (diário de campo, setembro, 2007)

Chegamos à escola cedo, antes de iniciarem as aulas e ficamos observando a entrada dos alunos. Apresentamo-nos na recepção por volta das oito horas, procurando pela responsável do projeto, que ainda não havia chegado. Ofereceram-nos um banco para aguardar. A sala do projeto ficava bem próximo à recepção e havia no corredor um número significativo de meninas e meninos que aparentavam ter entre 12 e 14 anos, também aguardando. Entre elas, destacavam-se maquiagem com bastante brilho e tonalidades escuras como preto nas sombracelhas, e cabelos com luzes entre os meninos.

Pouco depois a responsável chegou. Disse-nos que a equipe se reuniria às 10 horas e que estávamos muito adiantados. Perguntou-nos se gostaríamos de assistir as oficinas que aconteceriam até o horário dos alunos do terceiro ano, grupo que acompanharíamos. Aceitamos o convite e entramos em sala.

A sala é ampla e arejada. Possui janelas de frente para o pátio e de frente para a rua. Na parede destacam-se cartazes de alunos e campanhas de erradicação ao trabalho infantil e contra a violência sexual. Observamos um computador, uma mesa de escritório, arquivo de gavetas, armário de latão, cadeiras brancas com almofadas que logo as meninas jogaram no chão. Rapidamente encostaram as cadeiras na parede e sentaram-se sob as almofadas formando um círculo no chão.

Cada aluna apresentou-se falando o nome para nós, sorriam discretamente e questionaram qual oficina iríamos dar. Sorrimos e dissemos que éramos pesquisadores e estávamos aguardando pelo grupo de alunos da oficina de rádio e elas prosseguiram com suas atividades.

Cada uma retirava um papel dentro de um saco de pano colorido, e comentava com o grupo sobre a palavra sorteada. Em seguida, cada participante poderia complementar o que foi falado ou perguntar a respeito. A responsável pelo grupo mediava a discussão, tirando dúvidas e esclarecendo os questionamentos.

Percebemos que falavam de saúde e sexualidade na adolescência, debatendo sobre menstruação, AIDS, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, pílulas do dia seguinte, entre outros. Após um período de discussão em grupo, as meninas se levantaram e buscaram o aparelho de toca-cd. Escolheram um cd e começaram o ensaio de uma coreografia que apresentariam na semana de consciência negra na escola.

De repente ouvimos uma sirene estridente, anunciando o início do intervalo. As meninas novamente formaram um círculo de mãos dadas e foram convidadas a expressar em uma palavra o sentimento que marcava aquele encontro. Após todas se manifestarem, ouvimos o grito que marca a responsável pela sala: “AAAAXXXEEEE!!!!” Todas se despedem com um beijinho no rosto e se dirigem ao pátio da escola.

Durante o intervalo, sentamo-nos no espaço de frente à cantina. Pouco depois um rapaz que aparentava uns 16 anos, de cabelos “arrepiados”, brincos e piercings, anéis, calças largas e tênis foi montando uma caixa de som. Em poucos instantes, música e dança no pequeno “palco” que se formava onde estávamos. Alguns adolescentes paravam e observavam o que tinha no palco. Outros continuavam seu caminhar e falar sem nem se dar conta de que estava

tocando música. Alguns professores se encaminharam a secretaria e biblioteca. Alguns alunos dançam e brincam. Outros parecem namorar. Os pequenos grupos de meninas que cochicham e até mesmo de meninos, também é significativo. Também observamos vários tipos de penteados: “drage”, tranças africanas, chapinhas, black power, entre outros. Percebemos vários grupinhos de garotas que refaziam a maquiagem. Passados vinte minutos, a sirene toca estrondosamente e nos assustamos com a mesma. O garoto do som logo desligou a caixa e foi desmontando a parafernália enquanto a servente que “vigiava” a entrada, gritou que já acabou o recreio e que deveriam retornar à sala de aula.

Um outro grupo de alunos vão se aglomerando junto ao portão que separa o espaço administrativo do pátio e tentam acalmar a servente que insiste aos gritos que eles devem ir para a sala. Um dos rapazes afirma que hoje eles irão para o projeto e ela pede que aguardem pela responsável que ainda estava lanchando. O uso de bonés e toucas também é observável entre as meninas deste grupo, tanto quanto nos meninos, destacando-se uma garota de cabelo rosa e espetado. As cores vibrantes da faixa no pescoço dá um toque exótico para a sala de aula que imaginamos na escola pública.

Neste instante, percebemos a chegada do monitor da oficina de rádio do CEFURIA que logo nos cumprimentou. Sorriu para os alunos que se aglomeraram no pequeno corredor e que foram trocando apertos de mãos dos mais variados: mão com mão, mão e abraços, tapas de mão para cima e para baixo.

Ficamos refletindo enquanto aguardava o horário de entrarmos em sala para ouvirmos a gravação do debate e perguntavamo-nos sobre as falas e tensões que poderiam surgir. Quais os estilos marcantes deste grupo? Como seriam? Será que a droga e violência constituem no imaginário desses adolescentes elementos que remetem aos estilos culturais da juventude como pronunciado pela coordenadora?

Logo nos dirigimos para a sala do projeto e cada aluno ia procurando se ajeitar nas cadeiras disponíveis na sala. Faltaram quatro cadeiras e os rapazes buscaram na sala ao lado. A responsável foi logo repassando uma almofada para cada aluno que trouxe a cadeira e em seguida pediu que nos apresentassemos ao grupo.

Apresentamo-nos e relatamos que acompanharíamos os encontros das oficinas de Rádio a partir da semana seguinte, como um trabalho de pesquisa.

Um dos rapazes, riu e brincou, "*Legal, a gente agora já tem quem vai anotar tudo. Vi ela escrevendo lá fora!"* Percebemos naquele instante que o nosso bloco de anotações embora pequeno, havia chamado a atenção dos alunos no intervalo. De fato, andamos pelos corredores e sempre registrávamos o que víamos, às vezes até sem saber ao certo porque, mas tudo era novo: vestuários exuberantes como sobretudos, toucas das mais diversas cores tanto em rapazes como em moças, botas longas e salto alto, mini saia, bermudões, top, maquiagem, cabelos pintados de roxo, rosa choque e azul; pulseiras que mais pareciam um "ouriço" de metal, uniformes escolares imbricados na moda juvenil das ruas. Sim, o universo da escola é um vasto campo de complexidades!

Os responsáveis pelo projeto Rede da Vida relembraram aos alunos e alunas o objetivo de estarmos reunidos naquela manhã, ou seja, ouvir a gravação do debate com as referidas edições que foram realizadas pelo Jornalista do CEFURIA que assessoraria na implantação da rádio escola se os alunos estivessem mesmo dispostos ao trabalho. Informou ainda que o colegiado da escola votaria a aprovação de compra dos equipamentos para a rádio escola e que a conquista era algo novo e marcante na trajetória da escola. Continuando, convidou os alunos a ouvirem a gravação do debate editado em forma de um programa radiofônico.

Ao iniciar a passagem da gravação, os alunos mostraram-se atentos em cada fala e à medida que identificavam a própria voz, surgiam comentários e risos ao perceberem a mudança na tonalidade da mesma. No dizer de uma das alunas: "*Caracas!!! Minha voz tá horrível!!! Não! A gente tem que tirar isso daí!"* Os rapazes riam e empurravam-se ou jogavam bolinha sobre o outro ou puxavam o boné do colega ao perceberem uma crítica ao estilo do outro.

Ao término da gravação, alguns pareciam frustrados e se olharam perguntando porque não estava o depoimento do aluno que fazia referência às drogas. Dois dos alunos que não participaram da gravação original instigam, demonstrando achar que se tratava de mentira. Neste momento, o monitor esclareceu que como aquela gravação era institucional e que seria apresentada na reunião do Colegiado para aprovação da compra dos materiais

da rádio e também para valorizar o projeto e ações do protagonismo juvenil na escola, não seria conveniente manter o depoimento de uso de drogas e introduziu o conceito do que é a edição de um programa. Utilizando o computador, ele fez algumas demonstrações dos recursos midiáticos disponíveis para “cortar frases”, “diminuir o espaço de respiração”, incentivando-os a participarem da oficina de Rádio que seria implementada.

Alguns alunos questionavam sobre o tipo de equipamento que seria utilizado, se daria para disponibilizar na internet os programas, se os programas seriam ao vivo ou se seriam sempre editados pelo CEFURIA, enfim, havia muita pergunta sobre a aparelhagem e quem operaria os equipamentos.

No calor da discussão sobre os estilos e sobre os equipamentos, descobrimos que o rapaz que operava o som no recreio é DJ[21], e que ele pediu autorização para usar a caixa de som da escola no intervalo. Para os alunos do terceiro ano, isso não era problema, o problema é que ele não contemplava os gostos de todos os alunos e que só passava as músicas que agradavam a ele ou ao grupo de alunos ligado a ele.

O monitor tentou uma mediação lembrando que a rádio da escola precisa, necessariamente, privilegiar os interesses dos alunos e dos professores e que caberia ao grupo que estivesse à frente negociar e fazer valer não só o que ele acredita, mas pensar também o coletivo, o grupo de alunos da escola. Neste instante, vislumbramos a diversidade e pluralidade da expressão juvenil no contexto escolar. A Radio Escola já começava no embate das diferenças que se faziam marcantes entre eles: pagodeiros, roqueiros, rappers, negros e brancos. Será que eles percebiam a marca do preconceito que já se evidenciava na equipe que se mobilizaria para a implantação da rádio escola?

Às onze horas e cinqüenta minutos a sirene da escola soa novamente e todos se inquietam com o horário e percebem que assistiram até o último minuto de aula, levando-nos a perguntar se não é comum ficar até “bater o sinal”. A resposta que obtivemos foi mais interessante: *“Pô, prof... tá me estranhando? Não dá pra ficar até o fim... é sempre um saco... sempre a mesma coisa... dá onze e meia a gente cai fora!”* reafirmando o que muitos

[21] Disc jóquei – termo utilizado para se referir ao sujeito que faz a discotecagem/mixagem das músicas eletrônicas, ou seja, é a pessoa responsável em fazer o “som” acontecer.

pesquisadores da educação vem constatando: a escola como está não consegue absorver os alunos tornando-se um desafio para os professores.

Combinamos um novo encontro para semana seguinte, quando divulgaríamos as datas de realização de oficina, pois a mesma aconteceria em dias e horários alternados para não prejudicar o andamento dos trabalhos em sala de aula, já que a diretora havia autorizado a dispensa para participação em horário normal de aula.

O jornalista e a coordenadora foram os responsáveis pela edição deste programa específico. Na fala do jornalista e assessor da oficina de rádio na escola o

> *programa é institucional, não dava pra deixar do jeito que estava. Daquele jeito a gente não conseguiria o apoio da diretora e da associação de pais para comprarmos os equipamentos da rádio. Não dava pra arriscar. Guardamos o material bruto como arquivo, pois não seria legal expomos o projeto e nem os alunos diante da diretoria da escola. (Diário de campo, 18 de setembro, 2007)*

A informação prestada demonstra a preocupação em viabilizar a compra dos equipamentos por parte dos coordenadores do projeto, evidenciando a manipulação da informação segundo os interesses dos produtores da rádio, que também foi verificada pelos alunos do programa.

Após um período junto do grupo, algumas meninas contaram-nos que a gravação deste programa específico se deu em dia de agitação, em que o clima era de tristeza, “pânico até”.

No encontro seguinte com o grupo, compareceram oito dos vinte e seis que estavam no encontro anterior, gerando instabilidade no grupo e também no monitor: “*Se começarmos com um grupo muito pequeno, corremos o risco de não ter a rádio funcionando pois a experiência me diz que com o tempo alguns vão esfriando e deixam de participar...”* (monitor, setembro, 2007) “*A galera é muito desanimada... não dá pra contar com eles!Será que não dá pra chamar mais gente?!*” (oitava A, setembro, 2007) *“O pessoal só tá interessado na formatura... ninguém tá querendo fazer mais nada, não!”* (terceiro B, setembro, 2007)

Neste momento, o grupo começou a se perguntar o que fazer para mobilizar outros colegas, e surgiu a idéia de ir às salas de aula, fazer convite

aos representantes de turma e aos professores. Também sugeriram colocar cartazes na escola, o que logo foi descartado pois não daria para trabalhar com um número grande de alunos. Assim, a idéia que prevaleceu foi convidar os representantes de turma, pois os mesmos são eleitos pelos estudantes no início do ano e assim contemplariam todas as salas de aula, onde cada um poderia estar colhendo opiniões dos alunos e trazendo pro grupo.

Como o interesse do grupo era também mobilizar a escola como um todo, e também percebendo que para a rádio se manter no ar precisaria do apoio dos professores, a coordenação do projeto sugeriu aos alunos que convidassem os professores, o que foi aceito sem questionamento pelo grupo de alunos.

Foram escolhidas duas alunas que iriam às salas de aula convidar os representantes. Isto feito realizaram uma reunião no laboratório de informática que era a sala maior disponível na ocasião, onde explicaram o que seria a oficina e a pesquisa de Mestrado que aconteceria junto. Três dos representantes de turma não quiseram participar e indicaram outro aluno da turma para representá-los. Ao verificarmos a lista de presença, percebemos que todas as turmas do primeiro turno estavam contempladas com um representante e nos surpreendemos quando apenas uma professora se inscreveu para participar, pois esperávamos que mais professores se interessassem especialmente os de Educação Artística ou Língua Portuguesa. No entanto, a professora que se inscreveu é licenciada em Geografia e ministra aulas nos dois turnos da escola.

4.3 AS OFICINAS

Foram realizados cinco encontros, sempre no período da manhã, utilizando-se os horários de aula. Nos dias de oficina, a aula dos alunos era ministrada na sala do projeto pelos monitores da Rádio Escola. A Diretora havia dispensado os alunos das atividades de “sala de aula” para participarem da Oficina, entendendo que as atividades do projeto enriqueceriam as demais atividades curriculares dos alunos. A professora que participava da oficina, sempre encaminhava trabalhos de grupos que eram acompanhados pela

Estagiária, Professor que estava em "Hora-Atividade[22]" e ou Pedagoga que assumia a classe.

Considerando as experiências anteriores, os monitores acreditavam que as oficinas precisavam ser mais práticas desde o início, com o intuito de não entediar os alunos. Assim a proposta era iniciar com uma dinâmica de grupo, e então, produzir o programa em partes: gravar vozes, entrevistar, reportar, transmitir ao vivo. Enfim, os alunos aprenderiam fazendo.

4.4 OS SUJEITOS DA PESQUISA SEGUNDO O QUESTIONÁRIO

No primeiro encontro com os alunos que se inscreveram para a oficina de Rádio, aplicamos um questionário com o intuito de obtermos dados gerais sobre os alunos e seus hábitos de consumo midiático. Entendíamos que estes dados poderiam ser um "guia" para o encaminhamento das oficinas, bem como um primeiro esboço de como os alunos interagem com a mídia, especialmente com o rádio.

O grupo é composto por 67% de alunos do sexo feminino e 33% do sexo masculino. Entre os alunos de sexo feminino 50% se consideram brancos, 44% pardos e 6% negro. Os de sexo masculino, 37% se consideram brancos, 50% pardos e 13% negro. Destes, 31% das meninas e 50% dos meninos exercem atividade remunerada após o horário da escola. 21% dos alunos cursam a oitava série do ensino fundamental, 54% cursam o primeiro ano do ensino médio, 17% cursam o segundo ano do ensino médio e 8% estavam matriculados no terceiro ano do ensino médio. Os alunos do terceiro ano realizaram provas de vestibular no final de semana anterior à inauguração da rádio escola concorrendo às vagas de licenciatura em História e Educação Física.

83% dos alunos residiam em casa própria, 12% em casa alugada e 8% em casa emprestada. 87% dos alunos responderam que residiam com os pais, 12% com os avôs, 4% em república e 8% com os tios. 50% dos alunos

[22] No estado do Paraná, Hora Atividade é considerada como o tempo na escola destinado para planejamento das atividades de aula. Na escola pesquisada, quando um professor deixa de realizar a hora atividade para substituir um professor ausente, independente do motivo de ausência, este professor tem o direito de cumprir a hora atividade fora do espaço escolar.

entrevistados alegaram residir com mais de cinco pessoas, 25% com três pessoas, 17% com cinco pessoas e 8% com duas pessoas.

Todos os alunos responderam possuir aparelho de televisão em casa, sendo que 58% deles possuem mais de dois aparelhos. 37% dos alunos possuem vídeo e 62% alegaram não ter. 87% dos alunos possuem aparelhos de DVD e 13% não possuem. 17% dos alunos possuem mais de cinco aparelhos em casa.

Os alunos possuem rádio, sendo que 42% deles possuem mais de dois aparelhos. Outro dado interessante se relaciona ao computador: 58% dos alunos possuem e 48% não. 17% dos alunos não possuem telefone fixo, e 17% não possuem telefone móvel.

Também possuem geladeira e máquina de lavar roupa, e 79% não possuem freezer. 29% dos alunos não possuem microondas.

Quanto aos hábitos midiáticos o questionário revelou que apenas 4% dos alunos não assistem à televisão. Os que assistem, vêem em média de duas a quatro horas diárias. 75% dos alunos assistem novelas e filmes na televisão. As novelas citadas pelos alunos foram: Duas Caras, Sete Pecados, Malhação, Da Cor do Pecado, Caminho do Coração, Luz do Sol, Amigas e Rivais, Dance Dance, Eterna Magia. Cabe ressaltar que cinco das novelas citadas são produções do Sistema Globo de Televisão, reafirmando a preferência popular dos telespectadores e apenas 4% dos rapazes dizerem não assistir à novela.

Quando questionados sobre o último filme visto na televisão, os alunos citaram: A Volta da Lagoa Azul, Elvira – Rainha das Trevas, Jogo de Espiões, Tráfico de Bebês, Os Condenados, Esqueceram de Mim, Os Federais, Velozes e Furiosos, Alien x Predador, Triplo X. Destacamos que o filme “Elvira –Rainha das Trevas” estava em cartaz nos cinemas, e não foi veiculado por nenhuma das emissoras na ocasião de aplicação do questionário.

Os programas de televisão que os alunos mais gostam e citados são: Globo Esporte, Vídeo Show, O Jogador, A patroa, eu e as crianças, Auto Esporte, Tudo é Possível, Família Dinossauro, Domingo Legal, Garagem, Globo Repórter, Malhação, Pica Pau, Caldeirão do Hulck, Melhor do Brasil, Beija Sapo, Mix TV, Top Mix. Também citaram Documentários, Clips, Desenhos e Globo.

4% dos alunos responderam não ouvir rádio e 4% responderam às vezes, sinalizando que os outros 92% são ouvintes de rádio. 29% de alunos ouvem três a quatro horas por dia, 25% ouvem trinta minutos diariamente e 17% ouvem por mais de cinco horas. Os dados sugerem que os alunos ouvem em média três horas diárias de programação radiofônica.

Quando questionados sobre o que ouvem no rádio, 96% dos alunos responderam ouvir música, 21% ouvem horóscopo, 17% ouvem noticiários, 4% ouvem piadas. Os programas radiofônicos mais citados pelos alunos são: Planeta DJ, Mix, Só Brasil, Deixa Rolar, Rádio Mix, Jovem Pan, Supergame, Apaixonados da Massa, A hora do Rango, CBN, Evangelizar é Preciso, Esporte Banda B, Novo Tempo. Os alunos também citaram o “dial” de transmissão das emissoras como 98; 98,9; 97,7 levando-nos a questionar se não sabiam o nome do programa ouvido, embora reconhecessem a emissora.

Os alunos também foram questionados sobre a emissora que tocava o programa ouvido (onde toca?) e as emissoras citadas foram: 92,90; 90,1; FM; 98 FM; 98,9; Massa FM; Caioba; Club AM; Rádio Mix; 102,3; Banda B; 102;3. Também citaram “Rádio” e “Na minha casa” como respostas, reforçando nosso comentário anterior sobre o fato de alguns alunos distinguirem ou não o programa e emissora de rádio.

Um dado que nos chamou muita atenção se refere ao computador: 58% responderam possuir computador em casa; ou seja, mais da metade dos alunos investigados. 54% alegam usar o computador em casa, enquanto que 50% deles utilizam em “lan house”, e 17% utilizam no local de trabalho. Quanto ao tempo que ficam no computador, as respostas variam de uma hora por dia a mais de quatro horas por semana. Quando questionamos sobre o acesso a internet, 88% informaram terem acesso. Isso nos leva a inferir que embora mais da metade possua o aparelho computador em casa, talvez não possuam internet banda larga e ou discada, fazendo com que os mesmos acessem a rede em “lan house”.

Quando usam o computador, mais da metade dos alunos investigados digitam trabalhos escolares, acessam a internet e sites de busca, sendo os mais citados pelos alunos o Google, Cadê, Yahoo. 4% dos alunos não acessam site de relacionamento e 29% fazem trabalhos escolares utilizando programa de mensagem instantânea. Curiosamente, os alunos responderam

não utilizar chat ou blog, mas utilizam sites de relacionamento e o consideram um meio fácil de postar mensagem e fotografia para os colegas. 17% acessam jogos eletrônicos, 50% assistem filmes e vídeos pela internet e 4% elaboram página ou hipertexto.

42% dos alunos responderam ir ao cinema pelo menos uma vez por mês, e 33% responderam ir toda semana. Os filmes mais citados pelos alunos foram: Tropa de Elite, Harry Potter e a Ordem da Fênix, Homem Aranha, O Motoqueiro Fantasma, Piratas do Caribe e o Baú da Morte, Xuxa e os Duendes, Os Simpsons, Ela é a Poderosa, Ratotui, Matrix Revolution, O Incrível Hulk.

Os dados revelam que este é um público de camadas populares, para quem o acesso aos bens culturais é ainda escasso, para não dizer nulo. O espaço de diversão, entretenimento se dá através de jogos eletrônicos acessados pelo computador ou pela programação televisiva e radiofônica. Poucos jovens declararam ir ao cinema pelo menos uma vez ao mês, reforçando a idéia de que o acesso aos bens culturais é pequeno.

Vygotsky e Ferreiro acreditam que a interação dos sujeitos com os elementos da cultura – teatro, museu, cinema, danças - são essenciais para o desenvolvimento da criança, principalmente para a aquisição da linguagem. Se isso for verdadeiro também para os adolescentes, então alguns dos sujeitos de nossa pesquisa podem apresentarem dificuldade para aquisição de habilidades como leitura e escrita, ou até mesmo o raciocínio lógico matemático, uma vez que os elementos culturais a que estão expostos são poucos e que a escola, por sua vez, valoriza esses mesmos bens culturais[23].

5 PRÁTICA EDUCATIVA DA RÁDIO CESPA

Kaplun (1998) nos ensina que a comunicação educativa exige diálogo constante entre os seres comunicantes. Para criação e implantação da rádio escola, o diálogo e a participação comprometida é também essencial. Ao

[23] Não temos a pretensão de discutir o fracasso ou sucesso escolar dos alunos desta pesquisa, mas concordamos que o pouco acesso aos bens culturais implicam em dificuldades para apreender o códigos e posturas valorizados pela escola. Ver mais em NOGUEIRA, M.A.: Família e escola

produzir um programa é necessário conhecer o público que se quer atingir, bem como planejar um roteiro que deverá ser interpretado pelo locutor.

O levantamento inicial apontava que 50% dos alunos eram ouvintes de programas comerciais, enquanto que os outros 50% se dividiam entre assistir à televisão ou ouvir músicas, que não significava necessariamente ouvir rádio. A música poderia ser ouvida através de CDs ou até mesmo pela internet. Isso implicava em instigar nos participantes o interesse em ouvir rádio, preferencialmente, educativa. Sugeriu-se que os alunos tentassem ouvir e comparar programações para que discutissem sobre como gostariam que a Rádio Escola funcionasse.

O planejamento inicial das oficinas previa algumas técnicas de locução, postura e entonação de voz, vinhetas, edição, improvisos, técnicas de reportagem e entrevistas, roteiro e execução.

A aprendizagem das técnicas radiofônicas pelos alunos se deu fazendo, isto é, no diálogo e na experimentação do exposto pelo monitor aos alunos. Cada oficina tinha um propósito diferente e o material produzido no dia ia sendo incorporado ao programa que a equipe estava elaborando para o dia da apresentação.

O processo de aprendizagem foi marcado por muita inquietação, alegria, e discussão entre alunos, levando-nos a relatar cada encontro separadamente. Ao mesmo tempo em que aprendiam as técnicas apresentadas, a implantação da rádio escola se evidenciava.

No quinto encontro, iniciou-se a transmissão “ao vivo” dos programas elaborados nas oficinas, inaugurando assim a Rádio Escola CESPA.

5.1 GRAVANDO VOZES

A primeira oficina foi realizada na sala do Grêmio, pois na sala do projeto estava havendo ensaio para a apresentação da semana de consciência negra. A dinâmica proposta para o dia era gravação de vozes e entrosamento do grupo.

O monitor propôs que o grupo se apresentasse um a um, dizendo o nome, uma qualidade e um defeito. Até aqui o grupo estava sorridente, alguns zoavam com os colegas que iam para a aula de educação física enquanto eles pareciam estar se divertindo. Mas, ao verem o gravador na mão do monitor e ouvirem o comando de que gravaríamos as apresentações para termos as vozes que seriam utilizadas para as vinhetas do programa, todos ficaram mudos, exceto um aluno que começou a rir sem parar, dizendo que não ia gravar não.

O primeiro a se apresentar foi o monitor, mostrando inclusive como se utilizava o gravador:

> *vocês precisam apertar o play e o rec juntos. Então é só falar com a entrada de som mais próxima da boca. Não precisa colar na boca, mas tenta manter o gravador mais perto. Se ficar muito junto, vamos pegar a respiração. Vamos. Agora é vocês! (diário de campo, setembro, 2007)*

A tensão inicial permaneceu por alguns minutos e ninguém queria começar, até que a menina do cabelo rosa se animou. “Já que ninguém vai, eu começo. Mas não vale rir.” Ela então pegou o microfone, apertou os botões para gravação, disse o nome, um defeito e na hora já ia passando o gravador sem dizer a qualidade. O monitor então a lembrou. Novamente ela ligou o gravador, e ficou muda. Então perguntou por que é sempre difícil lembrar das qualidades, mas disse que se achava “boa companheira.” Todos concordaram que é difícil falar das qualidades.

O gravador ia passando de mão em mão e todos ouviam atentamente a apresentação do colega. Alguns demoraram mais. Outros menos. Um rapaz escreveu o que ia falar e então leu sua apresentação causando euforia no grupo: “Ah... isso não vale!” “Ah, assim eu também conseguia!” “Viram só! É metido demais esse garoto!” “Ih... pronto.... mas ta se achando... ehh!”

O monitor aproveitou o momento para introduzir o conceito da oralidade do rádio. Falou que os locutores em geral, também escrevem o roteiro do que será dito no rádio. E que logo eles também estariam escrevendo o roteiro e que isto facilita a comunicação radiofônica, pois o tempo é cronometrado e que é importante falar em bom tom, em clima descontraído, espontaneamente.

Eduardo Meditsch (2001) nos ensina que essa oralidade no rádio não existe, afirmando que ela é virtual, pois todo o discurso radiofônico é escrito primeiramente, e segue regras de construção gramatical / verbal diferente do texto escrito para ser apenas lido. No caso do rádio, o texto será ouvido e os ouvintes não terão acesso ao que estava escrito e nem terão a oportunidade de pedir para repetir a mensagem não entendida, exigindo uma construção objetiva, clara, precisa.

A professora parecia completamente deslocada no grupo. Apertava as mãos demonstrando muita ansiedade, sua voz quase não foi ouvida pelo grupo, que ainda questionou o que tinha acontecido. Ela apenas disse que estava um pouco rouca, que estava gripada. E tão logo o gravador foi desligado, ela parecia ir ficando mais à vontade.

Apenas 15% dos alunos que se apresentaram com o gravador não se adjetivaram de "chato" chamando nossa atenção, acarretando na intervenção do monitor ao final das apresentações: *"Bem, percebo que este é um grupo de* ***chatos*** *o que significa pra mim que ou a gente vai fazer um excelente trabalho, perfeito mesmo, ou vamos todos desistir no meio do caminho!"*

O comentário fez com que os alunos repensassem sobre a palavra "chato" e entre risos e brincadeiras, outros discursos foram se formando: "*Não é que a gente é chato... a gente gosta de tudo perfeito, entende?" "Eu não gosto de enrolação... é pra fazer, faz. Não fica enrolando que me dá nos nervos!" "Eu sou encrenquinha, mesmo. Não tenho paciência com nada."*

Refletir acerca de como os alunos se apresentaram, reportou-nos para as pesquisas de Juarez Dayrell[24], que descreve os alunos como sujeitos socioculturais, com sonhos, projetos, tensões, anseios que passam despercebidos pelos professores e pela escola. Muitas vezes esses sujeitos são estigmatizados na escola e apresentam dificuldades de aprendizagem. Outras vezes são considerados "problema" por não conseguirem estabelecer sociabilidades na sala de aula, comprometendo seu progresso estudantil.

[24] Juventude, grupos de estilo e identidade. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 30, p. 25-39, dez. 1999; *A música entra em cena*: o *funk* e o *rap* na socialização da juventude em Belo Horizonte: São Paulo:.2001. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação da Universidade São Paulo, São Paulo. 2001.

Nesta manhã, a atividade constava em gravar as vozes, conhecer as pessoas, aproximar-se dos alunos e alunas, sentir mesmo o clima e interesses do grupo que pudessem nortear as atividades das oficinas subsequentes.

5.2 AQUECIMENTO DE VOZES

A segunda oficina tinha como objetivo apresentar aos alunos técnicas de locução e usos da voz. Para tanto, o monitor preparou aulas de exercícios vocais, relaxamento, respiração e entonação.

Durante os exercícios de respiração, alguns alunos apresentaram muita dificuldade, querendo inclusive parar. Apenas 5 alunos conseguiam realizar os exercícios sem reclamar. No dizer de um aluno*: "Nossa... isso dói! Não pensei que precisava disso tudo pra respirar certo."* O monitor ia acalmando os alunos, informando que era necessário ir praticando, que no início costumava realmente doer, já que o pulmão não está costumado a se oxigenar tão rapidamente, mas que era só no início.

Aos poucos, os alunos iam se soltando e um começava a corrigir o outro, observando quando elevavam os ombros mais, quando o abdômen se mexia, entre outras.

Durante o aquecimento das vozes, em que era necessário ir repetindo sons de consoantes, outras vezes, vogais, apenas "s" ou "m" , a maioria dos alunos começavam a rir, achando engraçado, especialmente quando observavam as variações de "entonações".

A prática de aquecimento possibilitou a discussão sobre as diferenças de vocabulários regionais, fazendo com que os alunos trouxessem exemplos de variações lingüísticas observadas e que eram motivos de zombaria na escola. Por exemplo: Um aluno carioca que estava no grupo comentava sobre as discriminações sentida por causa dos "s" e até mesmo as confusões ao comprar "bisnaga" – pão francês, salsicha – "vina" entre outras após a mudança para Curitiba.

Dois alunos não conseguiam realizar a maioria dos exercícios, e um deles abandonou a aula indo sentar-se no corredor. Após alguns minutos,

observando que ele não retornava, comentamos com o monitor e nos dispusemos a conversar com o mesmo.

Neste momento, o aluno informou-nos que não estava conseguindo por que tinha asma. Também comentou que a língua doía quando pronunciava os sons “vrumm” e ou ‘brumm” propostos pelo monitor. Enquanto conversávamos, falamos das dificuldades sentidas em participação de coral. Os exercícios propostos na oficina são os mesmos que a regente do coral utiliza, salvo algumas exceções e o acompanhamento do piano. Aos poucos, o estranhamento e a irritação demonstrada inicialmente foi se perdendo e ele propôs retornarmos ao grupo.

Freire nos adverte que

> precisamos aprender a compreender a significação de um silêncio, ou de um sorriso ou de uma retirada da sala. O tom menos cortês com que foi feita uma pergunta. Afinal, o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente “lido”, interpretado, “escrito” e “reescrito”. Neste sentido, quanto mais solidariedade exista entre educador e educandos no “trato” deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola. (FREIRE: 1996, 109)

5.3 REPORTAGEM, ENTREVISTAS E ENQUETES

Na terceira oficina o monitor fez exposição do que é uma entrevista, as enquetes e reportagem. Logo após, solicitou que cada aluno escrevesse seis perguntas que fariam a um colega. Continuando, pediu que se formassem duplas e que cada dupla se entrevistasse. Prosseguindo com a dinâmica do encontro, solicitou que cada dupla reportasse aos demais colegas a entrevista realizada.

Neste instante, uma das alunas observou que a entrevista poderia ser “uma conversa entre estranhos sobre algum tema”, convergindo com as colocações de Braga e Calazans de que a comunicação é uma conversação.

Após as duplas reportarem as entrevistas, aplicou-se a dinâmica dos bichos, formando equipes: cada participante retirou um papel com o nome de um bicho e reproduziu o som ou gesto do animal sorteado (gato, cachorro, pato, macaco). À medida que o grupo se reconhecia, a equipe se formava.

Continuando a dinâmica, cada equipe deveria escolher um tema qualquer e a partir deste tema, realizaria uma enquete: isto é, entrevistaria um determinado número de pessoas sobre o tema escolhido e elaboraria a reportagem que seria produzida para o programa radiofônico da escola.

Os temas propostos foram drogas, afrodescendência, esportes e estilos. Como dispúnhamos de dois gravadores, foi proposto que duas equipes realizassem as entrevistas em campo e as outras preparassem o roteiro do programa. Assim saíram as equipes patos (drogas) e macacos (afrodescendência) enquanto esportes (gatos) e estilos (cachorro) permaneceram em sala.

A equipe dos patos foi constituída pela professora, uma aluna do primeiro ano cujo pai é dependente químico e se encontrava internado em clínica de recuperação, um aluno do segundo ano que se identificou como usuário de maconha “de vez em quando” e duas alunas do primeiro ano.

Logo que se dirigiram para a realização da entrevista, uma das alunas do primeiro ano sugeriu que entrevistassem uma garota do primeiro ano que havia sido presa recentemente por porte de droga. No mesmo instante o aluno sugeriu que entrevistasse a professora de Ciências e foi descartado pelo grupo, pois nos dizeres de uma das alunas

> *Professor não! A gente quer ouvir de jovem! Sem falar que depoimento é mais emocionante! Olha, ela foi presa... dizem que até apanhou! É importante saber como que é isso! Senão é só dizer que faz mal, que não pode. Isso tem no livro!... (J. - diário de campo – novembro – 2007.)*

O aluno não pareceu concordar, mas aceitou já que as meninas já tinham decidido entrevistar a adolescente da escola que tinha sido presa. A professora não se manifestou, mas disse que sabia de quem se tratava e que era uma aluna muito bacana.

Uma das alunas foi até a sala de aula da adolescente e pediu ao professor que a chamasse. Em poucos minutos ela apareceu na porta. A aluna informou o que queria e a adolescente pediu que esperassem por ela na porta da biblioteca, pois precisava de licença do professor para sair. A equipe se dirigiu ao local combinado. Cerca de dez minutos depois a adolescente retornou e a equipe se dirigiu para o jardim da entrada principal da escola.

Durante a entrevista, em vários momentos, o olhar de reprovação do aluno e gestos de negativa com a cabeça, fez com que a adolescente interrompesse o que dizia. Também teve momentos em que o próprio aluno argüiu a adolescente como se duvidasse das colocações que a mesma fazia. A professora também argüiu a aluna em vários momentos, questionando sobre a presença de drogas no ambiente escolar, e nas ruas, sobre o apoio recebido por parte da escola no processo de recuperação e sobre a família. Já os alunos queriam saber o que a aluna sentia quando se drogava, sobre a prisão e as lições que ficaram após o abandono do "caminho do mal".

Após entrevistarem a adolescente, a mesma sugeriu que os repórteres conversassem com um outro aluno que tinha uma trajetória semelhante e se prontificou a fazer as apresentações. A equipe ficou entusiasmada e partiram para a segunda entrevista. Enquanto o aluno não chegava, conversamos sobre as tensões provocadas durante a entrevista com a adolescente. A aluna cujo pai estava em tratamento chamou a atenção do aluno dizendo que ele estava sendo preconceituoso e atrapalhando a entrevista. O aluno por sua vez alegou que não. Disse que apenas não acreditava que fosse possível parar como a aluna havia dito. A discussão se estendeu tendo intervenções da professora e das demais alunas, ficando evidente a tensão provocada a partir do depoimento e descontentamento do aluno entrevistador.

Já na segunda entrevista, todos os entrevistadores demonstraram pouco interesse em discutir ou questionar a opinião apresentada pelo entrevistado. No dizer do aluno entrevistador "*Nossa! Esse cara pirou! Ele tá todo crente!... Nem parece o mesmo... Cara, to de boa, maluco. Não tem nada há ver. Tô bobo! Agora é só Jesus! Como que a gente vai usar isso?* " (C. – diário de campo – novembro – 2007)

A equipe dos macacos foi formada por um aluno negro matriculado no segundo ano, três alunas brancas sendo uma de cada série e duas alunas parda do primeiro ano. O tema escolhido por eles foi afrodescendência. Uma das alunas propôs que o grupo questionasse na enquete se alunos negros e brancos já haviam sofrido discriminação/preconceito na escola e todos concordaram de imediato. Em seguida, passaram a discutir sobre os possíveis entrevistados. Este foi um momento instigante, pois o grupo não sabia como abordar os alunos negros e brancos, principalmente por que tinham receio de

que fossem mal interpretados pelos colegas ou que os mesmos achassem que estavam discriminando-os.

> - E agora? Como é que a gente pergunta - Você se considera negro, branco ou pardo?... E se o carinha achar que eu tô chamando ele de preto? Ele não vai ficar chateado com a gente?
> - Cara, é mesmo. Ah... e se a gente procurar só quem a gente tem certeza que se considera branco ou preto... assim ninguém se chateia... fica tudo numa boa.
> - É... a gente tem que ser cuidadoso... tem gente muito pelinha... se magoa fácil fácil. E ainda podem dar queixa da gente. É melhor falar com quem a gente já conhece bem. Que acham da gente entrevistar aquela menina branquinha da 8ªA, aquela cheia de sardas, ela sempre reclama que chamam ela de leite azedo. Isso é preconceito, não é?... (R., M., diário de campo, novembro, 2007)

A escolha dos entrevistados trouxe a tona um tema provocativo e pouco discutido no âmbito escolar: o preconceito. A discussão e sugestão de nomes dos possíveis entrevistados demorou cerca de vinte minutos, quando um aluno lembrou a todos que o tempo estava se esgotando e ainda não tinham entrevistado ninguém. A equipe concordou em entrevistar a aluna da 8ªA, um aluno do 3ª ano que joga capoeira na escola. Duas alunas se dirigiram até a 8ªA e conversaram com a menina branca que concordou em ser entrevistada. Combinaram de se encontrar na escadaria em frente a cantina para a realização da entrevista. Em seguida, procuraram pelo aluno da capoeira e encontraram uma aluna negra na quadra de esportes e a convidaram para ser entrevistada também.

A entrevista transcorreu tranqüila e os alunos demonstraram satisfação com as respostas obtidas, pois as mesmas não só confirmavam a suspeita de que existe preconceito dentro da escola, como também denunciava o pouco caso percebido por eles no âmbito escolar e também fora dela, como poderá ser observado na transcrição e análise do programa que abordará o tema.

A equipe dos gatos foi constituída de três alunas e três alunos, sendo duas da 8ª série, um do 1º ano, um do 2º ano e uma do 3º ano. O tema escolhido pelo grupo foi esportes. A equipe decidiu entrevistar a professora de Educação Física e alguns colegas que são praticantes de futebol, voleibol e handebol. Também decidiram que deveriam divulgar o resultado do campeonato regional e brasileirão. Um dos rapazes sugeriu que eles pesquisassem a respeito de alguma modalidade esportiva e apresentassem em forma de reportagem o que foi aceito de imediato pelos demais colegas. As

meninas se ofereceram para fazerem o roteiro e foram designando tarefas para cada colega: entrevistar professora – M, levantar dados do brasileirão – J, entrevistar os colegas – G e L, selecionar músicas – J1 – selecionar artigos esportivos dos jornais da semana – R.

A equipe não realizou as entrevistas nesta ocasião, preferindo discutir sobre as modalidades esportivas que poderiam vir a compor o roteiro do programa. Após alguns minutos de discussão, o grupo decidiu pesquisar sobre o Le parkour, que era a modalidade mais falada do momento e poucos conheciam.

A quarta equipe – cachorros - foi composta por duas alunas do terceiro ano, uma do segundo ano, dois alunos do 1º ano e uma da 8ª serie que escolheram como tema os estilos musicais. As alunas do 3º ano propuseram a realização de enquete para verificar a preferência musical dos alunos e sugeriram que cada aluno checasse com cinco colegas da sala de aula, qual a preferência desses cinco colegas. Após verificarem este resultado, então eles entrevistariam outros colegas para levantar o que eles sabiam sobre o estilo preferido. Como nenhum colega apresentou objeção, o grupo se dividiu em dois e passaram de sala em sala verificando as preferências.

Após ouvirem uma amostra de trinta colegas, a equipe apurou que os estilos mais votados eram pagode, sertanejo, rap e rock, contrariando a tese do grupo de que a preferência dos colegas seriam rock e regae. As alunas demonstraram nitidamente sua contrariedade com o resultado da enquete, propondo inclusive que se fizesse novamente, mas os alunos não concordaram alegando que estariam perdendo tempo. Os alunos então sugeriram que elas fizessem uma lista de nomes de supostos entrevistados. Assim, as alunas passaram a conversar sobre cada um dos rapazes e moças que elas acreditavam conhecerem sobre os estilos citados e então saíram para realizarem as entrevistas.

A cada pergunta dirigida ao entrevistado, os olhares de negação de uma das entrevistadoras e também os risos inoportunos de um aluno, fez com que em dois momentos uma das alunas se irritasse e chamasse a atenção dos colegas, lembrando a cada um que eles estavam entrevistando e que precisavam respeitar a opinião divergente. Como o pedido não surtiu efeito, a aluna propôs que a equipe se dividisse: duas alunas entrevistariam as pessoas

e os outros deveriam selecionar os blocos que comporiam o programa: músicas que contemplasse os estilos votados, notícias relacionadas com estilos musicais, shows que estavam acontecendo na cidade, entre outras. A equipe concordou e assim foi feito.

Durante as entrevistas as alunas procuraram não fazer comentários sobre as respostas, mas após desligarem o gravador e se despedirem dos entrevistados, elas manifestavam certa contrariedade ao perceberem que os entrevistados escolhiam o estilo por prazer e não por comprometimento político/social.

> É incrível isso... Como pode curtir um grupo e nem saber o nome dos instrumentos que o cara toca? Eles não sabem nada da história do pagode... nem do regae... só escutam por que tá na moda, tá na parada, toca na 98. Eles não entendem nada do movimento hip hop mas ouvem Racionais... Como que pode?! Só os roqueiros conhecem alguma coisa do rock no país... os outros não sabem nada... (A, diário de campo, novembro, 2007)

5.4 EDIÇÃO E IMPROVISAÇÃO

No quarto encontro as equipes passaram a editar o roteiro elaborado por cada equipe, utilizando um programa de software livre disponibilizado pelo CEFURIA e que também é utilizado pelas rádios comunitárias da cidade.

A edição foi realizada de forma artesanal na própria sala do projeto utilizando-se de um computador e do gravador utilizado nas oficinas. Para tanto, cada equipe se dirigia ao computador juntamente com o monitor e a partir do roteiro previamente elaborado, iam editando a programação.

A primeira etapa foi transpor os arquivos gravados no gravador portátil para o microcomputador. Em seguida os alunos ouviam as gravações e a qualidade do som, observando as passagens com ruídos mais fortes, clareza da fala do entrevistado e iam marcando as falas que interessavam deixar ir ao ar.

O segundo momento foi gravar as vinhetas e outros sons que seriam utilizados para as mudanças de um assunto a outro, bem como as músicas escolhidas para serem tocadas em cada programa.

A cada escolha realizada, a equipe registrava como ficaria o programa. Ouvir, repetir, marcar, ouvir novamente, marcar, editar. Às vezes, não havia consenso, e o grupo se exaltava. Em outros, os risos e brincadeiras ficavam em evidência, contagiando toda a equipe. As escolhas das músicas eram as que mais causavam polêmicas, pois quem estava no microcomputador acabava inserindo as músicas de sua preferência, sem ouvir a opinião dos demais colegas. Os colegas menos tímidos discutiam e propunham a troca, indicando outra música, mas alguns apenas se calavam, não demonstrando o que realmente sentiam.

Ouvirem as entrevistas realizadas e selecionar a parte mais importante foi um exercício bem difícil, pois alguns não conseguiam apontar onde cortar ou o que era mais importante, pois no dizer de uma aluna “tudo é importante... não consigo cortar... vai ficar esquisito e sem sentido se tirar esse pedaço...” Outras vezes, o ruído de fundo era alto e não conseguiam suprimir com os recursos disponíveis no computador, o que diminuía a qualidade da entrevista realizada e, consequentemente, do próprio programa.

Apenas uma equipe não conseguiu realizar a edição completa no mesmo dia, pois o grupo não trouxe as músicas escolhidas gravadas em cd e não foi possível baixá-las pela internet na hora. Alguns alunos não conseguiram escrever o roteiro do que falariam e outros distribuíram papeis com o roteiro para cada integrante do grupo, com cada fala e seqüência em que cada um falaria no microfone, no dia da apresentação.

Uma das equipes modificou o resultado da enquete e apresentou o programa considerando o gosto e preferência da própria equipe. Também procuraram utilizar as entrevistas concedidas pelos alunos para demonstrarem o trabalho realizado, pois

> era preciso mostrar a fala dos entrevistados, se não eles podiam ficar chateados. A gente só mudou a seqüência do resultado... a mídia não manipula a mensagem? Então, a gente só mexeu na edição e trocou de lugar, nem dá pra perceber... a preferência da galera é muito paia. Do jeito que fizemos ficou melhor. (J. – entrevista - 28/11/2007)

Neste trabalho, buscaremos analisar dois dos programas apresentados pelos alunos: Drogas e Afrodescendência. A escolha por estes dois trabalhos se dá em virtude dos temas apresentados fazerem parte do currículo escolar,

muito embora as escolas se sintam vulneráveis para discuti-los. Nos livros de Ciências podemos encontrar capítulos que abordam o tema das Drogas e que apresentam imagens e textos sobre as mais conhecidas e utilizadas no mundo, alertando para o perigo de seu consumo. Porém, o que percebemos junto aos alunos foi inquietação e curiosidade sobre a questão social e psicológica dos usuários, não sobre a Droga em si, como pode ser visto na fala transcrita:

> *escola só diz que a gente não deve usar, que é ruim... mas, a pergunta é por que é ruim? O que acontece com o adolescente que se droga? Por que ele não consegue parar? Eu não entendo por que não falam disso com a gente...* (J. – diário de campo – novembro-20007)

Já o programa sobre Afrodescendência traz a tona uma polêmica antiga e que aparece na legislação educacional desde a promulgação da Lei 9.394/1996, tendo inclusive gerado a criação da lei 10.639/2000 que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica, e que vem lentamente conquistando espaço de discussão nas escolas. A criação desta lei demonstra a preocupação do estado em prover mecanismos de combate ao racismo e a todas as formas de discriminação existentes, independente do âmbito no qual ocorra.

5.5 APRESENTAÇÃO DOS PROGRAMAS

A apresentação dos programas foi realizada na última semana de aula utilizando-se de dois microfones, uma mesa de som 10 canais Bering, um computador onde estavam as músicas e as reportagens, e uma caixa amplificada instalada no pátio da escola, em frente à cantina.

Para comandar o programa, os alunos utilizaram o mesmo programa que algumas rádios comunitárias para manter as vinhetas, músicas e reportagens armazenadas na seqüência em que seriam transmitidas, mas na hora da transmissão não se desenvolveu como planejado, dificultando o desempenho da equipe.

Antes da hora programada, a equipe testou os equipamentos e perceberam que as caixas de som da escola não ligavam, aparentando

estarem queimadas. A coordenadora do projeto foi à igreja católica vizinha da escola e solicitou ao padre da paróquia a caixa de som emprestada, no que foi prontamente atendida.

A mesa de som foi operada por um aluno da equipe e pelo CEFURIA. À medida que se aproximava o horário de intervalo das aulas, mais tensos ficavam os alunos que se apresentariam. Às 8h45 a diretora procurou a equipe e solicitou que as transmissões fossem realizadas no último horário das aulas, pois ela desejava que todos participassem e apoiassem o trabalho que estava sendo feito. Na hora do intervalo para o recreio, os professores se dirigem a sala dos mesmos e alguns alunos ficam nos corredores, o que dificultaria ouvir e participar da proposta de rádio escola. Todos concordaram e continuaram os preparativos.

Ao iniciar o último horário das aulas a Diretora pediu para reunirem todos os alunos e professores no pátio para a abertura da rádio escola. O primeiro programa a ser divulgado foi sobre Drogas, mas antes houve a transmissão do discurso da diretora que agradeceu a participação dos alunos e incentivou-os a serem participantes da rádio.

> ...vocês terão a oportunidade, como ele falou, de estarem escolhendo as músicas de estarem apresentando na rádio de estarem cuidando do equipamento que vai estar chegando daqui a alguns dias vocês vão poder curtir mas colaborem pra ser uma coisa bem legal mesmo...queridos alunos, é com prazer que eu inauguro hoje inauguramos todos juntos o sonho que eu sempre tive aqui na escola. O momento de vocês terem de falar, de sugerirem, de criticarem, de colocarem música, de se divertirem no recreio de se descontraírem, que é a nossa radio escola. Que a partir de hoje está inaugurada a rádio escola do CESPA" (Geovana, diretora da escola, 1º programa, 27/11/2007)

6 RÁDIO ESCOLA CESPA: SINTONIA NO AR...

6.1 PROGRAMA 1: DROGAS

A Rádio CESPA foi inaugurada em 27 de novembro de 2007 e o primeiro programa apresentado foi DROGAS. O tema foi escolhido considerando as

vivências do próprio grupo, em particular o fato de dois alunos se declararem usuários de maconha esporadicamente e o pai de uma aluna estar internado em clínica de recuperação para tratamento.

Após escolherem o tema, os alunos elaboraram varias perguntas sobre o tema e relacionaram os possíveis entrevistados. Os alunos apontaram vários nomes de colegas usuários de drogas que, segundo eles, poderiam ser entrevistados. Após enumerarem 11 nomes, optaram por uma aluna que tinha sido presa por porte de drogas e que estava cumprindo medida sócio educativa, e alguns dependentes químicos da clínica em que o pai de uma aluna estava internado.

A vinheta escolhida pelo grupo “um programa jovem que bombou escute a radio escola agora” foi gravada no primeiro dia de oficina e é a que abre a programação. Os sons escolhidos pelos alunos lembram uma mixagem de toca discos, que no dizer de um aluno representa *“uma chamada muito loka, igual na danceteria. Todo mundo gosta e pára pra prestar atenção no DJ. Fica da hora”.*

Em seguida, um aluno e uma aluna revezam a locução, anunciando o programa. A alternância das vozes busca prender a atenção do ouvinte ao mesmo tempo em que anuncia a pretensão do programa: “trazer para vocês música notícias recados entrevistas e muito mais”.

Continuando, os locutores fazem a chamada para a entrevista, introduzindo uma música do Gilberto Gil por alguns segundos, que vai diminuindo o volume, enquanto a entrevista é colocada no ar.

Por alguns minutos, a entrevista é transmitida e percebe-se a alternância também das vozes dos locutores e da entrevistada. Não se anuncia o nome ou série do entrevistado, tampouco são identificados os locutores, salvo a expressão “vamos agora a entrevista com uma aluna sobre esse tema polêmico”.

No transcorrer da entrevista a aluna fala de seu comportamento enquanto usuária, principalmente do relacionamento com os pais e estudo, chamando a atenção para o descompromisso com o estudo e a agressividade, inclusive dos pais: ”*Quando eu usava eu era uma pessoa muito agressiva, eu não queria saber de estudar eu não parava na minha casa, os meus pais me tratavam mal por isso*”.

Também revela o momento em que é presa, a agressão sofrida pela amiga que estava junto a mesma, a humilhação e xingamentos dos policiais e da casa de recuperação em que estava se tratando:

> Foi ruim viu.. fiquei com medo na hora. Eles me levaram, me assustaram, chegaram até bater na minha amiga, em mim eles não bateram, mas bateram na minha amiga e levaram nós lá no Caviá, lá no Tarumã. E eles vieram assim, me enquadraram, me algemaram, me xingaram Daí falaram assim que tinha que ir embora. Aí o da viatura falava pra um sujeito que me olhava: aí, ta vendo o que que essas meninas fazem? quer ir preso que nem elas? Aí algemaram a guria que tava lá querendo bater em nós. Ela tava lá batendo em nós por causa do policial, do outro lá que era legal, senão ela tinha batido em nós. (entrevista Rádio Escola – 27/11/2007)

Outro aspecto interessante de sua fala refere-se ao significado da escola, que segundo a aluna:

> Entrevistada: A escola significa muita coisa pra mim. Muito mesmo. A escola que me influenciou pra mim parar com tudo isso que eu usava, e tem a Geovana né, também, que me ajudou bastante. Eu acho que se eu não tivesse o apoio dela, se os alunos, eu acho que eu não estaria aqui dando esta entrevista para vocês.
> Locutora: E você pode falar que a escola é como sua família?
> Entrevistada: Posso. Hoje é. Por que aqui eu me sinto segura. Aqui eu me sinto segura.
> Locutora. Como que você se sente segura na escola?
> Entrevistada: Ah por que eu sei que aqui dentro não tem ninguém que me leve pros maus caminhos, né. Aqui dentro não. (entrevista Rádio Escola – 27/11/2007)

Percebe-se a importância da instituição escolar na mudança de vida desta aluna. Na entrevista cedida aos alunos, ela cita as ocasiões em que a diretora foi levá-la em casa para que não fosse perseguida por traficantes de drogas da região, aponta os colegas que a visitaram na casa de recuperação e a rede de apoio criada por pessoas da escola, do Conselho Tutelar e Posto de Saúde para amparar a família no momento da prisão. Podemos dizer que a relação de afetividade construída a partir da escola foi preponderante para a superação do caminho das drogas, uma vez que potencializou a recuperação, não só da vida social, mas também para a continuidade dos estudos sem marginalização.

Temos ainda que a aluna diz se sentir segura na escola, contrariando o que a mídia tem demonstrado nos últimos anos: as escolas transformaram-se em lugares de violência e ataques de gangues, assustando não só alunos como também professores. Cabe ainda lembrar, que o projeto de rádio escola

surge exatamente no momento do assassinato de um aluno na porta da escola. Assim, entendemos que o espaço escolar, mesmo apresentando casos isolados de violência, mantém um clima de respeito e convivência harmônica entre alunos e professores.

Ao encerrar a entrevista com a aluna da escola os locutores apresentaram a música “Depoimento dos viciados” do grupo Realidade Cruel. A música marca a passagem do primeiro momento para o segundo preparado pelo roteiro, porém, ao encerrar a música e iniciar o segundo depoimento, os alunos percebem que voltaram à gravação anterior, isto é, recolocaram no ar a entrevista da mesma aluna.

No primeiro instante, percebemos olhares de pânico entre os alunos que logo foi substituído por risos e brincadeiras, enquanto diminuíram o volume da entrevista e introduziram uma outra música em volume mais baixo, o mesmo tempo em que o locutor se desculpou e convidou os alunos a participarem, anunciando os programas que sucederiam na semana. Também apresentou a equipe que produziu o programa e encerrou com a música “Culpa Mãe”.

Porém, a música escolhida e tocada no encerramento do programa “Culpa Mãe”, não existe. A música tocada é “Dia de Visita” cantada pelo grupo Realidade Cruel.

6.2 PROGRAMA 4: AFRODESCENDÊNCIA

Acreditamos que a escolha do tema proposto pela equipe teve influência das comemorações da semana de cultura negra, realizadas ao longo do mês de novembro na escola. Também foi marcado pela situação vivida por uma das alunas e seu namorado em um shopping da cidade – segundo o relato da aluna, o namorado estava voltando da aula de capoeira quando decidiram tomar sorvete no shopping e foram barrados pelos seguranças por que o rapaz estava vestido inadequadamente. O relato fez os alunos relembrarem o caso de alguns adolescentes que também foram barrados no mesmo shopping por se vestirem no estilo hip hop divulgado na mídia televisiva na época.

A partir destas discussões e situações vividas, o grupo decidiu investigar se isso também acontecia nas salas de aula, pois segundo um dos alunos:

> Pô meu, é chato esse negócio de trabalho em grupo... só de olhar pra gente parece que tô com lepra, sem falar que é só me chamar de pelezinho... eu odeio... eu fico perguntando se eu sou burro ou se é que eu sou preto... a turma me olha esquisito e eu acabo fazendo sozinho. Pelo menos, se ta errado a culpa é só minha... não fico devendo nada pra ninguém... (R. – diário de campo - 18 de novembro de 2007)

Na mesma direção uma das alunas se referiu ao fato de ser gorda e de estar atrasada nos estudos (repetiu duas vezes o primeiro ano e uma vez a sétima série). Segundo a aluna, constantemente os colegas zombam da mesma e parecem se divertir com o fato dela apresentar dificuldades:

> Como se não bastasse ser gordinha, ainda sou negra... pra galera isso é comédia... eles só ficam zoando, tiram sarro, às vezes eu fico magoada que acabo chorando... agora até o professor de matemática deu pra implicar comigo... acredita que ele não deixou eu entrar na aula na semana passada dizendo que eu tava a toa aqui fora e que não interessava a autorização da Geovana por que eu já tô reprovada? Foi preciso a Mara me levar na sala e conversar com ele que eu estava aqui [no projeto] com a autorização da Geovana, senão eu perdia a prova. (M. – diário de campo – 18 de novembro de 2007)

O relato destes alunos reforçou a decisão do grupo em investigar o preconceito sentido por alunos na escola e fora dela. E assim elaboraram os seguintes itens para compor o roteiro: música de entrada, entrevista, poesia, música, torpedo, despedida.

A música escolhida para abertura é do grupo Maculelê, grupo que vem se firmando com melodias e ritmos que lembram os instrumentos de percussão como tambores, tamborim e berimbau. Inicialmente o som está elevado e vai diminuindo enquanto o locutor anuncia o programa do dia.

Após identificar a rádio escola, o locutor anuncia o nome da entrevistada do bloco de reportagem e aponta o tema do programa. Sob o som baixo de “Maculelê”, a entrevista é anunciada por um outro locutor. A alternância das vozes locutor-entrevistada permite prender a atenção dos ouvintes.

O programa apresenta dois pontos de vista sobre um mesmo tema, porém na percepção de etnias diferentes: negro e branco. Na primeira

entrevista a aluna aborda a cultura negra e fala do racismo/preconceito sentido por ela e familiares em várias situações, inclusive na escola.

> Locutor: Você já sofreu algum tipo de racismo e como você se sente?
> Entrevistada: Já sofri sim, uma vez. Todos os membros da minha família já sofreram, todos são negros, mas uma vez eu ouvi com meu irmão, ele falou assim lá onde trabalhava que era um lava rápido e perguntou pro dono se tinha saco preto e o dono do lava rápido disse que o preto que ele tinha era ele. Assim... Eu também já sofri na rua, muita gente xingando, muita gente zoando e eu me sinto assim muito triste por ver que as pessoas ligam muito pra esse lance de cor e não ligam pro que você é, do que você tem e não vê o interior da pessoa e como que a pessoa é.
> Locutor: E aqui na escola, você já sentiu o preconceito?
> Entrevistada: Aqui verbalmente não, mas só que tem que as pessoas me olham às vezes, que eu passo cochicham, mas eu não ligo por que o que eles falam de mim o problema é deles, o que importa é eu tô aí e tô vivendo. (J. - entrevista radio escola – 30/11/2007)

O relato da aluna revela que o preconceito/racismo é percebido com maior clareza em ambientes externos à escola, como bares, danceterias, shoppings. Na escola, o mesmo aparece velado, pra não dizer negado. Quando a aluna nos diz que *"verbalmente não, mas só que tem que as pessoas me olham às vezes, que eu passo cochicham...",* ela não está nos dizendo que percebe sim, o preconceito na escola? O Olhar a que se refere e o cochicho não podem ser interpretados como formas silenciosas do preconceito se fazer presente no ambiente escolar?

A resposta apresentada se aproxima da fala dos alunos entrevistadores já descrita, em que tanto o aluno quanto a aluna se referem ao modo como os colegas os tratam, identificando esta forma de tratamento como preconceito.

O encerramento da entrevista é marcado com "silêncio" seguido de uma música no estilo rap, que é interrompida pelo grupo após uns dois minutos. A seqüência do programa é anunciada pelo locutor que faz a chamada para a segunda entrevista anunciando o nome da entrevistada e a série.

A entrevistada por sua vez não se declara de cor branca, como anunciado pelo locutor e sim "como de pele clara", demonstrando insegurança quanto a sua identidade étnica. Pele clara pode significar branca, mas também pode representar pele parda. A aluna afirma perceber que existe preconceito no país, mas demonstra insegurança sobre o tipo de preconceito existente:

> E eu, eu sinto muito com relação aos negros, mas os negros às vezes podem ter preconceito contra eles mesmo ou eles terem

> preconceito com as pessoas de pele clara e entre eles mesmo. Mas eu acho assim que é uma coisa assim pessoal que não deveria ter mas existe muito em nosso país. (entrevista Rádio Escola – 30 de novembro de 2007)

Quanto ao preconceito na escola, novamente ele aparece velado, que segundo a aluna é mais brincadeira:

> *... eu ainda não sofri nenhum preconceito assim grave, é mais brincadeira tipo assim arroz agulha, burra, loira burra, sereia, porque a loira é burra, não sei o que, só este tipo de preconceito que eu já senti. (entrevista Rádio Escola – 30 de novembro de 2007)*

Para encerramento do programa, a equipe se utilizou de uma música suave ao fundo, enquanto o locutor declarou uma mensagem de otimismo e parabenizou novamente os alunos aprovados no vestibular da PUC-PR e da primeira etapa da UFPR e introduziu a música Rap das Armas como despedida.

6.3 APRENDENDO NA RÁDIO ESCOLA CESPA

As equipes formadas elaboraram um roteiro de programação, mas apenas uma das equipes se utilizou do roteiro escrito durante a veiculação do programa. Das quatro equipes, somente uma buscou realizar o aquecimento de vozes antes de o programa ir ao ar. Também ocorreu de uma das equipes entrevistarem ao vivo uma professora de dança que ofereceria um curso no mês de dezembro na escola, e uma equipe manipulou os dados da enquête na hora da apresentação do programa.

Entre improvisos e acordos prévios, todas as equipes identificaram erros no processo de veiculação do programa como: esquecimento da hora de entrar, nervosismo, ansiedade, troca de música ao operar a mesa. Uma equipe se esqueceu de levar ao ar a vinheta produzida.

Mas foram entre os grupos com temas escolares que a discussão se ampliou e prosseguiu para longe da sala do projeto. Mesmo após a apresentação do programa, os alunos continuavam a discussão e debatiam as

respostas dos entrevistados, já pensando no próximo programa que abordaria a temática em questão.

Exemplo evidente foi percebido entre os integrantes do grupo afrodescendente descrito abaixo:

> R.: Agora eu fico com a maior duvida. O que me torna negro é a cor da minha pele ou é o sentimento e conhecimento da cultura que vivo? É, veja... a Josiely falou que é negra, mas a Stefany também... mas a cor da pele dela é tão clara quanto a sua. Mas você diz que é branca. Eu sempre achei que era preto, agora tô começando a achar que não é só a pele. Afinal, sou o quê????
> J.: Cara, deixa disso... é claro que é cor da pele! Se não fosse, porque que iam discutir cota pra gente negra na universidade?
> E.: Acho isto muito louco. Eu perguntei pra professora como ela se considera e ela me diz que é negra. Mas olhando pra ela a cor da pele é igual a nossa! Eu não sou negra, sou branca. E ela, pra mim, também. Mas ela [professora] diz que é negra... Como fica? Eu também acho complicado isso tudo. (18 de novembro – diário de campo)

A repercussão entre os integrantes do grupo sobre o que é ser negro e branco se estendeu por alguns dias, fazendo com que os mesmos buscassem na internet e também questionassem outros professores. Nesta busca, entre diálogos e pesquisas, o aluno que se incomodava com a questão de pele, declarou na entrevista:

> Descobri que a pele não é o mais importante. É uma marca que a gente leva, né? Não dá pra dizer pro Pelé que ele é branco! Mas aprendi que as pessoas também sentem vergonha de dizer que são brancas e acho que isso é por causa de Hitler. É... por causa da matança que ele fez com os judeus... Aqui no Brasil tem muito mestiço, muita mistura de raça: índio, branco, escravo... então tem essa mistura... ninguém é totalmente branco e nem é totalmente negro. Pelo menos hoje, acho que não... O que importa é o sentimento da pessoa, é como ela se vê, como vive. Não dá pra mim dizer que sou branco, por que lá em casa é todo mundo preto mesmo, pretão, sabe? É... todo cor de pneu mesmo. Aí, seria duvidar que meu pai e minha mãe me deram a vida, né? (R. – entrevista - 10/12/2007)

Para cada equipe, a apresentação do programa teve uma repercussão: alguns desejaram continuar estudando a mesma temática, outros propuseram investigar outro tema, outros desejavam ir conhecer uma rádio da cidade, outros queriam passar o projeto para a internet para que todos pudessem acessar e ouvir.

O que mais nos chamou a atenção foi o fato de 15 dos alunos declararem que aprenderam a trabalhar em grupo. O trecho a seguir demonstra bem isso:

> Quando eu me inscrevi no projeto eu só queria gazear aula... é... Eu queria matar o tempo, sabe. Achava que o projeto era só ficar olhando, que não ia fazer nada. Mas aí, quando eu vi as meninas escrevendo as perguntas pra entrevista, eu comecei a achar diferente. Aí eu fui na biblioteca fazer a pesquisa dos preconceitos e vi que era muito mais do que pensava... aí eu comecei a ler, a gente foi discutindo, foi conversando. Eu vi que eu tava enganado. Vi que eu não sabia trabalhar com ninguém. Aqui foi a primeira vez que fiz junto com o grupo. Não fiz sozinho. A gente conversou, discutiu, refizemos a edição duas vezes por que achamos que tava ruim... a fala da segunda entrevista ficava cortada, quase não deu pra entender direito... aprendi a fazer de novo sem brigar... Agora eu só quero fazer mais vezes. Eu gostei de editar, de operar a mesa. Entrevistar foi legal, mas difícil por que eu não podia dizer o que achava naquela hora. Tinha que esperar acabar, pra depois dizer que eu não concordava. Assim a gente aprende a respeitar a opinião diferente da nossa... (R., entrevista, 10/12/2007)

Entre as meninas o que mais marcou foi o senso de responsabilidade e a dificuldade de falar no microfone. 69% das meninas declararam ficarem muito nervosas e que isso prejudicou a apresentação do programa. Também observamos a necessidade de respeitar a opinião do entrevistado, mesmo discordando dele, conforme declaração abaixo:

> Sabe, é assim... eu não gosto de pagode, acho que é modinha. Acho que eles escutam só pra ficar legal no grupo. Mas não posso maltratar o cara por isso. Eu fico é com pena por que acho que ele não sabe escolher uma boa música, não conhece a história que tá por trás do estilo que escolheu. Mas isso não me faz melhor nem pior. Eu gosto de rock, gosto de regae. Tá valendo. O importante é a gente se respeitar. Não preciso brigar nem xingar ninguém. Cada um é um e pronto. (A., entrevista, 12/12/2007)

O programa esportivo teve maior repercussão entre a platéia. A música *trance* escolhida pela equipe para iniciar o programa era um convite à festa, fazendo com que os alunos percebessem rapidamente que a rádio estava no ar. A equipe também se dispôs a apresentar os resultados dos campeonatos que estavam encerrando, entrevistaram a professora de educação física e apresentaram uma professora de dança do ventre que ofereceria aulas no período de férias na escola.

Segundo uma das alunas da equipe, este foi um momento único:

> Nossa! Foi demais! Primeiro a gente sente um nervosismo que dá até dor na barriga. Aí a gente começa a conversar, pergunta quem é a pessoa, o que ela faz, que tipo de trabalho ela vai fazer, é só conversar. É difícil só o primeiro minuto depois a gente relaxa. E quando a gente apresentou dizendo que ela ia mostrar um pouquinho

> do que aconteceria nas aulas, foi maravilhoso. Os alunos todos começaram aplaudir e assoviaram. Foi um momento maravilhoso mesmo. Mostra que a rádio funciona e que não pode parar... Foi igual quando a gente disse os nomes dos alunos que foram aprovados no vestibular. A lista tinha acabado de sair. Pegamos pela internet e fomos procurando os nomes dos alunos que a gente sabia que tinha feito as provas. Tinha gente que nem sabia que tinha passado e descobriu ali na hora que a gente falou... (E., entrevista, 10/12/2007)

A escola possui 67 professores/as no quadro efetivo e apenas uma participou da rádio escola. A princípio, ela parecia bem incomodada no grupo. Segundo ela

> eu não sabia qual seria o meu papel no grupo como educadora e colaboradora. Só sabia que a rádio é legal e que poderia ser um canal para voz dos alunos e eu me sinto muito feliz por estar aqui. Essa moçada tem muita energia e a gente precisa participar junto com eles, senão o nosso trabalho fica penoso. (Diário de campo – 6 de novembro)

Durante os intervalos para recreio, raramente observamos professores no pátio. Exceto alguma ocasião enquanto compravam lanche, mas logo seguiam para a sala de professores. Apenas a professora envolvida com a rádio e a diretora ou vice-diretora circulavam pelo pátio durante a programação da rádio escola. Segundo a vice-diretora, os professores são demais atarefados e não se misturam. O horário do intervalo é o momento para descansarem dos alunos e cuidarem de seus próprios afazeres e a professora que integrou o projeto, esta é exceção, está sempre disponível para os alunos e gosta de se envolver.

No ano de 2008[25], as equipes se modificaram, e os programas foram apresentados com dificuldades. A escola ainda não havia preparado o local de estúdio que anteriormente funcionava na sala do projeto, que também mudou de localização.

Em 2007 o programa foi desenvolvido em horário de aula, uma vez por semana. Já em 2008 os alunos deveriam preparar a programação em contraturno e apresentar nos intervalos. Porém, as equipes não dispunham de tempo livre no contraturno para realizarem a produção, reduzindo o número de participantes e agregando outros que em 2007 estiveram de fora.

[25] Como descrevemos anteriormente, o trabalho está focado no período de implantação da rádio escola. Em 2008 retornamos à escola três vezes, com o intuito de saber se ainda funcionava a rádio e para reconferência de dados já coletados.

Também ocorreu de não conseguirem montar a aparelhagem diariamente em tempo hábil, uma vez que o intervalo é de quinze minutos e os alunos gastavam em média vinte minutos para montagem e mais vinte para desmontar e guardar os equipamentos. Isso fez com que os professores reclamassem que os alunos estavam saindo mais cedo no segundo horário com a desculpa da rádio e os alunos acharam que se prejudicariam nas avaliações, e foram aos poucos se afastando do projeto.

A aparelhagem comprada pela escola fica guardada no setor de equipamentos audiovisuais da escola e, diariamente, a equipe busca o material e monta tudo no pátio para a apresentação do programa. Ao encerrar o intervalo, desmontam e devolvem ao setor. Isto fez com que os programas passassem a ser veiculados em dois dias na semana, mas as equipes persistem com as apresentações.

Em 2008 a equipe também passou a ter apoio do laboratório de mídia da Universidade Federal do Paraná, tendo inclusive, visitado e gravado alguns programas no mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, esta pesquisa investigaria os significados de se trabalhar conjuntamente, escola e rádio comunitária. Infelizmente não localizamos rádio comunitária que mantivesse este tipo de relacionamento com as escolas em Curitiba. Assim, buscamos levantar as iniciativas desenvolvidas na cidade sobre o tema.

Na década de 90, a Prefeitura Municipal de Curitiba e o Ministério da Educação e Cultura desenvolveu um projeto de radioescola, que tinha como objetivo alfabetizar a partir do rádio. A proposta foi se desintegrando após as eleições, quando a troca de governo interrompeu a iniciativa, privilegiando outras políticas educacionais.

Das seis escolas que participaram do projeto inicial, apenas uma ainda mantinha o estúdio de gravações, mesmo com equipamentos quebrados e danificados no ano de 2007. As outras cinco, já haviam se desfeito dos equipamentos e nem possuíam materiais que pudessem subsidiar a recuperação e registro dos dados.

Nas andanças nos deparamos com o CEFURIA que assesorava uma rádio comunitária em município vizinho e acompanhamos o trabalho desta rádio. Vale ressaltar que esta foi a única rádio encontrada na grande Curitiba com participação realmente comunitária, isto é, os moradores locais tem acesso as instalações da rádio e participam da programação e das decisões. Mas faltava-nos o elemento escola. No passado, a rádio veiculou um programa da escola vizinha, mas o professor que coordenava a programação mudou-se e nenhum outro professor quis assumir o compromisso.

Nesse meio tempo, tivemos contato com a gestão embrionária da rádio escola CESPA. Como já descrito, o projeto estava engatinhando e passamos a acompanhá-lo, na perspectiva da educomunicação, isto é, buscamos compreender o uso do rádio na escola e o que os alunos perceberam desse movimento.

Procuramos demonstrar como a rádio foi se constituindo e o que oportunizou aos alunos: as descobertas, os tropeços, as expectativas e angústias para dar voz aos que normalmente não falam - os alunos.

Percebemos que os achados se desvelaram a partir do compartilhar das experiências e o "*aprender com*" proposto por Paulo Freire pôde ser vivenciado pelos alunos e alunas deste projeto de Rádio Escola. Mesmo com as dificuldades e limites postos (falta de estúdio apropriado para gravação; pouco tempo disponível para realização de entrevistas e enquetes; não existência de CDs de músicas, fazendo com que cada grupo trouxesse de casa; dois rádios gravadores para 24 alunos; mesa e caixa de som emprestada, já que a da escola ainda não havia chegado; entre outras) foi possível vislumbrar uma atividade pedagógica inovadora em uma escola pública da cidade de Curitiba.

A proposta de rádio escola será mais bem sucedida se estiver atrelada ao projeto político pedagógico, especialmente, se contar com a participação dos professores. Na escola pesquisada, o projeto de Oficina de Rádio foi ofertado três vezes, e apenas uma dos 67 professores que constam do quadro efetivo da escola, participou.

Com a produção radiofônica na escola, observamos que a dimensão educativa se amplia, pois possibilita ao educando ser o protagonista de sua aprendizagem, uma vez que faz as escolhas dos temas, toma decisões e se torna mais reflexivo, aprende a pensar e a compartilhar.

Durante todo o trabalho ficou evidente que o fazer junto, isto é, o processo coletivo entusiasmava e fortalecia o grupo na empreitada de levar a rádio escola adiante. Em cada equipe formada observava-se o interesse em compartilhar as descobertas das entrevistas, bem como as discussões que se travavam em torno de pontos divergentes.

Nas edições dos programas o processo coletivo esteve em evidência, pois cada escolha, cada corte ou sonora escolhida, precisava contemplar o gosto e preferência da equipe, e não de uma só pessoa do grupo. Para tanto foi necessário ouvir, dialogar, se expor, falar daquilo que gosta e que não gosta, defender por que esta música e não a outra, por que esta frase/entrevista e não aquela. Processo que raramente ocorre em sala de aula e que os alunos declararam ainda não ter experimentado.

Normalmente, nos trabalhos de grupos, cada um recebe uma parte e faz sozinho, entregando-a para compor o material a ser encaminhado ao professor e discursa sobre isso no dia de apresentação. No caso do programa radiofônico, todos precisaram conhecer o roteiro, as falas, os sons, os locutores da apresentação final e também das entrevistas/enquetes que compunham a programação. Não foi possível “pegar um pedaço” e entregar no final.

Ao produzir o programa radiofônico, cada aluno deixou de ser apenas o receptor passivo, para tornar-se também autor, receptor ativo. Assim, deixou a sua “marca registrada”, ora na locução, ora na edição, ora ao operar a mesa de som. Todos contribuíram e se reconheceram como agentes do processo de produção. Todos estiveram atentos à sua programação, como também pararam para ouvir o programa produzido pelo colega e convidaram outros colegas para ficarem mais próximos das caixas de som instaladas para ouvirem o que haviam feito.

No que tange as mediações, os monitores da oficina foram os principais mediadores do processo em construção: ao se posicionarem como aprendizes, potencializaram maior integração entre os participantes, favorecendo a aprendizagem. A metodologia enfatizava o processo de criação em detrimento ao conteúdo, incentivando a busca e a descoberta.

Na rádio escola em questão, cada equipe utilizou um rádio gravador e fita cassete para gravar as entrevistas sobre o tema que escolheram, editando-a posteriormente no formato radiofônico escolhido. Um dos alunos relatou que no começo só pretendia ficar fora de sala, mas ao ver a movimentação da pesquisa na biblioteca, as conversas, as respostas dos entrevistados que eram diferentes do que ele pensava e que ele não podia demonstrar no momento, fez com que ele tivesse o desejo de participar mais, e se envolveu por completo.

A rádio também propiciou novas descobertas e novos significados: não era apenas ouvir música; era ouvir a própria voz e a de um amigo, emitindo uma opinião, um depoimento sobre uma questão relevante para toda a comunidade escolar através do microfone. Durante as entrevistas, olhares de espanto, outros de alegria ao término da gravação, conversas que se estendiam até o ponto de ônibus de volta para casa. Enfim, a dimensão educativa se estendia para fora dos muros da escola.

Também podemos afirmar que as mediações ocorreram no espaço das brechas, isto é, no intervalo das aulas, no recreio, no ponto de ônibus, quando os alunos se dispuseram a conversar sobre o programa que estavam produzindo, independentemente de ter um monitor por perto. A aprendizagem não se limitou ao espaço da oficina ou muros da escola, se deu nos diferentes espaços em que os alunos circulam.

No dizer de um dos alunos “o que mais aprendi foi trabalhar em grupo, fazer parte de uma equipe e aprendi estudar...” Nos dias de hoje, em que o mundo do trabalho se apresenta cada vez mais competitivo e que as relações interpessoais são tão valorizadas, perceber que o aprendizado coletivo foi marcante para o grupo, por si só, já contemplaria o esforço da pesquisa. Ao praticarem o diálogo constante, confrontaram a própria escola e seus professores, demonstrando a eficácia do trabalho interdisciplinar da rádio escola. Neste sentido, afirmamos que a rádio escola traz a tona os problemas, mas também elucida soluções. Ao buscar parcerias como esta, o projeto educativo se transforma de tal modo que, no dizer de Arroyo, “recupera a humanidade roubada”.

A proposta da educomunicação de fazer uso do rádio na escola proporcionou mudança de atitude dos alunos do projeto e também da própria escola. A produção e apresentação ao vivo dos programas, por ser dinâmica e alegre, reconstruiu o cotidiano da escola, tornando-o cenário para o exercício da criticidade e interpretação dos informativos anunciados pelas equipes da rádio, corroborando com os estudos de Braga e Calazans (2001).

Durante o processo de realização das oficinas, dois momentos trouxeram a tona questionamentos que ainda não conseguimos analisar, mas que consideramos relevantes: utilização do tempo na escola e habilidades de leitura-escrita dos alunos da rádio escola.

Em alguns instantes, observamos alunos se afastarem das atividades que eram realizadas, mas, que se mantinham próximos ao grupo. Era como se aqueles minutos distantes do grupo, lhes permitissem ganhar fôlego para recomeçar ou até mesmo, uma pausa para melhor compreensão do que era solicitado pelo monitor. Nosso tempo de pesquisa não nos permitiu investigar, mas percebemos que quando os monitores se dispõem a ouvir o que estes

alunos tem a dizer, quando dialogam sobre situações da própria vida, estes alunos participam mais ativamente das atividades propostas.

Normalmente, os professores não dispõem de tempo para acompanhar ou conversar individualmente com cada aluno sobre suas dificuldades, limitações ou potencialidades, e, talvez, isto favoreça a aprendizagem ou não.

Quanto a leitura-escrita, observamos certa preocupação dos alunos em escreverem corretamente o roteiro, pois os colegas iriam ler o que escreviam, da mesma maneira que se importavam com a pronuncia das palavras quando ocupavam a posição de locutor. Quando algum colega percebia a grafia incorreta ou pronuncia errada, sempre se corrigiam e, nem sempre, a correção vinha sem gozação ou tom de zombaria, implicando em intervenção ou dos monitores, ou dos próprios componentes da equipe. Perguntamo-nos, então, se a escrita para si mesmo modificaria o comportamento destes alunos, ou não. Nossa hipótese é que a participação na produção de um roteiro de rádio escola faz com que estes alunos almejem, não apenas ler e escrever corretamente, mas incentiva-os a falarem com mais objetividade e clareza.

Sem dúvida, a educação escolar, poderá ser mais humana se aprender a dialogar com os meios disponíveis e, o rádio é um veículo acessível, potencializa a participação coletiva, torna o ambiente educacional mais agradável e propenso a aprendizagem de múltiplas linguagens.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.W.: **Educação e emancipação.** Rio de janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALVES-MAZZOTTI, A.; GEWANDSZNAJDER, F.: **O método nas ciências naturais e sociais.**

AMARANTE, M.I.: **Rádio comunitária na escola: protagonismo adolescente e dramaturgia na comunicação educativa.** São Bernardo do Campo: UMESP, 2004. Dissertação de Mestrado.

AMORIM, W.; SANTOS, M. A.; VAGO, T. M.: **Projeto "Favela em sintonia com a educação**". UFMG: 2000

ASSUMPÇÃO, Z.A.: **Radioescola: uma proposta para o ensino de primeiro grau.** São Paulo: Annablume, 1999.

ARROYO, M.: **Ofício de mestre: imagens e auto imagens.** Petrópolis: Vozes, 2000.

AREU, G.I.P.; VERMELHO, S.C.: **Aspectos metodológicos da pesquisa mídia e educação no Brasil**. UNrevista, v.1, n.3, jul, 2003.

BARBOSA FILHO, A.: **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio.** São Paulo: Paulinas, 2003.

BARBOSA FILHO, A.; PIOVESAN, A.; BENETON, R. (org) **Rádio: sintonia do futuro.** São Paulo: Paulinas, 2004.

BELONI, M.L.: **O que é mídia educação.** Campinas: Editora Autores Associados, 2001.

BOURDIEU, P.: **Escritos de educação.** 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRANDÃO, C.R.: **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1991. 26ª ed.

_____. A turma de trás. In: MORAIS, R.: **Sala de aula: que espaço é este?** Campinas: Papirus, 1986.

_____.**A educação como cultura**. São Paulo: Brailiense, 1986.

_____. **A questão política da educação popular**. São Paulo: Brasiliense: 1980.

BRAGA, J.L.; CALAZANS, M.R.Z.: **Comunicação e educação: questões delicadas na interfce.** São Paulo: Hacker, 2001.

BRASIL. Instituto de Planejamento Econômico e Social. Instituto de Planejamento/Centro Nacional de Recursos Humanos – CNRH. **Radio educativo no Brasil: um estudo.** Brasília: 1976.

_____. Ministério das Comunicações. **Lei 52.795**, de 31 de outubro de 1963. Aprova regulamento dos serviços de radiodifusão.

_____. Ministério das Comunicações. **Lei 9.612**, de 19 de fevereiro de 1998. Institui o serviço de radiodifusão comunitária e dá outras providências.

_____. Ministério das Comunicações e da Educação e Cultura. **Lei 4.117**, de 27 de agosto de 1962. Institui o Código Brasileiro de Telecomunicações.

_____. Ministério das Comunicações e da Educação e Cultura. **Portaria nº 408**, de 29 de julho de 1970. Estabelece horário obrigatório e gratuito a todas as emissoras de radiodifusão para transmissão de programas educativos.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Lei 5.692**, 11 de agosto de 1971, Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Lei nº 9.394,** de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

_____. Ministério da Educação e Cultura. **Lei 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental** - introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério das Telecomunicações e Ministério da Educação. **Portaria Interministerial nº 651,** de 15 de abril de 1999. Estabelece critérios para outorgas de concessões, permissões e autorizações para execução dos serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens, com finalidade exclusivamente educativa.

BURKE**,** P. e BRIGGS, A.: **Uma história social da mídia:** de Gutenberg à Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

CANCLINI, N G.: **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 1998. 2ª ed.

CERTEAU, M.: **A invenção do cotidiano.** Petrópolis: Vozes, 2002.

CITELLI, A.: **Comunicação e educação: a linguagem em movimento.** São Paulo: Senac, 2000.

_____. **Palavras, meios de comunicação e educação.** São Paulo: Cortez, 2006.

COGO, D.M.: **No ar... uma rádio comunitária.** São Paulo: Paulinas, 1998.

COSTA, A. P. B.: **Indicadores de gêneros educativos na mídia radiofônica.** Belo Horizonte, UFMG, 2004. Dissertação de Mestrado

DAYRELL, J.T: (org.) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. 2ª ed.

ESPINHEIRA, A.: **Rádio e educação**. 1952

FERNANDES, S.; SILVA, M.: **Rádio on line na escola: interatividade e cooperação no ambiente de aprendizagem.** Texto apresentado na 27ª reunião anual da ANPED/2004.

FERREIRO, E.; TEBEROSKI, A.: **A psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

FORQUIN, J.C.: **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artmed, 1993

FREINET, É.: **O intinerário de Célestin Freinet**. Rio: Livraria Francisco Alves Ed., 1979.

_____. **FREINET e a pedagogia do bom senso ou pedagogia do sucesso**. In: http://www.conteudoescola.com.br/site/content/view/83/39/1/2/ acesso em 11/07/2008

FREIRE, P.: **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Educação como prática de liberdade**. 2005. 27ª ed

_____. **Extensão ou comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 1977.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. 26ª ed.

_____. **Pedagogia da indignação cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GEERTZ, C.: **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.

GIROUX, H.: **Teoria crítica e resistência em educação: para além das teorias da reprodução.** Petrópolis: Vozes, 1986.

GOHN, M.G.: **Movimentos sociais e educação**. São Paulo, Cortez, 1999.

_____. **Educação não formal e cultura política**. São Paulo, Cortez, 2006.

_____. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio**: avaliação das políticas públicas na educação. Rio de Janeiro, v.14, n.50, 2006.

HALL, S.: **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

JACQUINOT, G.: **La escuela frente a lãs pantallas.** Argentina: Les Éditions, 1985.

KAPLÚN, M: **Una pedagogía de la comunicación**. Madrid: Ediciones de La Torre, 1998.

_____. **Procesos educativos y canales de comunicacion**. In: http://www.bantaba.ehu.es/sociedad/files/view/procesos_educativos_y_canales_de_comunicacion.pdf?revision_id=62844&package_id=33028 acesso em 10/02/209

_____. **La comunicación participativa como praxis y como problema: la experiencia del cassete- foro**. In: Comunicação e sociedade, ano I, nº 3, julho de 1980.

LIMA, C.H.P.; PEREIRA, G.B.: **Rádio: o que dizem as gerações.** In: Rádio em revista. Belo Horizonte: UFMG, Departamento de Comunicação Social. Ano 3, n.4, dez, 2007.

LIMA, V. A.: **Comunicação e cultura: as idéias de Paulo Freire.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981, p.64.

_____. Conceito de comunicação em Paulo Freire. In: GADOTTI, M.: **Paulo Freire: uma biografia.** São Paulo: IPF, 1996

MARTÍN-BARBERO, J.: **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.4ª ed.

_____. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva.** São Paulo: Editora SENAC, 2001.

MARTINS, J.B.: **Observação participante: uma abordagem metodológica para a psicologia escolar.** *Semina:Ci.Soc./Hum.,* Londrina:UEL. vol. 17, n. 3, p. 266-273, 1996.

MASINI, E.F.S.: Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação. In.: FAZENDA, I.C. (org.) **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez Editora, 1989.

MEDITSCH, E.: **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo.** Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 2001.

_____.: **Mario Kaplun: teoria e técnica radiofônica a serviço da emancipação latino americana.** Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal, RN: 2-6, set, 2008.

MELO, J.M.: **Educomídia: alavanca da cidadania.** São Bernardo do Campo: UMESP, 2006.

MELUCCI, A.: **A invenção do presente**: **movimentos sociais nas sociedades complexas.** Petrópolis: Vozes, 2001.

MERAYO PEREZ, A.: **Identidad, sentido y uso de la radio educativa**. In: www.booc.ubi.pt/radio acesso em 11/07/2003

OROFINO, M.I: **Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade**. São Paulo: Cortez, Instituo Paulo Freire, 2005.

PERUZZO, C.M.K.: Participação nas rádios comunitárias no Brasil. In: MARQUES DE MELO, J.; BRANCO, S. C.: **Pensamento comunicacional brasileiro: o grupo de São Bernardo (1978-1998).** São Bernardo do Campo: UMESP, 1999.

_____. **Da observação participante à pesquisa ação em comunicação: pressupostos epistemológicos e metodológicos.** Texto apresentado no III Colóquio Brasil – Itália de Ciências da Comunicação. (INTERCOM), Belo Horizonte, 2-3 set. 2003.

PIRATARIA NO AR. Revista isto é, nº 1351, 23/08/1995; p.40.

RÁDIO EM REVISTA. Belo Horizonte, maio de 2005, ano I, nº 01

RÁDIO EM REVISTA. Belo Horizonte. Ano 3, (dezembro/2007) nº 4

RAUTH, C.W.: **Adolescentes curitibanos e a recepção do programa Pânico: um estudo de caso**. Curitiba: UFPR, 2006. Dissertação de Mestrado.

REZENDE, S.: **A grande força do rádio**. Revista de Comunicação: ano 10, número 40, junho, 1995.

ROCHA, M.B.M.: **Matrizes da modernidade republicana:** cultura política e pensamento educacional no Brasil. Campinas: Autores Associados, Editora Plano, 2004

SAVIANI, D.: **Escola e Democracia**. São Paulo: Cortez, 1983.

SILVA, J.L.O.A.: **Rádio: oralidade mediatizada o spot e os elementos da linguagem radiofônica.** São Pulo: Annablume, 1999

SILVA PINTOS, V.: **Mario Kaplún: La Comunicación como actitud de vida**. In: PCLA, volume 2, nº 4: jul/ago/set 2001 disponível em http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista8/peerfis%208-1.htm. Acesso 12/06/2008

SOARES, D. K.: **Análise das características das rádios comunitárias na região dos Campos Gerais**. Ponta Grossa: UEPG, 2007. Monografia

SOARES, I.O. Metodologias da educação para a comunicação e gestão comunicativa no Brasil e na América Latina. In: BACEGGA, M.A. (org): **Gestão de processos comunicativos.** São Paulo: Atlas, 2002, 114

_____.**Educomunicação: um campo de mediações.** In: Comunicação & Educação, ano 7, p. 12-24, set/dez. 2000.

SOUZA, O. N. B. ; OLIVEIRA, N. C. M.: **Irradiando o currículo: a proposta curricular do projeto rádio pela educação em análise**. Texto apresentado na 26ª reunião anual da ANPED/2003.

THIOLLENT, ...: **Critica metodológica, investigação social e enquête operária**. Ed. Poles, 1982

TRIVIÑOS, A.N.S.: **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Editora Atlas AS, 1992, 3ª ed.

UMA ONDA NO AR. RATTON, Helvécio, Belo Horizonte/MG, Quimera Filmes, 2002. Filme longa metragem.

VIANNA, H.M.: **Pesquisa em educação: a observação.** Brasília: Plano Editora, 2003

VYGOTSKY, L.S.: **Pensamento e Linguagem.** São Paulo, Martins Fontes, 1987.

WILLIANS, R.: **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO PARA DIAGNÓSTICO

Questionário para Diagnóstico - Pesquisa

DADOS PESSOAIS

1) Nome e sobrenome: _____
2) Data de nascimento: _____/_____/_____
3) Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino
4) Cor: ( ) Branco ( )Negro ( ) Pardo ( )Outro
5) Endereço: _____
6) Você trabalha? _____ Onde? _____

DADOS DE ESCOLARIDADE

7) Você estuda? ( )sim ( )não
8) Onde? (nome da escola) _____
9) Série_____Turno ( )Manhã ( )Tarde ( )Noite
10) A escola é ( )pública estadual ( )pública municipal ( )particular
11) Seus professores utilizam os recursos abaixo nas aulas?

Televisão	( )sim	( )não	( )às vezes	( )nunca
Rádio	( )sim	( )não	( )às vezes	( )nunca
Cinema	( )sim	( )não	( )às vezes	( )nunca
Computador	( )sim	( )não	( )às vezes	( )nunca
Teatro	( )sim	( )não	( )às vezes	( )nunca
Jornal	( )sim	( )não	( )às vezes	( )nunca
Revistas	( )sim	( )não	( )às vezes	( )nunca
Quadrinhos	( )sim	( )não	( )às vezes	( )nunca

DADOS SOCIOECONÔMICOS

12) Sua casa é ( )alugada ( )própria ( )emprestada
13) Você mora com ( )seus pais ( )seus avós ( )outros
14) Quantas pessoas moram com você?
( )uma ( )duas ( )três ( )quatro ( )cinco ou mais
15) Sua casa tem:
Televisão? ( )sim ( )quantas? ____ ( )não
Vídeo? ( )sim ( )quantas? ____ ( )não
DVD? ( )sim ( )quantas? ____ ( )não
Rádio? ( )sim ( )quantas? ____ ( )não
Computador? ( )sim ( )quantas? ____ ( )não
Telefone fixo? ( )sim ( )quantas? ____ ( )não
Telefone móvel – celular? ( )sim ( )quantas? ____ ( )não
Geladeira? ( )sim ( )quantas? ____ ( )não
Freezer? ( )sim ( )quantas? ____ ( )não
Microondas? ( )sim ( )quantas? ____ ( )não
Máquina de lavar roupa? ( )sim ( )quantas? ____ ( )não
16) Você assiste à televisão? ( )sim ( )não Quantas horas por dia? _____
17) Você lê:

Jornal	( )sim	( )não	( )às vezes	( )nunca
Livros	( )sim	( )não	( )às vezes	( )nunca
Revista	( )sim	( )não	( )às vezes	( )nunca
Revista em quadrinhos	( )sim	( )não	( )às vezes	( )nunca

18) Com que frequencia você lê:

Jornal	( )todo dia	( )às vezes	( )nunca
Livro	( )todo dia	( )às vezes	( )nunca
Revista	( )todo dia	( )às vezes	( )nunca

Revista em quadrinhos ( )todo dia ( )às vezes ( )nunca
19) Onde você lê:
Jornal ( )em casa ( )na escola ( )no ônibus ( )na biblioteca ( )outro
Livros ( )em casa ( )na escola ( )no ônibus ( )na biblioteca ( )outro
Revista ( )em casa ( )na escola ( )no ônibus ( )na biblioteca ( )outro
Revista em quadrinhos ( )em casa ( )na escola ( )no ônibus ( )na biblioteca ( )outro
20) Você usa computador? ( )sim ( )não ( )às vezes ( )nunca
21) Onde você usa computador? ( )em casa ( )na escola ( )no trabalho ( )"lan house" ( )outro
22) Quanto tempo você fica no computador?
( )meia hora por dia ( )uma hora por semana
( )uma a duas horas por dia ( )duas horas por semana
( )três a quatro horas por dia ( )três a quatro horas por semana
( )mais de quatro horas por dia ( )mais de quatro horas por semana
23) Quando usa computador, você:
Digita trabalhos escolares? ( )sim ( )não ( )às vezes ( )nunca
Digita trabalhos profissionais? ( )sim ( )não ( )às vezes ( )nunca
Acessa a internet? ( )sim ( )não ( )às vezes ( )nunca
Acessa site de busca? ( )sim Qual? _____ ( )não ( )às vezes ( )nunca
Acessa chat? ( )sim ( )não ( )às vezes ( )nunca
Acessa blog? ( )sim ( )não ( )às vezes ( )nunca
Acessa orkut? ( )sim ( )não ( )às vezes ( )nunca
Faz trabalhos escolares pelo MSN ou outro "mensenger"? ( )sim ( )não ( )às vezes ( )nunca
Acessa jogos eletrônicos pela internet? ( )sim ( )não ( )às vezes ( )nunca
Acessa e-mail? ( )sim ( )não ( )às vezes ( )nunca
Assiste a filmes / vídeos pela internet? ( )sim ( )não ( )às vezes ( )nunca
Elabora páginas na internet? ( )sim ( )não ( )às vezes ( )nunca
24) Você vai ao cinema com que freqüência?
( )uma vez no mês ( )uma vez na semana
( )duas vezes no mês ( )duas vezes na semana
( )três vezes no mês ( )três vezes na semana
( )mais de três vezes no mês ( )mais de três vezes na semana
( )uma vez por ano ( )nunca vai ao cinema
25) Qual o último filme que assistiu no cinema?_____
26) Qual o último filme que assistiu na televisão?_____
27) Você assiste novela? ( )sim ( )não ( )às vezes ( )nunca
28) Qual/Quais? _____
29) Você ouve rádio? ( )sim ( )não
30) Quanto tempo?
( )meia hora por dia ( )uma hora por semana
( )uma a duas horas por dia ( )duas horas por semana
( )três a quatro horas por dia ( )três a quatro horas por semana
( )mais de quatro horas por dia ( )mais de quatro horas por semana
31) O que você ouve no rádio?
( )música ( )noticiário ( )horóscopo ( )piada ( )outro
32) Qual o programa de Televisão que mais gosta?_____
33) Qual o programa de rádio que mais ouve?_____

34) Onde toca este programa? _____
35) Sua escola tem programação cultural? ( )sim ( )não ( )às vezes ( )nunca
36) A escola onde estuda participa de algum programa de rádio ou televisão?
( )sim ( )não ( )às vezes ( )nunca
37) Você participa de :
Grupo de jovens na Igreja? ( )sim ( )não ( )às vezes ( )nunca
Grupo de hip hop? ( )sim ( )não ( )às vezes ( )nunca
Grupo de pagode? ( )sim ( )não ( )às vezes ( )nunca
Grupo de grafite? ( )sim ( )não ( )às vezes ( )nunca
Grupo de rap? ( )sim ( )não ( )às vezes ( )nunca
Grupo de break? ( )sim ( )não ( )às vezes ( )nunca
Grupo de futebol? ( )sim ( )não ( )às vezes ( )nunca
Grupo de dança? ( )sim ( )não ( )às vezes ( )nunca
Grupo de samba? ( )sim ( )não ( )às vezes ( )nunca
38) Você já esteve em alguma rádio comunitária? ( )Sim ( )Não
39)Você já participou de algum programa de rádio comunitária? ( )sim ( )não
40) Qual a rádio comunitária que você ouve? _____

ANEXOS

A – ROTEIRO DO PROGRAMA DA EQUIPE “MACACOS”

B – TRANSCRIÇÃO DO PROGRAMA 1 “DROGAS”

C – TRANSCRIÇÃO DO PROGRAMA 4 “AFRODESCENDENCIA”

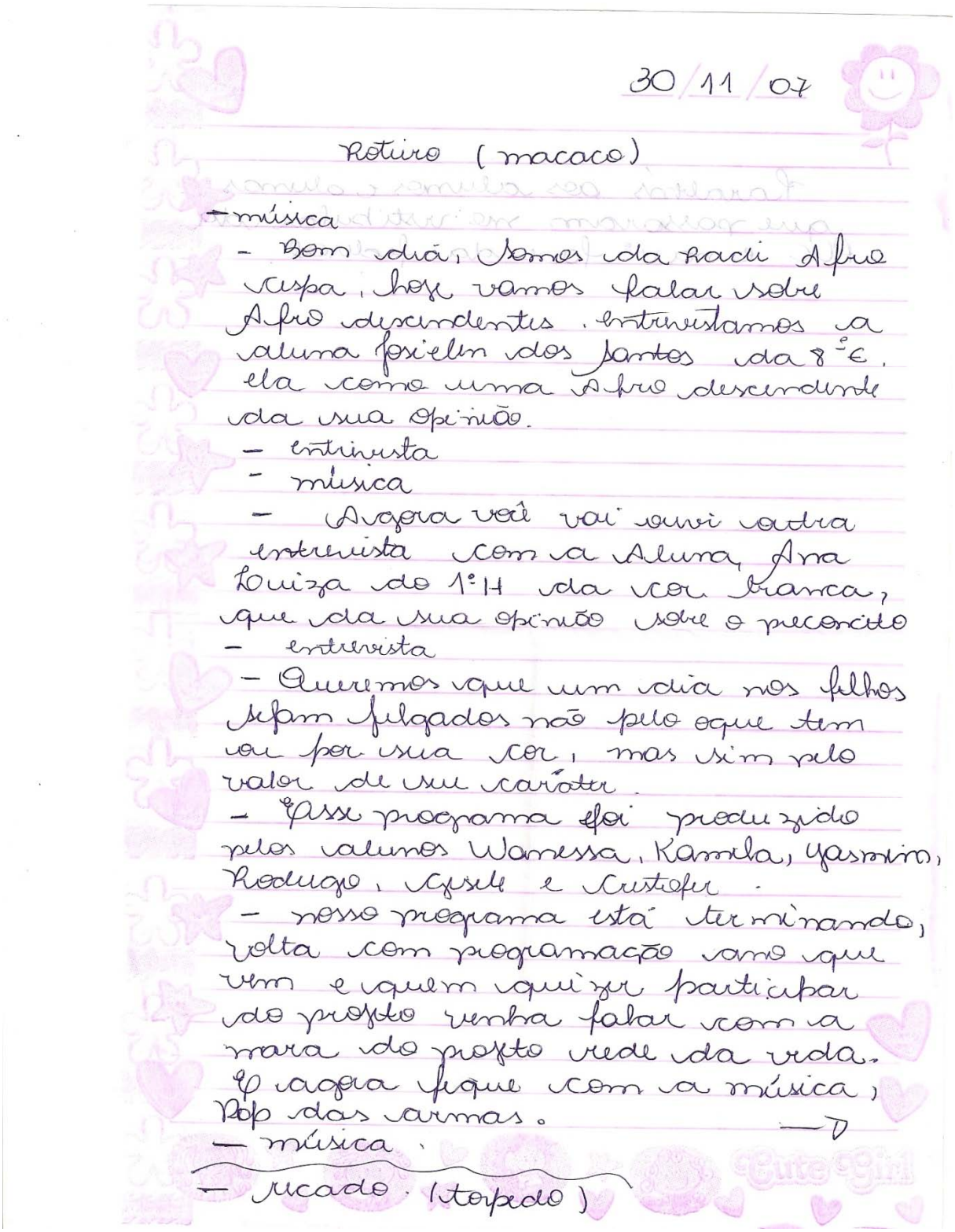
D – APOSTILA OFICINA AQUECIMENTO DE VOZES

E – APOSTILA OFICINA EDIÇÃO E IMPROVISAÇÃO

F – MÚSICAS

G – CD DE ÁUDIO PROGRAMAS DROGAS E AFRODESCENDENCIA

ANEXO A – ROTEIRO DO PROGRAMA DA EQUIPE “MACACOS”



30/11/07

Roteiro (macaco)

- música
- Bom dia, Somos da Radi Afro cespa, hoje vamos falar sobre Afro descendentes. entrevistamos a aluna Josielen dos Santos da 8ª E. ela como uma Afro descendente da sua opinião.
- entrevista
- música
- Agora você vai ouvi outra entrevista com a Aluna, Ana Luiza do 1º H da cor branca, que da sua opinião sobre o preconceito
- entrevista
- Queremos que um dia nos filhos sejam julgados não pelo oque tem ou por sua cor, mas sim pelo valor de seu caráter.
- Esse programa foi produzido pelos alunos Wanessa, Kamila, Yasmin, Rodrigo, Gisele e Cristofer.
- nosso programa está terminando, volta com programação ano que vem e quem quizer participar do projeto venha falar com a mara do projeto rede da vida. E agora fique com a música, Pop das armas. →
- música.
- recado. (torpedo)

Parabéns aos alunos e alunas que passaram no vestibular da PUC e na 1ª fase da federal.

ANEXO B - TRANSCRIÇÃO PROGRAMA 1 – DROGAS

Anderson Moreira: Esta rádio é sua. Daqui a pouquinho vai estar rolando a rádio escola aqui no pátio.
Locutor 1: Aí você... é você de calça branca. Calça brancaaaaa
Locutor 1: Oi pessoal . Silêncio fazendo o favor aí...
Vinheta: um programa jovem que bombou escute a rádio escola agora /// som bomba!!!
Silêncio
Anderson Moreira: O primeiro programa da rádio escola aqui do Colégio São Pedro Apóstolo. E pra vocês poderem ouvir o movimento daqui do bairro, é o primeiro programa da nossa rádio e você quiser apresentar um programa aqui também pode . é só você vir aqui conversar com a Mara no projeto Rede da Vida pra você apresentar teu programa sobre pagode hip hop axé rock e ....você que manda a rádio é teu. Vem conversar com a Mara. No ano que vem a gente vai realizar algumas oficinas aqui pra que você possa aprender também um pouquinho sobre locução reportagem pra você aprender aí como é que faz um programa, uma grade de programação e é legal que nos intervalos, no recreio, nos horário de recreio você também pode ter um programa aqui pra apresentar na radio. Vou pedir mais uma vez pra poder ouvir o nosso programa que você tem precedentes, pra curtir bem o que a galera da oficina de rádio produziu aqui. Daqui a pouquinho nós vamos apresentar a programação de nosso programa.
Uhuhuhuhuhuhuhuu
Diretora: Pessoal...Ó pessoal aí... ó pessoal da rádio escola. Vamos prestar mais atenção; vai começar a inauguração da nossa radio. Se vocês ficarem aí falando não dá pra escutar... só vai começar quando tivermos silêncio. Pronto? Pronto aqui? Meninos aí? Pronto? Vai começar o programa, então, por favor, fiquem calados. Vocês estão aqui hoje por que é inauguração, a partir dos outros dias será na hora do recreio e vocês terão a oportunidade, como ele falou, de estarem escolhendo as músicas de estarem apresentando na rádio de estarem cuidando do equipamento que vai estar chegando daqui a alguns dias

vocês vão poder curtir mas colaborem pra ser uma coisa bem legal mesmo Então aqui agora todo mundo em silêncio pra escutar a programação. Calma! (espera) palmas

Anderson: Vamos fazer silêncio. Bom dia galera. É com muita alegria, muita satisfação que a gente abre a nossa radio escola aqui. De hoje até sexta feira vocês vão curtir os programas que foram produzidos pelos alunos amigos aqui da oficina de rádio e eu vou passar agora a palavra pra Geovana que ta dando uma força. A escola já comprou os equipamentos pra vocês usarem aqui na radio escola. Mais uma vez pra vocês que quer apresentar um programa é só conversar com a Mara aqui no projeto Rede da Vida. No ano que vem a gente vai ta realizando algumas oficinas de locução reportagem sonoplastia edição e aí você também vai poder participar. Vou pedir a colaboração de vocês, que vocês façam silêncio pra poder ouvir o que os amigos de vocês produziram aqui na oficina de radio. Vou passar a palavra agora pra geovana.

Geovana (diretora): Queridos alunos, é com prazer que eu inauguro hoje inauguramos todos juntos o sonho que eu sempre tive aqui na escola. O momento de vocês terem de falar, de sugerirem de criticarem, de colocarem música, de se divertirem no recreio de se descontraírem, que é a nossa radio escola. Que a partir de hoje está inaugurada a rádio escola do CESPA.

Uhuhuhuhuhuhuhuhuhuhuhu

Música...

Locutor Cleverson: Olá galera do São Pedro Apóstolo. É com muita alegria e muita satisfação que inauguramos hoje o nosso programa da rádio escola. Nosso programa vai ao ar nos intervalos . Esta é mais uma inicitaiva do projeto rede da vida que conta com o apoio do cefuria, da Mara do Anderson da Ana Elisa e principalmente da nossa diretora Geovana

Locutora 2: Contamos também neste momento com o apoio de toda a nossa equipe.

(Música ao fundo do Lulu Santos)

Locutor 1: Pretendemos trazer para vocês música notícias recados entrevistas e muito mais. Hoje vamos tratar de um assunto bastante falado e muito polêmico que é a droga.

Locutora: Vamos agora com a entrevista de uma aluna sobre esse tema polêmico.

Música do Gilberto Gil no fundo

Entrevista: Locutora: É quanto tempo você usa droga?

Entrevistada: Eu usei drogas durante quatro anos.

Locutor 1: Você sentiu vontde de parar há quanto tempo?

Entrevistada: Ah... já faz uns seis meses

Locutor: Isso... você tá vendo que faz falta?:

Entrevistada: Não faz falta. Pra mim não faz. Quando eu usava eu era uma pessoa muito agressiva, eu eu não queria saber de estudar eu não parava na minha casa, os meus pais me tratavam mal por isso mas hoje em dia eu sou uma pessoa recuperada e não uso mais e eu me sinto uma pessoa vitoriosa, me sinto muito bem agora sem usar essa droga

Locutora: E você, e você, como que isso aconteceu? Você procurou ajuda, você ficou em algum lugar, você fez algum tipo de tratamento?

Entrevistada: Eu... é agora eu comecei o tratamento porque eu fui presa. Me pegaram com droga, a polícia me pegou com droga e fui presa e aí eu comecei iniciei o tratamento no Cara Limpa que é uma casa de recuperação que ajuda meninas assim né ... e aí eu comecei lá e conversei bastante com a psicóloga e tal e agora eu to bem .

Locutora: E esse local, o Cara Limpa você disse, é uma casa onde os outros dependentes podem procurar , mesmo sem terem sido presos, podem procurar o tratamento?

Entrevistada: Podem

Locutora2: Como que foi ser presa?

Entrevistada: Foi ruim viu.. fiquei com medo na hora. Eles me levaram, me assustaram, chegaram até bater na minha amiga, em mim eles não bateram, mas bateram na minha amiga e levaram nós lá no Caviá, lá no Tarumã. E eles vieram assim, me enquadraram, me algemaram, me xingaram daí falaram assim que tinha que ir embora. Aí o da viatura falava pra um sujeito que me olhava: aí, ta vendo o que que essas meninas fazem quer ir preso que nem elas elas? Aí algemaram a guria que tava lá querendo bater em nós. Ela tava lá batendo em nós por causa do policial, do outro lá que era legal, senão ela tinha batido em nós.

Locutora: E agora? Você vai fazer de volta?

Entrevistada: Não. Jamais. Não

Locuitora: Não tem mais vontade?
Entrevistada: Não.
Locutora: Qual o tipo de droga que você já usou?
Entrevistada: Maconha, cocaína, clorofórmio, ... tiner, cola, ...
Locutora: E crack?
Entrevistada: Não, Crack não.
Locutrora: Que conselho você daria pra quem ta começando a usar agora?
Entrevistada: É... que ele não se vicie ne. Que quem entra nesse mundo só tem dois caminho. Um caminho de sangue ou o caminho do cemitério.
Locutora: você poderia dizer hoje em rápidas palavras o que significa a escola pra você hoje?
Entrevistada: A escola significa muita coisa pra mim. Muito mesmo. A escola que me influenciou pra mim parar com tudo isso que eu usava, e tem a Geovana né, também que me ajudou bastante eu acho q se eu não tivesse o apoio dela se os alunos, eu acho que eu não estaria aqui dando esta entrevista para vocês.
Locutora: E você pode falar que a escola é como sua família?
Entrevistada: Posso. Hoje é. Por que aqui eu me sinto segura. Aqui eu me sinto segura.
Locutora. Como que você se sente segura na escola?
Entrevistada: ah por que eu sei que aqui dentro não tem ninguém que me leve pros maus caminhos, né. Aqui dentro não.
Locutora: Você acha que se alguém chegasse hoje te oferecesse alguma coisa você ia cair de volta ou você ia ser forte e dar o fora?
Entrevistada: Ah... eu ia dar conselho pra pessoa que tivesse me oferecendo pra não fazer.
Locutora: Muito bem. Nós queremos te agradecer por essa entrevista. Você foi muito forte , muito ... você é uma vitoriosa, foi muito espontânea, e muito obrigada em nome da nossa radio escola são pedro apostolo.
Som dos aplausos da platéia.....
Locutora: Aí gente ... agora vocês vão curtir a música Depoimento dos viciados do Realidade Cruel e daqui a pouquinho vocês vão curtir a outra parte da entrevista. Valeu!
Entra a música...

Locutora: Agora galera vocês vão ouvir a segunda parte da entrevista:
Entrevistadora: É... quanto tempo você usou drogas? Cara limpa uma casa de recuperação...
(alunos percebem que colocaram a mesma entrevista... e vão diminuindo o volume da transmissão) Entrada da locutora.
Locutora: Pois é galera. Vimos aí um depoimento sincero de alguém que já foi usuário de drogas e mas que resolveu lutar contra isso e buscou ajuda. Agora é uma pessoa recuperada e nos mostra que é possível sim viver sem as drogas.
Locutor: E aí galera. Que tal refletir sobre isso?
Locutora: O programa contou com a locução de Cleverson e Daniela, na produção, Dalva e companhia, na sonoplastia, Janaina do 1ºI, Jéssica e Jéssica (8ªA e 1ºJ)
Locutora: Muito obrigada por ouvirem a nossa rádio. Essa foi só a primeira de muitas
Locutor: E aí galera este foi o primeiro programa e no decorrer da semana vai vir novos programas com temas diferentes.
Locutora: Agora vocês ficam com a música Culpa Mãe.
Silêncio... som da platéia...
Entra a música.
Locutor: E aí galera. Eu queria pedir desculpas pelo nosso DJ aqui que ele está muito nervoso, é a primeira vez e acontece alguns improvisos, mas no próximo vai ser muito legal. (por cima da música)

ANEXO C: TRANSCRIÇÃO PROGRAMA 4: AFRO DESCENDÊNCIA

Início: música de capoeira...
Locutor 1: Bom dia galera! Somos da rádio AfroCespa e hoje nos vamos falar sobre a Afro descendência. Entrevistamos a aluna Josiely dos Santos da 8ªE e ela como uma afro descendente dá a sua opinião. (sob a música de fundo da capoeira – Maculelê... diminuindo o som , entra a entrevista)
Locutor 2: O que você entende sobre a cultura afro?
Aluna Josielen: a cultura afrodescendente é tudo de onde nós viemos e o que somos. A minha cultura e, a minha descendência é africana, sou de cor negra, tenho um metro e oitenta e pelo que eu vejo aqui no Brasil tem muito racismo dessas coisas que da cultura que vc tem, de onde vc veio, da onde vc veio e na cultura afro, ainda mais os negros, assim, são, muito preconceito, muita gente falando, muita gente critica, é isso que eu acho. E eu tento defender o que sou, a minha cor,m a minha raça simplesmente.
Locutor: Você já sofreu algum tipo de racismo e como você se sente?
Josielen: Já sofri sim, uma vez. Todos os membros da minha família já sofreram, todos são negros, ma uma vez eu ouvi com meu irmão, ele falou assim lá onde trabalhava que era um lava rápido e perguntou pro dono se tinha saco preto e o dono do lava rápido disse que o preto que ele tinha era ele assim... Eu também já sofri na rua, muita gente xingando, muita gente zoando e eu me sinto assim muito triste por ver que as pessoas ligam muito pra esse lance de cor e não ligam pro que você é, do que você tem e não vê o interior da pessoa e como que a pessoa é.
Locutor: e Aqui na escola, você já sentiu o preconceito?
Josielen: Aqui verbalmente não, mas só que tem que as pessoas me olham às vezes, que eu passo cochicham, mas eu não ligo por que o que eles falam de mim o problema é deles, o que importa é eu to aí e to vivendo.
Locutor: Obrigado
Silêncio ....Música – rap
Locutor: Agora você vai ouvir a outra entrevista com a aluna Ana Luisa do 1ºH, da cor branca, que dá a sua opinião sobre o preconceito

Locutora: Somos da Rádio Cespa e queremos saber a sua opinião sobre a afrodescendência

Ana Luiza: Meu nome é Ana Luiza eu tenho a pele clara e eu acho que o preconceito é uma coisa, assim, que eu acho que muito não deveriam ter. E eu, eu (show de bola) sinto muito com relação aos negros, mas os negros às vezes podem ter preconceito contra eles mesmo ou eles terem preconceito com as pessoas de pele clara e entre eles mesmo. Mas eu acho assim que é uma coisa assim pessoal que não deveria ter mas existe muito em nosso país.

Locutor: Eu gostaria de saber se você já sofreu preconceito por ser de cor mais clara...?

Ana Luisa: Ah... eu ainda não sofri nenhum preconceito assim grave, é mais brincadeira tipo assim arroz agulha, burra, loira burra, sereia, porque a loira é burra, não sei o que, só este tipo de preconceito que eu já senti.

Locutor: Queremos que um dia nossos filhos sejam julgado não pelo que tem ou por sua cor, mas sim pelo valor de seu caráter. Agora vamos aos alunos e alunas que passaram no vestibular da PUC e na primeira fase da Federal.

Locutora: essa foi uma produção dos alunos Wanessa, Kamila, Yasmim, Rodrigo, Gisele e Cristofer.

Locutor: Nosso programa está terminando, volta com programação ano que vem e quem quiser participar do projeto venha falar com a Mara do projeto Rede da Vida. E agora fique com a música Rap das Armas.

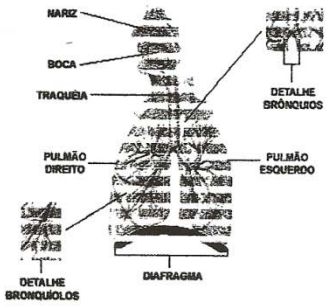
Música...

ANEXO D – APOSTILA DA OFICINA AQUECIMENTO DE VOZES

RESPIRAÇÃO

Sistema respiratório

Sua função é obter oxigênio e eliminar gás carbônico. Na inspiração, o músculo do diafragma se rebaixa e o ar carregado de oxigênio é sugado pela boca ou pelas narinas, passa pela faringe e atinge a membrana da epiglote. A epiglote abre-se e o ar segue pela laringe, traquéia e pelos brônquios até os pulmões, chegando aos alvéolos. O oxigênio atravessa as paredes e penetra na corrente sanguínea, enquanto o gás carbônico produzido pelo organismo penetra nos alvéolos. Inicia-se o processo de expiração: o diafragma e os pulmões se contraem e o ar é expulso, eliminando o gás carbônico.



Narinas

Têm a função de conduzir, aquecer, umedecer e filtrar o ar. A entrada de ar também pode ser complementada pela boca. Do nariz ou da boca o ar passa pela garganta (faringe). A caixa craniana contém cavidades (seios da face) que estão cheias de ar.

Traquéia

Depois de passar pela garganta, o ar entra na traquéia, tubo subdividido em dois brônquios que levam o ar até o pulmão. Uma lâmina chamada epiglote fecha o orifício superior do tubo quando a pessoa come ou bebe e abre-se apenas para a passagem do ar.

Laringe

Órgão responsável pela voz. Localizada na parte superior da traquéia, a laringe constitui-se de duas membranas que se estiram quando o ar é expelido, formando o som.

Pulmões

Principais órgãos do sistema respiratório. São duas grandes massas esponjosas localizadas no tórax e protegidas pelas costelas. O ar chega aos pulmões através de bronquíolos (ramificações dos brônquios). Estes carregam de ar os alvéolos pulmonares (microscópicos "sacos de ar" de paredes finíssimas). Nos alvéolos, o ar inspirado irá oxigenar o sangue e receber deste o gás carbônico produzido por todas as células do organismo. Os pulmões possuem cerca de 300 milhões de alvéolos.

Diafragma

É o músculo responsável, junto com os músculos das costelas, pelo movimento constante dos pulmões, o que permite a entrada e a saída de ar. Está localizado na base dos pulmões, acima do abdômen. Quando o diafragma se expande (inspiração), o ar é sugado através das narinas e da boca. Quando ele se contrai, o ar é expulso (expiração), eliminando o gás carbônico no ar expirado.

Respiração colocada

Quando você respira profundamente não deve haver elevação no peito, mas sim na barriga, pois a respiração abdominal é a correta. Se você, ao respirar, estiver usando toda a capacidade pulmonar, sem dúvida você estará com sua respiração "colocada", caso contrário estará usando

para que possamos pronunciar palavras que comecem com esta letra, porém, esta preparação será agora prolongada.

Para se produzir este M interno corretamente, deve-se cerrar os lábios e imaginar um espaço dentro da boca suficiente para caber uma bola de ping-pong. A ponta da língua deve estar em contato com os dentes frontais superiores e o som do exercício lembra a pronúncia do nº 1, porém prolongado e com a boca fechada. É preciso tomar cuidado para que a vibração do som não se torne nasal, pois após um tempo de sustentação deste som, com o apoio da elevação do diafragma, a boca se abre lentamente na pronúncia da sílaba MO, prolongando-se o O.

Relaxamento:

- Circular a cabeça para a Direita e para a esquerda
- Circular a cabeça para os lados, para cima e para baixo
- Fazer caretas procurando utilizar todos os músculos do rosto
- Articular A/E/I/O/U, forçando o diafragma e anasalando as expressões.

Sibilação:

Execute estas sílabas:
Zi - Si - Fi - Chi - Vi - Gui - Qui - Z - S - F - C - V

Para articulação dos RR:
Bar - Mur - Per - Vur - Der - Xar - Cor -Ter - Quer - Dru - Cro - Vri - Fra - Tre - Terê - Fará - Viri - Coro - Duru.

Exercício para relaxamento:
Obs. De forma suave, com baixa intensidade.
ME - TRÚ - VÊ - JÊ - QUE - GUE - ZÊ - BRÊ

Limpeza das cordas vocais e Fono-Articulação:
"O mameluco maluco e melancólico meditava e a megera megalocéfala macabra e maquiavélica mastigava mostarda na maloca, minguadas e míseras miavam na moagem mas mitigavam mais e mais as meninas"

Para leitura lenta:
"E há nevoentos desencantos dos encantos dos pensamentos nos santos lentos dos recantos bentos, dos cantos dos conventos. Prantos de intentos, lentos tantos que encantam os atentos ventos."

HIPERARTICULANDO PALAVRAS (SILABAÇÃO)

Pronunciar **exageradamente** cada sílaba das palavras no exercício a seguir:

O PRESTIDIGITADOR PRESTATIVO E PRESTATÁRIO ESTÁ PRESTES A PRESTAR A PRESTIDIGITAÇÃO PRODIGIOSA E PRESTIGIOSA.

A PRATARIA DA PADARIA ESTÁ NA PRADARIA PRATEANDO PRADOS PRATEADOS.

TROVAS E TROVÕES TROVEJAM TROCANDO QUADROS TROCADOS ENTRE OS TROVADORES ESQUADRINHADOS NOS QUATRO CANTOS.

FRAGA DEFLAGRA UM DRIBLE, FRANCO FRANQUEIA O CAMPO , O POVO SE INFLAMA E ENFRENTA O PRECLARO JURI, QUE DECLARA GRAVE O PROBLEMA.

DICÇÃO

A DICÇÃO é fundamental para a compreensão do que é pronunciado. Esta parte "mecânica" da fala não é difícil de ser corrigida. É preciso ficar atento ao modo como falamos no dia-a-dia.

A seguir alguns exercícios curiosos para sua dicção.

EXERCÍCIO PARA CORREÇÃO DA ARTICULAÇÃO DA LETRA "S".

Aumente as vogais e diminua o "S" para reduzir o chiado.

AS - ES - ÊS - IS - OS - ÔS - US

aspas, haste, máscara, asterisco, casta, largas, asas, paz, jaz, estes, destes, mesmos, destino, vestes, lesmas, escada, estímulo, isca, estória, listas, pista, mistura, dentista, artista, abismo, gosta, oposto, constituinte, luz, susto, justiça, rústico, músculo, cuscuz, custos, aspargos, bisca, biscoitos, costas, costura, fustão, gás, mastro, descaso, pestana, prestígio.

EXERCÍCIOS DE ARTICULAÇÃO DE VOGAIS

A

- Arara na sala, jararaca na lapa.
- Macaca malhada cai na galhada.
- Ada vai à casa de Nana apanhar na chácara jaca e cajá.
- Mana Tânia e Mana Vânia estão na cama.

E

- A plebe em greve investe contra o mestre.
- Celeste recebe cheques.
- Clemente demente está crente que é Tenente.
- Celene e Mercedes, gente de bem, recebem sempre presentes excelentes.

I

- Tia Mimi dividiu os siris de Tipiti com Bibi, Gigi e Guigui.
- Íris e Lili foram à missa.
- O brinde continha cinco brincos.
- E assim, tim-tim por tim-tim, foi o fim dos quindins e dos pudins.
- Sim, vi Íris comer o rim do pingüim.

O

- Totó tem xodó pelo gogó da vovó.
- Após o monótono prólogo, vozes formosas solam.
- Ivo Sólon comprou bombom de gosto bom no ponto do Leblon.
- O pombo tomba no lombo do corcel do cônsul.

U

- Zuzu deu uvas ao urso.
- Urus e urubus escutam cururus, surucucus e sucurijus.
- Que zum-zum por causa do atum.
- Comi tutu, chuchu na cabana do zulu.

EXERCÍCIOS DE ARTICULAÇÃO DE CONSOANTES

M

- A mucama modulando monótonas melodias moía o milho macaxeira para a moqueca e o mugunzá do medonho mercador de mugangalas.
- Malé maloqueiro mandou o moroso menino mendigar da miúda mulher da moradia do morro.
- Maria madalena mãe de Margarida machucou a mão martelando madeira maciça.
- Mamão melado, melão e melancia macia murcham misturadas na masmorra molhada.

B

- Bela baiana, boneca de bronze, bailava brejeira um burlesco bedenguê da Bahia.
- É o bamba do bambu de bambuá, bambuletê, bambulalá.
- Basílio Bernardes Barbosa brinca batendo bastante bola.
- Bernardete belisca Belina.

P

- Pedro Pepe pulou o pátio para penetrar paulatinamente no palácio para pegar papagaios, periquitos e pipas.
- Papai patrão, pareço pobre, porém possuo pataca.
- O papagaio picou a prateleira perto da porta.
- Patrício partiu para o Pará; parecia preocupado.

F

- Na oficina "Quem com ferro fere com ferro morre" forjam frente a frente, com fragor o ferreiro Felisberto Furtado e seu filho Frederico Felizardo. Na fornalha flamejante fulge o fogo com furor; o fole frenético faz fumaça e fagulhas fulgurantes que ofuscam. Afinal ofegante e farto de fazer força o Felisberto Furtado força o filho fanfarrão a forjar com firmeza e sem fadiga ferraduras, ferrolhos e ferramentas.
- Felício, filho do ferreiro Fabrício, facilmente furtava figos da fazenda do felizardo Frederico.
- Filomena Felícia Fonseca. Formosa flor, farmacêutica faz formidáveis fórmulas; fabricou famosos fortificantes, fazendo felizes fregueses.

V

- O vento veloz varre a várzea com violência. Verdugo vingativo vergasta vigoroso a vegetação que reveste o vale vulnerável de Votuverava. Gaivotas aventurosas voam na voragem em vertiginosas reviravoltas.
- Vilma varre vagarosamente a vasta varanda varrida pelo vendaval vigorosos.
- Vera e Vânia vestiam vaporosos vestidos vermelho-vivo.
- Valéria vai no volante de seu veículo com vovó, Vitor e Vasco.

T

- O turco Tatuado troncudo e tagarela com tabuleiro a tiracolo, troca tudo pelo triplo; tecidos, ternos, túnicas, tapetes, toucas, tetéias, tesouras, talheres, termômetros, torneiras, tigelas, turíbulos, taramelas, tintas, treliças, tamborins, tartarugas, talismãs, etcetera e tal.
- Teresa Tavares trancou Tânia, tendo também trancado todos os três travessos: Túlio, Tristão e Tadeu.
- Titãs produziram tinidos nas portas e nos tímpanos tilitantes de poderosa torre.

D

- Dançam depressa, disciplinados e decididos os dez dedos delgados da datilógrafa dinâmica que decifra os documentos de déspota draconiano para o diário de deputado demagogo.
- Doutor Décio Durval, deputado dinâmico, desmentiu as declarações dos diplomatas Dirceu e Délio, dizendo a discordância desses dois.

- Dona Dulce, datilógrafa do doutor Danilo, distraiu-se dançando e divertindo-se demoradamente na Dinamarca.
- Doutor Dagoberto descreveu dezenas de doutrinas e dogmas adotando o doutorado dele editado.

R

- O rato roeu a roupa do rei de Roma e da Rainha Regina.
- O rato, a ratazana e o ratinho roeram as rútilas roupas e rasgaram as ricas rendas da rainha Dona Urraca de Rombarral.
- A serrilha do serrote do carpinteiro range serrando ripa verde.
- Ri o roto esfarrapado, ri o torto atarracado, mas não ri o morto aparvalhado.
- O melro comeu todos os pilritos do pilriteiro.
- A bilroeira bilrou os bilros.

ANEXO E – APOSTILA DA OFICINA EDIÇÃO E PROGRAMAÇÃO

www.educomradio.com.br
www.educomradio.com.br/centro-oeste

Gêneros e formatos radiofônicos

Eduardo Vicente

O assunto "gêneros" é bastante polêmico, não existindo consenso entre os diferentes autores nas suas classificações das produções. A própria idéia de classificação é questionada sendo possível afirmar que, em certos círculos intelectuais, "esse tipo de discussão se tornou alguma coisa anacrônica, quando não irrelevante"[1]. Não concordamos com essa posição, entendendo que a classificação de gêneros fornece, no mínimo, condições para uma compreensão mais didática das possibilidades de produção que o rádio pode nos oferecer.

O perigo de que devemos sempre fugir é o de um enquadramento rígido das produções, que nos leve a discussões intermináveis sobre a classificação de uma determinada obra ou, mais grave ainda, aprisione nossa criatividade.

Assim, a classificação que se segue deve servir apenas como uma orientação geral. Além disso, ela é necessariamente incompleta, já que se resume aos gêneros e formatos que consideramos mais importantes dentro da proposta do **Educom**. Ela também não segue rigidamente a classificação de nenhum de autor, sendo resultado tanto do cruzamento de diferentes obras quanto de nossas opiniões e experiências pessoais. Para uma discussão mais aprofundada sobre o tema recomendamos, entre outros, o livro **Gêneros Radiofônicos**, de André Barbosa (Ed. Paulinas, São Paulo, 2003).

1. MACHADO, Arlindo. *A Televisão Levada a Sério*. São Paulo, Senac, 2001.

Antes de mais nada, devemos fazer a diferenciação entre **gênero** e **formato radiofônico**. Consideramos como de **gênero radiofônico** uma classificação mais geral da mensagem, que considera o tipo específico de expectativa dos ouvintes que ela visa atender. Os gêneros radiofônicos que apresentaremos aqui serão o publicitário ou comercial, o jornalístico ou informativo, o musical, o dramático ou ficcional e o educativo-cultural. **Formatos radiofônicos** são os modelos que podem assumir os programas realizados dentro de cada um dos diferentes gêneros.

Vale relembrar o perigo das formulações rígidas acrescentando que há, como veremos a seguir, programas que acabam misturando diferentes formatos de diferentes gêneros radiofônicos! Mas a gente entende isso melhor só quando solta a imaginação, cria os próprios programas e, muito importante, ouve o rádio e os exemplos sonoros oferecidos pelo **Educom**.

Mas vamos à apresentação dos gêneros.

GÊNERO PUBLICITÁRIO OU COMERCIAL

É aquele que tenta seduzir, convencer, vender uma idéia ou produto. Seus formatos mais conhecidos são:

© Núcleo de Comunicação e Educação - NCE-ECA/USP
Supervisor: Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares

Jingle: É um anúncio cantado, normalmente de melodia simples ou conhecida, que tenta fixar a marca ou produto na memória do ouvinte.

BG: É uma peça locutada com fundo musical. Muitos comerciais de rádio e TV são assim. Normalmente, a música de fundo é instrumental (a chamada **trilha branca**), para não prejudicar a compreensão da locução. A sigla BG vem da palavra inglesa **background**, que quer dizer fundo.

Assinatura: É um texto curto que associa o produto ao evento ou programa que ele patrocina (como "sob o patrocínio de..." ou o famoso "as Pílulas de Vida do Dr. Ross orgulhosamente apresentam...").

Vinheta: É a abertura de um programa. Normalmente traz um tema musical (como o dos programas esportivos da Jovem Pan ou, na TV, do Jornal Nacional, por exemplo).

Testemunhal: É o tipo de publicidade que se utiliza da "credibilidade dos comunicadores – apresentadores e animadores de programas – quando da leitura de um texto comercial, tendo em vista o convencimento do público"[2]. Esse tipo de publicidade é muito usado também na TV, em programas como o do Ratinho e da Ana Maria Braga.

Spot: É um comercial com locução que pode ser apoiada por trilha musical, efeitos e ruídos. É o tipo mais criativo de peça publicitária, podendo usar elementos ficcionais e humorísticos (contar uma história, ter diferentes personagens, etc).

GÊNERO JORNALÍSTICO OU INFORMATIVO

É aquele em que o rádio busca levar ao ouvinte a informação da forma mais atualizada e abrangente. Embora não estejamos adotando essa posição, vale mencionar que alguns autores preferem dividir esse segmento em gênero jornalístico (onde as notícias seriam mais isentas) e opinativo (onde haveria maior subjetividade) Seus formatos mais usados são:

Nota: Informe curto (por volta de 30 s.) e sintético sobre um fato ou acontecimento.

Boletim: informativo curto (com, no máximo, cinco minutos de duração) e apresentado com maior frequência, que traz uma síntese das notícias mais importantes do dia.

Reportagem: Matéria específica e de maior fôlego sobre um determinado tema. Pode incluir entrevistas, externas, opinião do repórter, BG, etc. Poderíamos considerar a reportagem como um formato que combina elementos dos gêneros jornalístico e opinativo.

Entrevista: Depoimento dado a um ou mais repórteres tanto em estúdio quanto em externas. É esperada do repórter isenção e objetividade na elaboração das perguntas, bem como na condução da entrevista.

Externa: matéria jornalística feita a partir do local do acontecimento, que não só busca levar ao ouvinte a informação mais recente como também o clima, a ambientação do local onde estão ocorrendo os fatos. Nesse formato, as descrições do repórter, suas impressões sobre o que acontece ao seu redor e os depoimentos que consegue obter assumem grande importância.

Crônica: Pode ser esportiva, política, de moda, de comportamento, etc. O que o caracteriza é a liberdade do autor em escolher o tema e de expressar suas opiniões

2. BARBOSA FILHO, André. *Gêneros Radiofônicos*. São Paulo, Paulinas, 2003, p. 126.

© Núcleo de Comunicação e Educação - NCE-ECA/USP
Supervisor: Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares

pessoais sobre o assunto em questão. Assim, o foco da crônica é a persona do autor/apresentador muito mais do que a notícia em si.

Debate: ou mesa redonda. Reúne diferentes personalidades (preferencialmente especialistas sobre um determinado assunto) para, mediados por um apresentador, expressarem seus diferentes pontos de vista sobre um ou mais temas. Pode incluir, também, a participação do ouvinte.

Radiojornal: Programa dividido em diferentes seções que "congrega e reproduz outros formatos jornalísticos, como as notas, notícias, reportagens, comentários e crônicas"[3].

Documentário radiofônico: Formato híbrido, o documentário radiofônico pode incorporar elementos de todos os gêneros aqui apresentados, já que pode incluir entrevistas, depoimentos pessoais, opiniões e dramatização de textos e acontecimentos. Para tanto, necessariamente exige o uso de música e efeitos.

Programas esportivos: Além daqueles produzidos dentro de formatos jornalísticos tradicionais (como a mesa redonda, o boletim, etc), são classificadas como programas esportivos também as transmissões de eventos, entre as quais se destaca evidentemente a de futebol, com toda a tradição que criou no país. Também são muito características do meio radiofônico as transmissões de corridas de cavalo.

3. Idem, ibidem, p. 100.

GÊNERO MUSICAL

É o tipo de programa que ocupa o maior espaço da programação de grande parte das rádios comerciais do país. Preferimos não definir diferentes formatos para esse tipo de programa, já que todos se baseiam na alternância entre música e locução. As variações possíveis vão dos programas onde o locutor pouco interfere numa programação musical quase ininterrupta (caso da maioria das FMs) àqueles em que cada música é precedida de um longo comentário explicativo (às vezes do próprio autor) ou mesmo executada ao vivo.

GÊNERO DRAMÁTICO OU FICCIONAL

As produções desse gênero buscam utilizar todos os recursos da linguagem sonora e radiofônica (música, efeitos, silêncio e vozes) para construir ambientes e personagens e, através deles, apresentar histórias reais ou fictícias. Embora seja pouco usado no rádio brasileiro atual, é um gênero extremamente importante, desafiador e extremamente útil para a expressão de indivíduos e comunidades. Entre seus formatos, podemos destacar:

Rádio-novelas: Dramas radiofônicos de longa duração e divididos em capítulos que, no Brasil, fizeram imenso sucesso no país entre as décadas de 30 e 50. Em inglês, ganharam o apelido de "soap operas" em

© Núcleo de Comunicação e Educação - NCE-ECA/USP
Supervisor: Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares

virtude do fato de serem patrocinadas por fabricantes de sabonete e endereçadas a um público exclusivamente feminino.

Seriado: "É formado por peças independentes umas das outras – tramas diferenciadas com começo, meio e fim –, focalizando personagens centrais fixos"[4].

Peça radiofônica: Formato ainda bastante usado na Europa, a peça radiofônica é uma produção unitária que pode ser tanto a dramatização de uma situação social pertinente à realidade da comunidade que o produz (sociodrama) como uma produção original ou a adaptação de um texto (livro, conto, crônica, história em quadrinhos, etc).

Poemas dramatizados: Sendo o poema uma obra tão ligada à expressão oral (pelo uso que faz da rima, do ritmo, da aliteração, etc) ela se presta muito bem à leitura dramática que pode ser acompanhada de BG, efeitos, intervenções, sobreposições de outras vozes, etc.

Sketch: Quadro cômico curto que pode ser apresentado no intervalo da programação.

GÊNERO EDUCATIVO-CULTURAL

Embora pouco usado no Brasil, esse gênero é bastante comum em países desenvolvidos. Destina-se, como o nome diz, à transmissão de conteúdos educacionais e culturais, sendo os seus principais formatos:

Documentário educativo-cultural: É aquele dedicado a temas artísticos, históricos, sociais e/ou culturais. Como os documentários jornalísticos, eles também podem recorrer aos mais diferentes recursos. São bons exemplos de documentários educativos-culturais produções do projeto "Rádio Escola", do Ministério da Educação, como por exemplo a série "Tirando Versos da Imaginação", que trata da cantoria de viola nordestina.

4. Idem, ibidem, p. 118.

Audiobiografia: Programa que se concentra em discutir a vida e obra de uma determinada personalidade.

Programa Temático: Programa voltado para a discussão do conhecimento dentro de uma área ou tema específico.

.....

Além dos formatos aqui retratados, há outros que não podem ser enquadrados dentro de um gênero específico. Seria esse o caso dos programas infantis e de variedades. Embora dedicados a públicos distintos, eles têm em comum o fato de serem compostos por uma miscelânea de quadros – como jogos, concursos, divulgação de eventos, música, noticiários, dramatização de histórias e situações, apresentação de calouros e convidados, etc – além de reservarem um papel preponderante para seu apresentador e oferecem diferentes possibilidades de participação do seu público (ao vivo, por telefone, carta, internet...).

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros Radiofônicos**. São Paulo: Paulinas, 2003

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o Veículo, a História, a Técnica**. Porto Alegre: Sagra, 2001.

MACHADO, Arlindo. **A Televisão Levada a Sério**. São Paulo: Senac, 2001.

MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio**. São Paulo: Summus, 2001.

VÁRIOS. **Onda Cheveríssima! Comunicación para la Convivência**. Bobotá: Paulinas, 2003.

© Núcleo de Comunicação e Educação - NCE-ECA/USP
Supervisor: Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares

ANEXO F – MÚSICAS

Depoimento de um viciado – Realidade Cruel

são 2 da manhã, e eu de calça e blusa
o tempo frio, do céu cai chuva
eu sou sozinho parceiro e é foda
com meu destino ninguém mais se importa
chegar, ao ponto que eu cheguei é lamentável
estado físico inacreditável eu sinto crise
eu sinto convulsão, é muito triste o meu estado
sangue bom
30 quilos mais magro vai vendo
o resultado é pura essência do veneno
o vício tira a calma, a cabreragem me acelera
o demônio rouba a alma, o inferno me seqüestra
cadê a luz que vem lá do céu
cadê jesus pra julgar mais este réu
tenho vontade de morrer constantemente
o descontrole da mente me deixa impaciente e é foda
eu saio que nem louco pela rua
único mano é o cano na cintura
eu preferia ta falando de amor
falando das crianças e não da minha dor
mas eu sou o espelho da agonia de um homem
sem identidade, caráter, sem nome
sem mercedes, audi ou mitsubish
consumidor da praga do apocalipse
tão jovem sem esperança de vida
tão novo e já suicida
são 2 da manhã e faz chuva
o pesadelo ainda continua...

um dia frio
um bom lugar pra ler um livro
e o pensamento lá em você
eu sem você não vivo (depoimento de um viciado)

eu comecei de forma curiosa
um cigarro de maconha não era droga
era o que todo mundo me falava
experimentei nem eu mesmo acreditava
primeira vez, outra sensação
segunda vez mó barato ilusão
mundo dos sonhos, me sinto mais leve
enquanto isso meus neurônios fervem
sentia fome, sentia a viagem inteira
observava de longe as paisagens
a fumaça me deixava cada vez mais louco
sem perceber eu já era o próprio demônio
segundo passo, veio a cocaína
morava com a minha mãe, me lembro da minha mina felícia
cheirava comigo sem parar
2 loucos 24 horas no ar
parei com estudo, perdi até o trampo
ganhei o mundo e uma desilusão e tanto
perdi a minha própria mãe, que trauma!
morreu de desgosto por minha causa
nem assim eu consegui parar vich!
só a morte pode me libertar
eu roubava pra sobreviver ou melhor
pra manter o vício e não morrer que dó
suicídio e lento era o processo
eu nunca fui estrela, eu nunca fui sucesso
contaminado hiv positivo
qual a diferença do inimigo pro perigo
aí, são 2 da manhã e faz chuva
pesadelo ainda continua
continua ladrão, o pesadelo ainda continua...

um dia frio
um bom lugar pra ler um livro
e o pensamento lá em você
eu sem você não vivo (depoimento de um viciado)

amigo, aí, eu falei esta palavra
me desculpa foi erro, não pega nada
eu nunca tive amigo nessa porra
só prejuízo na vida de ponta a ponta
mas quem vai se importar, eu sou apenas mais um
aidético viciado, infelizmente comum
mais um entre mil ou um milhão ladrão
escravo desta triste detenção
eu não sou rafael e nem a vera fischer
a minha história parceiro é mais triste
eu nunca engoli escova de cabelo
mas já matei pelo crack e por dinheiro
puta que pariu, o inferno me chama
quem sabe lá eu consigo a fama ou o drama
ou a lama de fogo eterno
condenado a escuridão do inferno
hoje, eu sou louco de intensa coragem
com o ferro a favor do crack
não sei se a malandragem é minisérie ou história
mais sei, que a carreira parceiro é sem glória
vou tentar não matar mais ninguém
chega de ser refém, eu preciso é do bem
vou entregar a deus a minha vida
vou acreditar nas palavras da bíblia
arrependido de todos os pecados
ter conseguido escapar do diabo
espero que a minha história sirva de exemplo
pra quem tá começando, parceiro como eu comecei
que se afaste das drogas enquanto é tempo
pra não provar do veneno que eu provei
é embaçado sangue bom, vai por mim
tudo nesta vida tem um fim
são 2 da manhã faz chuva
eu vou orar pela minha alma e pela sua
é madrugada faz chuva
eu vou orar pela minha alma e pela sua...

um dia frio
um bom lugar pra ler um livro
e o pensamento lá em você
eu sem você não vivo (depoimento de um viciado)

Dia de visita – Realidade Cruel

Sinto uma grande vontade de chora ao ver a minha mãe
aqui vindo me visitar talvez se eu tivesse pensado um
pouco mais, talvez hoje eu não estaria atras de uma cela
num pátio de um presidio numa triste tarde de domingo
é foda mano você não sabe é triste pra sobreviver em
paz aqui ser firme veja as fotos penduradas na parede
de madrugada aqui que deve aqui treme, chora, sofre,
pede para não morrer na lei da cadeia é matar ou
morrer, eu agradeço pela visita graças a Deus ainda
tenho família, tenho uns conhecidos, tenho uma par de
mano, na rua no presidio uma par de mano, 15 anos pra
puxar de detenção latrocínio na ficha de um ladrão sinto
uma grande vontade de chora ao ver minha mãe aqui
vindo me visitar.

Mãe como vai lá em casa, como anda os manos da
quebrada, diga pros mano que mandei lembranças, da um
abraço bem forte nas crianças

Mãe como anda lá em casa, como anda os manos da
quebrada, como anda o Duda, como anda o Flavio, como
anda o Mi, o Pixote e o Renato, como anda os manos do
João Paulo cadê o Kenio se estão todos em paz tá
valendo, Hã veja só como é este lugar aqui eu sinto
cheiro de morte no ar, aqui raramente se fala de amor, aqui
constantemente é puro sofrimento e dor, desespero ódio
vingança aqui não tem criança nem me ligo nas
lembranças, um regime cruel interno pra dentro do muro
um verdadeiro inferno
Treta toda hora no meu pavilhão seguro não, não é
lugar de ladrão não, sinto uma grande vontade de chorar
ao ver minha família aqui vindo me visitar, visitar,
visitar, visitar...

Mãe como vai lá em casa, como anda os manos da
quebrada, diga pros mano que mandei lembranças, da um
abraço bem forte nas crianças

Meu filho vem correndo e me abraça eu já não contenho
as lagrimas todo dia na cela eu mesmo digo mais para de
pensar é impossível em liberdade fugir deste lugar
cadeia nunca mais detenção nem pensa lá em cima fica a
minha janela a minha bíblia a minha jega eu devia ter
pensado na hora agora é tarde parceiro é foda eu lá
com revolver na mão dentro da mansão cara a cara com a
vitima e o patrão meu parceiro se aproxima e fala
senta o dedo sem dó maluco mete bala cata o dinheiro e
as jóias que esta no cofre, carro ligado lá fora a gente sai
no pinote tudo certo na seqüência tudo combinado plano
bolado tudo esquematizado cena trágica correria
imagina a minha agonia e ai a reação mano eu nem
pensei sangue frio até a alma eu BUM atirei veja só
até que ponto que o dinheiro leva sinto na pele que agora a
mão de Deus pesa minha mãe minha família meu filho
numa triste tarde de domingo sinto uma grande vontade
de chorar ao ver minha mãe aqui vindo me visitar

Mãe como vai lá em casa, como anda os manos da
quebrada, diga pros mano que mandei lembranças, da um
abraço bem forte nas crianças

Rap das Armas – Cidinho e Doca

Parapapapapapapapapapa
Parapapapapapapapapapa
Papara, papara,
Clack Bum
Parapapapapapapapapapa

Morro do Dendê é ruim de invadir
Nóis com os alemão vamos se divertir
Porque no Dendê eu vou dizer como é que é
Aqui não tem mole, nem pra D.R.E.

Pra subir aqui no morro até a BOPE treme
Não tem mole pro exército civil nem pra PM
Eu dou o maior conceito para os amigos meus
Mas morro do Dendê, também é terra de Deus

Fé em Deus! DJ!

Parapapapapapapapapapa
Parapapapapapapapapapa
Papara, papara,
Clack Bum
Parapapapapapapapapapa

Morro do Dendê é ruim de invadir
Nois com os alemão vamos se divertir
Porque no Dendê eu vou dizer como é que e
Aqui não tem mole, nem pra D.R.E.

Pra subir aqui no morro até a BOPE treme
Não tem mole pro exército civil nem pra PM
Eu dou o maior conceito para os amigos meus
Mas morro do Dendê, também é terra de Deus

Vem um de AR15 e outro de 12 na mão
Vem mais um de pistola e outro de 2 oitão
Um vai de URU na frente, escoltando o camburão
Vem mais dois na retaguarda mas tão de crock na mão

Amigos que eu não esqueço, nem deixo pra depois
Lá vem dois irmãozinhos, de 762
Dando tiro pro alto só pra fazer teste
De ina, ingratec, Pisto, Uzi e Winchester

Aqueles são bandidos ruins, e ninguém trabalha
De AK47 na outra mão a metralha
Esse rap é maneiro eu digo pra vocês
Que é aqueles cara, de M16 ?

A vizinhança dessa massa já diz que não agüenta
Nas entradas da favela, já tem ponto 50
E se tu tomar um "Pá", será que você grita
Seja de ponto 50 ou então de ponto 30

Mas se for alemão, eu não deixo pra amanhã
Acabo com safado dou-lhe um tiro de Fazan
Porque esses alemão, são tudo safado
Vem de Garrucha velha, dádois tiro e sai voando

E se não for de revolver eu quebro na porrada
E finalizo o rap detonando de granada

Parapapapapapapapapapa
Valeu!
Paparapaparapapara kla que bum

Vem um de AR15 e outro de 12 na mão
Vem mais um de pistola e outro com 2 oitão
Um vai de URU na frente, escoltando o camburão
Vem mais dois na retaguarda mas tão de crock na mão

Amigos que eu não esqueço, nem deixo pra depois
Lá vem dois irmãozinhos, de 7 6 2
Dando tiro pro alto só pra fazer teste
De inaltratec,Pisto, Uzi e Winchester

Aqueles são bandidos ruins, e ninguém trabalha
De AK47 na outra mão a metralha
Esse rap é maneiro eu digo pra vocês
Que é aqueles cara, de M16

A vizinhança dessa massa já diz que não agüenta
Nas entradas da favela, já tem ponto 50
E se tu tomar um "Pá", será que você grita
Seja de ponto 50 ou então de ponto 30

Mas se for alemão, eu não deixo pra amanhã
Acabo com safado dou-lhe um tiro de Fazan
Porque esses alemão, são tudo safado
Vem de Garrucha velha, dá dois tiro e sai voando

E se não for de revolver eu quebro na porrada
E finalizo o rap detonando de granada

Parapapapapapapapapapa
Paparapaparapapara kla que bum

ANEXO G – CD DE ÁUDIO PROGRAMAS “DROGAS” E “AFRODESCENDÊNCIA”